O Fórum não é, o Fórum está sendo

O Fórum Social Mundial é um dos principais marcos históricos da primeira década do século 21. Isso é definitivo. Não apenas por conta dos eventos realizados anualmente desde 2001, e que em algumas edições chegou a reunir até 150 mil pessoas, como também pelo que já influenciou o pensamento e a prática política da esquerda mundial.

Ele transformou o nosso fazer político porque, pelo seu processo, nos convenceu a valorizar a multiplicidade e a buscar a construção de consensos, nos tornando mais amplos e tolerantes. E bem menos dogmáticos.

Em geral, esses avanços são tratados como periferia dos processos políticos, quando em geral são o centro, mesmo sem buscar sê-lo. Um tanto dialético. Como também o é a frase da música de Tom Zé: "Quero a unimultiplicidade, onde cada homem é sozinho a casa da humanidade".

O respeito ao individual não é antagônico à construção coletiva, muito pelo contrário. Foi no Fórum que aprendemos mais como isso pode ser realizado na prática.

Este livro de Moacir Gadotti, que foi sendo aos poucos produzido nas páginas da revista Fórum, diferencia-se dos outros já publicados sobre o tema exatamente nisto. Ele valoriza o que não parece ser o centro do FSM: suas etapas de construção, os desafios de conviver com a dúvida de não oferecer respostas prontas, a grandeza de não querer ser e a magia de estar sendo.

Em boa parte dos capítulos, Gadotti utiliza o que em jornalismo chamamos de gancho, neste caso, um evento factual, para refletir sobre o todo. Isso faz com que, ao falar do que aconteceu na edição de Belém, debata a participação dos partidos e governos no processo do FSM. Ou que, ao tratar dos preparativos para Nairóbi, no Quênia, reflita sobre os desafios e a história do continente africano.

E, em quase todos os artigos, Gadotti vai pontuando questões que fazem do FSM essa invenção política inédita, sem precedentes.

moacir gadotti

FÓRUM SOCIAL MUNDIAL
em processo

PUBLISHER BRASIL

FSM-POA
26.01.2010

moacir gadotti

FÓRUM SOCIAL MUNDIAL
em processo

São Paulo 2010

PUBLISHER BRASIL

Copyright © 2010 by Editora Publisher Brasil

Coordenação editorial
Carlos Rizzo

Ilustração p. 19
Luciano Tasso

Capa e projeto gráfico
Ed Goularth

Revisão
Edméa Garcia Neiva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

G125f Gadotti, Moacir.
Fórum Social Mundial em processo / Moacir Gadotti. – São Paulo : Publisher Brasil, 2010.
112 p.

Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-85938-62-8

1. Fórum Social Mundial. 2. Ciências sociais. 3. Política. I. Título.

CDU 3 CDD 300

Índices para catálogo sistemático:
1. Ciências sociais : 3

São Paulo, Janeiro de 2010
EDITORA PUBLISHER BRASIL LTDA.
Rua Bruno Simoni, 170
CEP 05424-030 – Pinheiros – São Paulo (SP)
Fone/fax: 55 11 3813.1836
e-mail: livros@publisherbrasil.com.br
www.publisherbrasil.com.br

Sumário

Prefácio

Francisco Whitaker ____ 7

Introdução

Novos atores políticos com nova visão de mundo ____ 13

Fórum Social Mundial em processo

1. Um outro mundo é possível: primeiras perguntas ____ 21
2. Metodologia do FSM ____ 23
3. Um ator político novo ____ 25
4. Educar para um outro mundo possível ____ 27
5. Nairóbi 2007: balanço e prospectiva ____ 29
6. Um passo adiante ____ 31
7. O V Fórum Mundial de Educação ____ 33
8. Mudar o mundo sem tomar o poder ____ 35
9. Ecos de Nairóbi ____ 37
10. Os temas que mobilizaram Nairóbi ____ 39
11. A plataforma do Fórum Mundial de Educação ____ 41
12. O formato do Fórum Social Mundial ____ 43
13. De um mundo disperso a um mundo auto-organizado ____ 45
14. Fórum Social dos Estados Unidos ____ 47
15. Facilitação do processo do FSM ____ 49
16. Convergências e alianças ____ 52
17. A questão do plano estratégico ____ 54
18. Preparando o Dia de Mobilização Global ____ 56
19. FSM 2009: Belém, Amazônia ____ 59
20. O trabalho de enlace do FSM ____ 61
21. Dia de Mobilização Global ____ 63
22. Diretrizes para a organização dos eventos do FSM ____ 65
23. O método de ação política do FSM ____ 67
24. A educação no FSM ____ 69

25. Amazônia 2009: conservação e desenvolvimento 71
26. Preparação para o FSM da Amazônia 73
27. O FSM e o movimento altermundista 75
28. Universidade Popular dos Movimentos Sociais 77
29. Grandes objetivos temáticos do FSM Amazônia 2009 79
30. Economia solidária no FSM Amazônia 2009 81
31. A presença indígena no FSM 83
32. Presença da mulher no FSM 85
33. Governos e partidos no FSM 88
34. Crise econômica e meio ambiente 91
35. Comunicação e mídia livre 93
36. Amazônia sustentável 96
37. Espaço de incubação de iniciativas 99

Agenda dos Fóruns 102

Carta de princípios do Fórum Social Mundial 105

Referências bibliográficas 109

Prefácio

Moacir Gadotti optou, neste livro, não por fazer uma nova avaliação do processo Fórum Social Mundial, como muitas que circulam pelo mundo, mas por apresentar os textos que escreveu sobre seus eventos e outros eventos a eles ligados, a partir de julho de 2006, na revista *Fórum*. Contando o que foi acontecendo passo a passo desde essa data, ele indica os conteúdos que vão sendo abordados e fala de quem se faz presente, das articulações que surgem e do que vai sendo discutido e decidido sobre o próprio "processo FSM" por aqueles que o organizam. Com isso ele dá um precioso e bem-vindo panorama, extremamente útil para quem está procurando entender o que é o Fórum Social Mundial, mas também para aqueles que estão refletindo sobre seu significado e utilidade.

Digo "procurando" entender o que é o Fórum porque nem sempre se consegue apreender de imediato o que ele é e o que pretende. Ele não é uma assembleia ou convenção convocada por partidos ou outras organizações sociais ou políticas. Não é também um Fórum como aqueles a que estamos acostumados. Não é nem como o Fórum Econômico Mundial de Davos – ao qual ele se contrapôs, e que é organizado "de cima para baixo" como todos os Fóruns em geral. Na verdade ele é uma "invenção política", como já disse José Correa Leite no livro que publicou com esse título (Edições Perseu Abramo, 2003). Ou uma intuição em processo de concretização, que aliás ainda não se desdobrou completamente. Por isso mesmo todas as suas dimensões e potencialidades não são facilmente percebidas. Menos ainda o compreende quem só ouve falar do Fórum pelos jornais, e isto quando estes o noticiam. Ou quando o fazem difundindo informações desvirtuadas, segundo os interesses daqueles cujos privilégios são por ele questionados. Têm também dificuldade em compreendê-lo aqueles que perdem sua segurança ao se perguntarem o que é afinal esse "outro mundo possível", ou o que se quer de fato mudar com o Fórum Social Mundial, neste mundo que é o dos seus projetos de vida.

Este livro de Gadotti ajuda, portanto, a superar essa insuficiência de informação, e os naturais mal-entendidos que surgem. Por isso

mesmo, honrado pelo convite para escrever este Prefácio, agradeço a oportunidade de contribuir para esse panorama agregando minhas reflexões sobre algumas das questões de que ele trata.

Certamente seu livro também estimulará seus leitores a participar de algum Fórum. Na verdade a participação, especialmente dos eventos mundiais, é o que mais ajuda a entender o que eles são. Ficar cinco dias mergulhado na confusão que costumam ser é uma experiência que mexe com muitos hábitos e certezas. Geralmente quem se deixa penetrar pelas mensagens que circulam no seu espaço, e pelo ambiente – de alegria – criado pelos seus milhares de participantes, vive durante esses dias uma espécie de encantamento, que ainda dura um tempo depois.

Digo confusão porque nenhum Fórum consegue ser bem organizado, com tudo correndo como previsto, nos locais e horários definidos para cada atividade. Já no primeiro, realizado em 2001 no Brasil, em Porto Alegre, um mês antes eram esperadas 2.500 pessoas e vieram 20.000. Seus organizadores se esfalfaram para improvisar e resolver os mil problemas que surgiram. O mesmo ocorreu nos seguintes, em Porto Alegre, e mais ainda quando começaram a se realizar em outros lugares (2004 na Índia, 2006 em três países diferentes, 2007 no Quênia, 2008 em atividades espalhadas por toda a Terra, 2009 no Norte do Brasil, bem diferente do seu Sul). Os organizadores de cada um deles não eram – nem poderiam ser, pelo caráter do Fórum – empresas promotoras de eventos. Eram militantes das organizações locais engajadas voluntariamente na prestação desse serviço à sociedade civil de seus países e do mundo. Eles aproveitavam como podiam a experiência dos que organizaram os Fóruns anteriores, mas obviamente tinham sempre problemas novos a enfrentar, a que também nenhum "manual de instruções" poderia responder – inclusive pelas especificidades culturais de cada lugar em que a "novidade" do Fórum aterrissava.

Na verdade essa confusão acaba sendo aceita pelos participantes num espírito confiante de corresponsabilidade, já que as atividades realizadas, propostas pelos próprios participantes, passaram pouco a pouco a ser inteiramente autogestionadas. Cada um vai dando uma mãozinha para realizar o que se pretendeu. Com isso a "desorganização" – que assusta quem chega esperando ser "servido" – está quase se tornando um elemento da "cultura" dos FSM, tanto quanto a busca de uma nova "cultura política", que é a essência da sua proposta.

Poderíamos arriscar uma interpretação dizendo que a imprevisibilidade à qual os participantes vão-se adaptando, nos eventos, talvez seja, na verdade, uma condição para se participar da construção e da própria vida no "outro mundo possível". A abertura para o "novo" inesperado, a disponibilidade para se engajar em novos desafios, a confiança na riqueza da ação coletiva que supera as insuficiências do individualismo inseguro e medroso, são traços de comportamento talvez necessários ao ser humano já neste mundo em que vivemos, envolvido vertiginosamente por sempre novas descobertas e possibilidades diversificadas. Mais ainda o será para se engajar na aventura da construção de um mundo novo.

Assim, as avaliações que se fazem dos Fóruns realizados consideram essas insuficiências organizativas mas, não se detêm demasiadamente nelas. Debate-se muito mais sobre o que deve ser feito para que o processo FSM efetivamente auxilie a luta pela superação do neoliberalismo, a vitória sobre a injustiça, a construção da paz e da igualdade. E aí é que surgem dúvidas, porque na busca nova cultura política – essência da proposta do Fórum, como disse acima – trata-se de não repetir o agir político usual. Os critérios de decisão sobre o que pode ser feito questionam profundamente aqueles que se propuseram a assumir a tarefa de assegurar a continuidade do processo, nas instâncias organizativas (ou facilitadoras, como se passou a chamar a função dessas pessoas) de cada Fórum ou no Conselho Internacional, que decide sobre os caminhos a serem neles trilhados.

Na verdade, a busca de uma nova cultura política não se atém somente à pratica dos novos comportamentos e modos de relacionamento experimentados nos eventos. Ela vai até a forma de se organizar na luta política. Ora, tanto no que se refere aos relacionamentos como na organização da ação, o diferencial introduzido pelo processo Fórum é a horizontalidade e o respeito à diversidade, característicos da ação em rede. Numa rede não há chefes mas sim funções diferenciadas, não há poder acumulado decorrente de uma concentração de informações, cada um se engaja numa ação porque está convencido de que deve fazê-lo e não por determinação de comandos superiores, a disciplina para cumprir o que se decidiu não resulta de controles e punições mas de um sentimento de corresponsabilidade. E ninguém é obrigado a ser igual aos outros – antes pelo contrário, a riqueza repousa na variedade de aportes.

Ora, a adoção nos Fóruns dessa perspectiva horizontalizante na diversidade não foi teórica, mas uma consequência quase natural do fato de ele ter-se definido como espaço da sociedade civil, buscando articulá-la para que se reforçasse como novo ator político. Um tal objetivo exigiria um agir político bem diferente daquele de partidos e governos, condenados a se organizar piramidalmente, com hierarquias bem definidas e disciplina interna. Na verdade a sociedade civil só poderia se articular horizontalmente, respeitadas a diversidade e a multiplicidade dos sujeitos que a compõem, sem imposições de uns sobre outros.

Uma articulação horizontal implicava, por outro lado, abandonar a competição como estímulo à ação – o que é essencial exatamente no sistema econômico capitalista, que é o que se quer superar, e que está sempre presente em toda organização piramidal. Era preciso passar a viver relações de cooperação, da qual emerge a corresponsabilidade. Implicava, igualmente, mobilizar as pessoas não por palavras de ordem vindas de dirigentes iluminados, mas se apoiando na convicção dos que se dispõem a agir. E implicava ainda buscar, inventar, experimentar e valorizar novos instrumentos de ação política, diferentes daqueles utilizados ao longo do último século – como as tradicionais manifestações de massa nas ruas – incluindo até a ação individual, com as pessoas consciente e solidariamente apoiadas umas nas outras.

Tais orientações foram consolidadas imediatamente depois do primeiro Fórum, quando nasceu sua Carta de Princípios, formulada a partir da experiência desse Fórum e destinada a orientar a continuidade do processo que se iniciava e no qual estavam sendo feitas essas descobertas. A Carta afirmou, então, a necessidade de não se ter chefes, coordenadores nem mesmo porta-vozes do FSM, de não se adotar um documento final em cada evento, de não hierarquizar as atividades propostas pelos seus participantes. Ela até vedou a participação, nos Fóruns, de partidos e governos como tais, para que o vírus da competição – presente especialmente em partidos e governos, para conquistar ou manter o poder – não contaminasse os eventos. Ao contrário, o que se tinha de fazer era abrir espaço para que um vento novo, livre de vícios e certezas duvidosas, pudesse impregnar esse imenso novo ator que é a sociedade civil, na luta pela superação do monstro econômico, político e ideológico que está consumindo a Humanidade e o planeta. Na verdade, na origem do primeiro Fórum se encontrava

a constatação da insuficiência e mesmo ineficácia dos métodos políticos usados ao longo do último século, que terminou marcado por enormes frustrações.

Mas aceitar mudanças tão radicais no agir político não é assim tão fácil. Exige tempo e muito diálogo. Nesse sentido, o processo FSM vem contribuindo com a adoção, em suas instâncias organizativas, da regra da decisão por consenso, com todas as suas exigências de "escuta" do "outro" que diverge.

Estas mudanças são difíceis também porque o FSM demonstrou ter um enorme poder convocatório. Quando se chegou a 150 mil participantes em 2005, em Porto Alegre, pensou-se que era o limite, e que dali em diante o processo se esvaziaria. Muitos assim concluíram, sem levar em conta as especificidades da África, quando no Quênia, em 2007, o FSM reuniu somente 70 mil pessoas. E eis que em Belém, em 2009, chegou-se de novo aos 150 mil participantes. E agora, se somarmos todos os participantes dos eventos regionais, nacionais e locais que se realizarão dentro do processo, ainda em 2009 e durante 2010, antes de se realizar o FSM de 2011 de novo na África, ficaremos certamente impressionados com o número a que chegaremos.

Ora, todos sabemos que o "outro mundo possível" é, além de necessário, absolutamente urgente. Esse poder convocatório estimula então a pensar que o FSM teria de dar frutos mais depressa do que está dando. Ressurge então a questão, discutida desde o seu início: deve ele ser um espaço ou um movimento? Trata-se de uma questão que pareceria superada, uma vez que hoje a quase totalidade dos que trabalham para realizar os Fóruns consideram que seu caráter de espaço aberto tem de ser garantido, para que as organizações que dele participam possam consolidar e aprofundar suas articulações ou lançar novas ações. Há mesmo certo consenso de que, na luta pela superação do neoliberalismo, o Fórum enquanto Fórum não pode se transformar em ator político, dirigindo ou substituindo essas organizações, que são os reais atores políticos – combinando sua ação com a de partidos e governos, mantendo, no entanto, sua autonomia na sua relação com esses outros atores políticos. Mas muitos se perguntam se não haveria alguma maneira de esse "espaço" ser também capaz de intervir com um poder maior do que o do conjunto de organizações que reúne. O FSM não poderia passar a ser algo novo, uma espécie de espaço-movimento?

Nos últimos tempos esse desafio se agudizou, com a conjuntura

mundial colocando mais fortemente à prova a cultura política nova experimentada no processo FSM. A crise financeira desencadeada em setembro de 2008 desmontou o modelo econômico neoliberal, ao mostrar que os mercados não se autorregulam, muito pelo contrário. E "provou", por assim dizer que "Porto Alegre" tinha razão, ao criticar o pensamento único de "Davos". Ora, como aproveitar essa oportunidade para mostrar ao mundo, perplexo diante do que está ocorrendo, as alternativas propostas pelos que combatem o neoliberalismo e se reúnem nos FSM? Como fazer isso nesse processo, ainda dentro da nova cultura que nele se experimenta?

Alguns artigos deste livro de Gadotti, assim como sua Introdução, exprimem bem essa angústia. E por causa dela escrevi mais recentemente um texto que ele cita nessa Introdução. Nele eu procuro mostrar o risco que corre o FSM de perder exatamente esse seu poder convocatório se dermos um passo em falso, que seria, a meu ver, a formulação de diretrizes "do" FSM para a ação política da sociedade civil. Ao mesmo tempo proponho que vejamos o processo FSM como um novo Bem Comum da Humanidade – conceito que mereceu um Manifesto no Fórum de Belém (ver *http://bienscommuns.org* ou *http://benscomuns.org*). – ou, em outras palavras, que o processo não seja "privatizado" por opções políticas ou ideológicas especificas, mantendo-se como um espaço aberto efetivamente autogerido pelo conjunto de organizações da sociedade civil, a serviço de sua união.

Que o livro de Gadotti nos ajude a refletir sobre todos esses desafios, é o que desejo.

Francisco Whitaker

Introdução

Novos atores políticos com nova visão de mundo

No final de 1999 e início de 2000, depois de uma década de certa apatia política, provocada pela queda do socialismo soviético, e diante do crescente número de manifestações mundiais contra o modelo neoliberal – chamadas pela imprensa de manifestações "antiglobalização" – alguns movimentos sociais e ONGs estavam ensaiando o lançamento de um evento não só de resistência ao pensamento único neoliberal, mas de discussão de novos projetos e propostas alternativas. Um movimento contra-hegemônico e altermundista. Esta ideia não surgiu por acaso. Ela já vinha sendo construída desde os anos 1960, enraizada nos movimentos ecológicos, feministas, estudantis e pelos direitos humanos, entre outros. Destaco, por exemplo, na América Latina, a contribuição do movimento de educação popular.

No início de 2000, Oded Grajew, da Associação Brasileira de Empresários pela Cidadania (CIVES), e Francisco Whitaker, da Comissão Brasileira de Justiça e Paz (CBJP), propuseram a Bernard Cassen, diretor do jornal *Le Monde Diplomatique* e da Associação pela Taxa Tobin de Ajuda aos Cidadãos (ATTAC), a realização do Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, em janeiro do ano seguinte, simbolicamente, nas mesmas datas em que se realizaria a reunião do Fórum Econômico de Davos, na Suíça. Por isso, alguns chamaram a iniciativa de "Anti-Davos". O FSM foi o acontecimento mais importante desse início de século. Eu diria que o novo milênio começou, realmente, como algo novo, em Porto Alegre, na abertura do Fórum Social Mundial, em 25 de janeiro de 2001. Ele se tornou um símbolo da esperança coletiva e a expressão mais visível da sociedade civil global.

A grande novidade do FSM é que ele desbancou a descrença, o fatalismo neoliberal e o pensamento único. O pior não é o mundo que está aí. O pior é pensar que só esse mundo é possível. O pior é esse mundo transformado em fetiche. A fetichização instaurou um mundo de insensibilidade e de naturalização da injustiça, da miséria, da guerra. Só uma nova conscientização contra a fetichização poderá desbloquear esse travamento da humanidade. Daí a importância do FSM também como um processo pedagógico. O FSM é também um movimento de reeducação planetária.

Há mais de 150 anos, o campo contra-hegemônico vem se dividindo entre marxistas e anarquistas, numa guerra fratricida. Esse sectarismo em nada facilitou a construção de um outro mundo possível. Ao contrário, imobilizou muitas forças, devido a essa luta interna. Os primeiros afirmavam uma burocrática dependência da consciência em relação a infraestrutura econômica, baseando-se numa tese atribuída a Karl Marx de que a estrutura, em última instância, é que determina a consciência. Os segundos, ignorando a importância dos suportes institucionais, limitavam-se à liberdade criadora frente às formas autoritárias de mudança do Estado. O caso entre Marx e Bakunin, ilustra bem essa inútil disputa.

O Fórum Social Mundial, felizmente, superou essa querela, associando, de um lado, a liberdade de criação, o pilar da diversidade, com a necessária estrutura, que alimente e facilite a ação global contra-hegemônica. A visão clássica da revolução, sustentada pelo marxismo-leninismo, desvalorizava o papel da educação e da cultura; sobrevalorizava a importância do papel das estruturas e, particularmente, da infraestrutura econômica. Ao contrário, os primeiros anarquistas e os socialistas, chamados de "utópicos", davam especial importância ao papel da educação e da subjetividade na transformação social. O FSM agregou novos atores políticos com uma visão de mundo nova, evitando as velhas teses estadolatras e centradas em partidos políticos.

Isso não significa que o debate no interior do FSM não exista. Muito pelo contrário. Várias são as visões do processo do FSM, segundo diferentes olhares de seus participantes. Aos dez anos de existência, surgem propostas de aperfeiçoamento da sua estrutura e metodologia para facilitar seu processo com vistas a alcançar suas finalidades. Há propostas de alteração da estrutura organizativa e do seu funcionamento como a adoção de um calendário de atividades oficiais ao longo do ano. Para muitos, os megaeventos não podem limitar-se a encontros de debates e chegam mesmo a propor que o FSM se transforme no embrião de uma "Assembleia de toda a humanidade" da sociedade civil global, contrapondo-se à Organização das Nações Unidas, que concentra Estados e governos. Mas não há consenso em relação a essas propostas.

A novidade do Fórum está exatamente em se organizar de forma radicalmente democrática, sem o chamado "centralismo democrático". Retirar do Fórum esse caráter livre, mais próximo dos anarquistas do que dos leninistas, seria matar sua originalidade. Alguns sustentam que seria necessário fazer do FSM um ator político global, assumindo uma liderança nas questões globais chave, tornando-o mais "ativista". Outros pensam numa maior presença dos governos progressistas que se inspiram no FSM e no fortalecimento de articulações mundiais de movimentos sociais.

Contudo, nada disso parece ser conflitante com o formato iniciado em Porto Alegre, em 2001, e consagrado no FSM realizado em Belém, em 2009. Creio que, aos poucos, novas iniciativas irão se agregar e aperfeiçoar o formato inicial, sem necessidade de substituí-lo por outro formato. O que pode evoluir é a qualificação deste espaço livre, pela criação de instrumentos democráticos que facilitem a articulação das lutas e a convergência temática, sem controle centralizado. Melhorar a facilitação, sem criar estruturas rígidas, seja, talvez, o desafio maior do FSM hoje. É essa a forma que eu vejo para o FSM se transformar, realmente, numa força política global.

O FSM tem de ser um ator político coletivo, alterativo, emancipador e alternativo às políticas neoliberais. Ele não pode despolitizar-se. Por isso eu acho que evento e processo no FSM devem estar muito bem articulados. Como evento, o FSM é um espaço mais apropriado para o debate e a aprendizagem de nova cultura política; como processo, é um espaço mais apropriado para a ação. Eles precisam coexistir de forma complementar, pois não são excludentes.

Creio que, para manter o patrimônio conquistado nesses nove anos de sua existência, o FSM deve enfrentar o seu maior desafio que é o de deixar claro os rumos que pretende tomar, as respostas que pretende dar, aumentando a eficácia de sua ação global e local e, sobretudo, mostrar como os movimentos sociais, as organizações não governamentais, enfim, todos e todas que dele participam, podem construir, desde já, as alternativas à globalização

neoliberal. Mas, para isso, precisa superar uma dicotomia ainda presente no FSM quanto ao encaminhamento das lutas: transformar as lutas em programa e criar centros de poder unificados ou criar estruturas descentralizadas em redes autogestionadas sem comandos centrais? Parece que essa última opção ganha cada vez mais força, o que seria mais inovador.

Muitos sustentam que o FSM em si não tem capacidade de intervenção porque não pode ter planos de ação como espaço aberto. Mas, como espaço aberto de alianças múltiplas, requalificado e efetivamente mundial, ele pode ser um ator político de caráter novo, empoderando planos de ação e plataformas de movimentos e ONGs. A seu modo, pode, sim, ser um grande ator político, facilitando a construção de redes, movimentos, campanhas, promovendo mobilizações, porque não pode ser só um espaço de debate e ele, realmente, já não é e nunca foi. E se fortalecerá na medida em que as pessoas, povos e multidões vejam resultados concretos de sua ação e se enfraquecerá na medida em que apenas o discurso prevalecer sobre a práxis. O que importa é mudar o mundo, mesmo que tenhamos de passar algum tempo discutindo como.

Quando penso no lema do FSM – "um outro mundo possível" – me vem à mente uma conhecida frase de Paulo Freire: "o mundo não é; o mundo está sendo". Não é mera coincidência que o sentido deste lema esteja fortemente ligado à recusa de Paulo Freire pelo que se chamou de "fim da história" e o combate ao fatalismo neoliberal. Ele insistia pedagogicamente na tese de que a "história é possibilidade e não fatalidade". Em seu último livro *Pedagogia da autonomia* ele dizia que combatia o neoliberalismo porque este negava o sonho e a utopia.

Paulo Freire ficaria feliz hoje diante dos primeiros sinais do fracasso do neoliberalismo que abre novas oportunidades para o FSM. E como ele dizia que sempre devemos associar o anúncio à denúncia, ele também nos alertaria que só avançaremos na medida em que qualificarmos cada vez mais, na prática, nossas alternativas.

A crise econômica deslocou, parcialmente, o FSM para o foco no modelo econômico. As questões dominantes hoje dentro do FSM estão relacionadas a temas econômicos, às alternativas à crise global do capitalismo, na busca de novo modelo econômico e social. A resposta que o FSM der à crise civilizatória e ao capitalismo deverá fortalecer ainda mais o seu processo.

Daí a importância do debate atual que se estabeleceu dentro do

FSM relacionado com a questão estratégica. Alguns não conseguem ver uma orientação estratégica clara dentro no FSM. Eu entendo que ela se foi construindo coletivamente e se foi consolidando ao longo de seus nove anos de existência. Ela ficou muito clara, em Belém, na convergência dos movimentos sociais e organizações sociais nas assembleias temáticas. Em Belém essa nova metodologia e a chamada Assembleia das Assembleias deu um salto de qualidade, consolidado pela Agenda de Lutas e envolvendo os diferentes fóruns e as diferentes entidades. Esse salto foi reconhecido por dois importantes personagens do FSM: Francisco Whitaker e João Pedro Stédile.

Para Francisco Whitaker (2009#28-29), o FSM é um espaço com um "inegável poder convocatório" sem que ele tome posições ou assuma o comando de ações mundiais estratégicas. Ele sustenta que se o FSM assumisse "uma posição que seria assumida por todos os movimentos e organizações que participam no FSM", isso levaria a uma "série de consequências desastrosas" para o processo do FSM. Implicaria, segundo ele, que o FSM tivesse "dirigentes que falassem em nome do Fórum", "transformando-o numa arena de lutas ferozes pelo poder". Segundo Whitaker, esse novo formato tornaria o Fórum "irrelevante", e, então, seria "corroído por suas lutas internas" deixando de ter o poder convocatório que tem hoje.

Onde estaria, então, a saída estratégica de Whitaker?

Para ele, o FSM "só terá eficácia transformadora, enquanto instrumento para que essas propostas sejam formuladas, se os seus autores se engajarem efetivamente na sua realização". Daí a importância estratégica das assembleias temáticas. Whitaker defende o FSM como um "bem comum da humanidade", sem donos, sem proprietários. Como tal, o FSM não precisa de nenhuma "governança". Ele precisa ser defendido como *commons* (bens comuns), autogerido corresponsavelmente, sem "comitês centrais, secretários gerais, presidentes, diretores ou outras formas de poder concentrado, ou mesmo com democracias somente representativas".

A posição de Francisco Whitaker é conhecida e vem sendo defendida desde 2001, encarnando o "espírito de Porto Alegre", isto é, a Carta de Princípios do FSM. Nela se fundamenta o formato do espaço auto-organizado. O FSM abre o espaço para os movimentos enfatizarem suas lutas, suas práticas e propostas. Aqui há uma convergência com a posição defendida por João Pedro Stédile (2009#9).

Para Stédile, o Fórum Social Mundial "continua sendo um

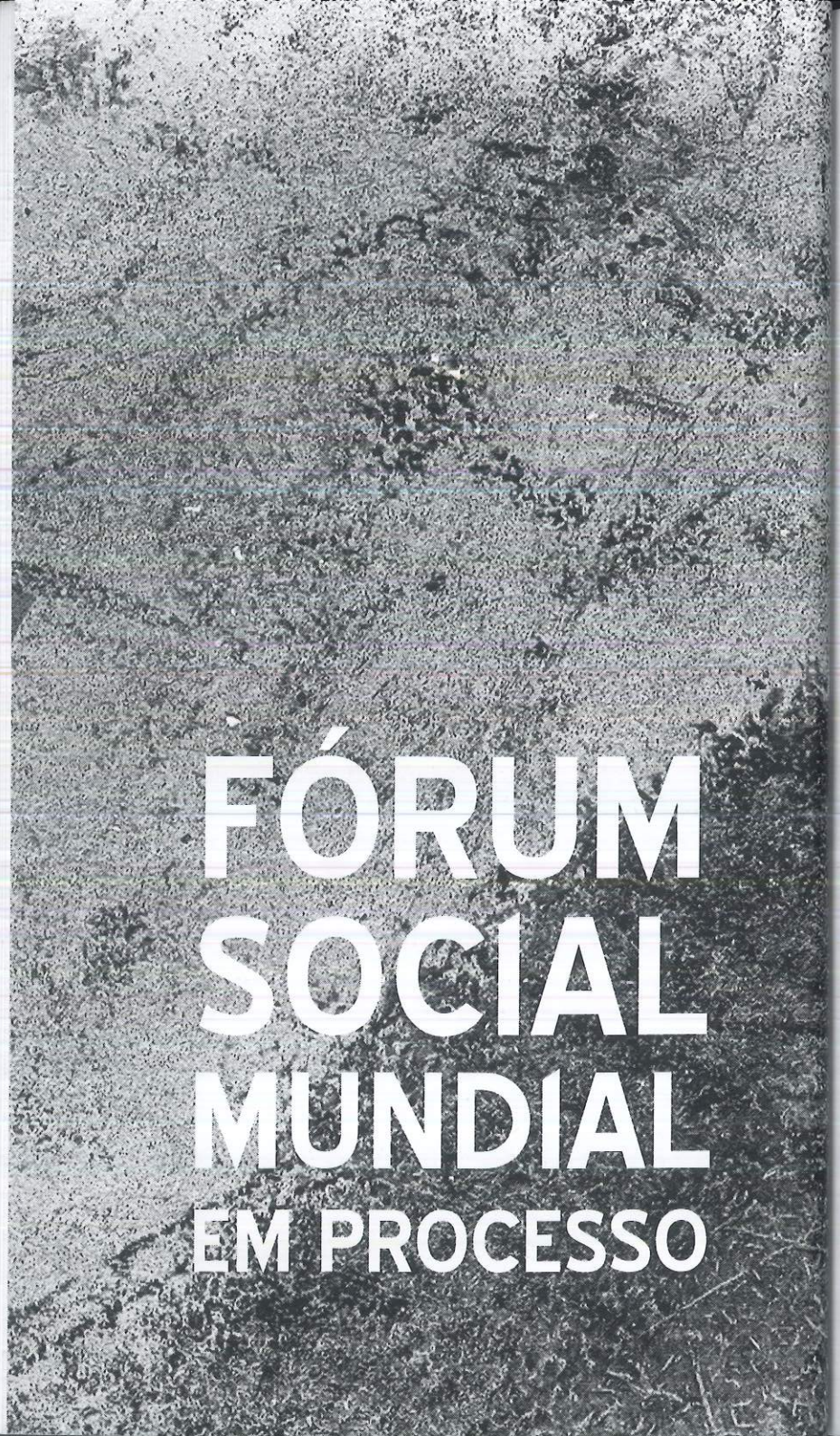
enorme espaço universal para apresentação de ideias". Ele permite que "diversas redes de interesses comuns se encontrem". Nesse sentido, diz ele, o Fórum de Belém "foi uma espécie de grande curso massivo de formação e intercâmbio de ideias, para uma juventude ávida de participação política".

Os que participam e militam no FSM sabem que o movimento altermundista é mais amplo do que os Fóruns e que, portanto, ele não é o único ator político, embora eles ocupem uma posição especial. A seu modo, do seu jeito, o FSM é um ator político, um ator político novo, mantendo-se fiel sua Carta de Princípios. Ele tem sim uma orientação comum, político-ideológica, que se apoia numa nova cultura política, alternativa à lógica dominante, tanto à esquerda quanto à direita, fundada na diversidade, nas atividades autogestionadas, no companheirismo e na defesa intransigente aos direitos fundamentais. Essa visão estratégica está evitando o perigo que alguns apontam no FSM considerando-o apenas como um movimento de resistência. A convergência das assembleias temáticas e da Assembleia das Assembleias apontam para novas alianças estratégicas em favor das liberdades, da democracia e da paz e, sobretudo, de novo modelo econômico, justo, produtivo e sustentável.

***

Em 2006, Renato Rovai, diretor da revista *Fórum*, convidou-me para escrever, mensalmente, uma coluna sobre o processo do FSM. Aceitei com prazer pois me permitiu, durante três anos, refletir sobre o Fórum, seu formato, sua metodologia, seus desafios. O resultado dessa reflexão passo agora aos possíveis leitores e leitoras deste pequeno livro, esperando que possa ser útil na compreensão do que considero a mais bela experiência, produzida a partir do Sul, da América Latina, como uma das melhores contribuições ao pensamento e à práxis política transformadora mundial.

Em 2007 publiquei, pela Editora Publisher, responsável pela revista *Fórum*, um livro sobre o FSM com o título (um pouco longo) *Educar para um outro mundo possível: o Fórum Social Mundial como espaço de aprendizagem de uma nova cultura política e como processo transformador da sociedade civil planetária*, centrado na ideia de que o FSM é um processo eminentemente político-pedagógico. Neste novo livro, que complementa aquele, gostaria de mostrar a estreita coerência que existe no processo do FSM entre seu projeto, sua missão, sua metodologia e seu formato inovador.



1

Um outro mundo é possível: primeiras perguntas

Nessa edição da revista *Fórum*, iniciamos uma coluna que abordará temas ligados ao processo do Fórum Social Mundial e de outros Fóruns a ele associados. Não será uma coluna do FSM, porque ninguém pode falar em nome dele, de acordo com sua Carta de Princípios. As opiniões aqui emitidas são de responsabilidade apenas do seu autor.

As edições do Fórum Social Mundial têm-se constituído em momentos de reencantamento pela vida, pela luta, pela resistência. Quando alguém olha para qualquer um dos seus auditórios, sempre lotados, se emociona e se pergunta: "o que está nascendo de novo neste espaço"? A certeza é que algo está acontecendo, embora não seja tão visível. Há a sensação de que algo maravilhoso está acontecendo, mas há mais perguntas do que respostas. Isso tudo une cada vez mais gente que deseja viver numa sociedade mais feliz, mais produtiva, mais justa, mais bonita, mais sustentável.

"É perguntando que encontramos o caminho", dizem os zapatistas. O Fórum Social Mundial tem congregado pessoas, organizações e movimentos sociais em torno do lema "um outro mundo é possível". O desafio é grande. É preciso muita lucidez e força para tornar real o que é possível. Para isso, ajuda perguntar pelo caminho.

Não basta afirmar que outro mundo é possível. É preciso mostrar como. Pensando nisso é que gostaria de iniciar esse primeiro texto com algumas interrogações, que se traduzem por quatro perguntas inseparáveis.

– Por que devemos mudar o mundo?

– Porque a globalização neoliberal é um modo injusto de produzir e reproduzir a nossa existência e põe em risco a existência do próprio planeta. Ela produz guerras, terrorismo, fome, a miséria de muitos e o bem-estar de poucos.

– A quem interessa mudar o mundo?

– Certamente, quem está se beneficiando deste mundo não vai

se interessar em mudá-lo. A mudança virá daqueles que sofrem, dos injustiçados e excluídos e daqueles que com eles se comprometem e lutam. Não só dos pobres e oprimidos, mas de todos e de todas que se comprometem com a mudança.

– O que é esse outro mundo possível?

– As coisas começam a se complicar. Precisamos de respostas, mesmo que provisórias. Movimentos sociais ligados às causas ambientais, de direitos humanos, raciais, étnicas, de gênero, entre outros, estão nos indicando o caminho: um mundo não apenas produtivo, mas ambientalmente saudável, social e economicamente justo, com equidade de gênero.

– Como construir esse outro mundo possível?

– Como não se trata de um paraíso a ser conquistado, o outro mundo possível já está sendo construído. Não é uma utopia longínqua. Não é um dado, nem um produto, é um processo.

O novo milênio começou em Porto Alegre. Em janeiro de 2001 começou uma grande caminhada por um outro mundo possível. O lançamento do Fórum Social Mundial mostrou que não estamos determinados a viver num mundo insolidário. Algo novo nasceu em Porto Alegre. Vamos acompanhar essa história.

Revista Fórum, julho de 2006

Metodologia do FSM

O quinto encontro do Fórum Social Mundial de Porto Alegre (2005) deu um salto de qualidade, inovando na sua metodologia, inspirada no Fórum realizado no ano anterior em Mumbai (Índia). Se a criação do FSM foi o acontecimento político mais importante do ano 2000, a nova metodologia de construção de seus eventos foi o acontecimento político-ideológico mais importante de 2004.

Foram evitadas as grandes conferências organizadas pelo Conselho Internacional que davam mais visibilidade a "grandes nomes" e foram valorizadas as atividades menores, aglutinadas por tema, para evitar a dispersão e facilitar o encontro e a unidade.

No FSM 2005 criou-se o "Território Social Mundial", com práticas solidárias e sustentáveis, com uma metodologia que fortalece o diálogo, com tradução voluntária, *software* livre, economia solidária, transporte alternativo, consumo ético etc. O importante é tentar viver, desde já, esse outro mundo possível. Dar exemplo.

O Conselho Internacional tem insistido na metodologia do Fórum, na ética, nas decisões por consenso, evitando, a todo o custo, cair na cilada da disputa pelo controle do processo do FSM. Estaríamos repetindo os métodos políticos que condenamos. O testemunho pessoal não é uma coisa piegas; o exemplo, o comportamento pessoal ético é uma condição necessária para o êxito do FSM. O "outro mundo possível" deve ser construído em cada um de nós e de nossas organizações desde já, aprendendo coisas novas e desaprendendo velhos hábitos.

A primeira condição é aprender a se expressar sem subterfúgios, sem preconceitos, sem falsidade, na transparência da verdade, sem visar o poder, sem manipular, sem querer "ganhar o jogo". O FSM não é um jogo no qual alguns ganham e outros perdem. Todos precisam ganhar.

O FSM, com sua nova forma de funcionamento autogestionado, é um exemplo desse outro mundo possível, de como deve ser uma

sociedade onde todos caibam, onde ninguém é excluído. Porque o velho mundo é um mundo de exclusão. Queremos deixar para trás o mundo da prepotência, da arrogância dos que tudo sabem e, por isso, tudo querem ensinar. O outro mundo possível é um mundo de aprendizagem em rede. O nosso mundo possível é um mundo onde todos podem perguntar, ensinar e aprender.

A metodologia da autoaglutinação utilizada no FSM 2005 não foi ainda implementada em toda a sua potencialidade. Um passo adiante precisa ser dado. Ela não é só uma metodologia para a definição conjunta de pautas para os eventos do Fórum. Ela precisa ser implementada também no processo do Fórum porque evita o dirigismo e a hierarquização das lutas. Ela parte do princípio da não existência de um sujeito político privilegiado na luta pela transformação social. Todas as iniciativas são importantes. Por isso, o FSM precisa estimular a autoaglutinação na construção de seu processo de transformação. O princípio da autoaglutinação não desvaloriza lutas supostamente irrelevantes, porque a diversidade é um dos pilares da Carta de Princípios do FSM. Ninguém decide em nome de outros o que é mais relevante e o que é menos relevante. Essa metodologia refere-se tanto aos eventos quanto ao processo do FSM, ambos intimamente interligados.

Revista Fórum, agosto de 2006

3

Um ator político novo

O Fórum Social Mundial completa, neste ano, sete anos de existência com um debate importante sobre o seu formato inicial. No centro desse debate está a seguinte questão: é o Fórum que deve atuar, diretamente, ou ele deve tornar-se um facilitador e promotor da autoaglutinação das causas globais da sociedade civil?

É nessa direção que devemos ler o "apelo" de Bamako, de janeiro de 2006, um chamado à necessidade de articular o surgimento de um sujeito político coletivo novo.

Não se pode mudar o mundo sem sujeitos capazes, organizados e dispostos a mudar. Tudo isso existe, mas de forma pouco articulada, pouco "auto-organizada" e ainda pouco organizada em rede.

Desde o início, o FSM se propôs exatamente a isso: a ser um espaço de organização, de empoderamento das causas sociais globais. Nesse sentido, o "Manifesto de Bamako" não trouxe nenhuma novidade, mas serviu para reforçar a necessidade de tornar o FSM mais eficaz em sua ação transformadora.

O Fórum Social Mundial é um êxito como espaço livre e auto-organizado, mas esse formato inicial está sendo questionado. O problema é saber o que deve mudar e pode mudar, sem descaracterizar sua missão original. Devemos reconhecer que, se avançamos no campo dos eventos, não tivemos o mesmo êxito no que se refere ao processo. Não conseguimos articular de forma eficaz os eventos ao processo de construção de alternativas ao neoliberalismo.

Há dois anos o Conselho Internacional está preocupado com a perda da força do FSM, uma redução do impacto ligada ao seu formato inicial, segundo alguns. Temos de incidir na política, nas instituições, no mundo real, para que esse outro mundo seja realmente possível.

O FSM tornou-se um símbolo da esperança coletiva e a expressão mais visível da sociedade civil global. Nossa força política está no capital de esperança que acumulamos e na nossa capacidade de

mobilizar a sociedade civil global. Contudo, não soubemos ainda transformar toda a nossa capacidade de mudança em ação política realmente nova.

Ter ou não ter uma agenda política global: eis a questão! E se assumirmos uma agenda política global, vem a segunda questão: quem vai assumir, e como, a governabilidade dessa agenda? Com que instrumentos e com que direção política?

Dependendo da resposta que dermos a essas perguntas, poderá faltar um pequeno passo para cairmos numa nova internacional: da internacional comunista à internacional altermundista! Isso não pode acontecer.

O Fórum deve ter uma agenda própria, até mesmo para continuar como espaço livre e auto-organizado, como principal ator que já é do movimento global da altermundialização. Uma coisa não impede a outra. Ao contrário, uma coisa necessita da outra, complementa a outra: os eventos são espaços privilegiados da auto-organização. A agenda consolida o processo altermundista.

O FSM certamente não será um ator político no sentido partidário do termo. Ele continuará instrumento, meio, da sociedade civil planetária. Essa sim se constitui no novo ator político. Dentro dessa perspectiva, está claro que a nova metodologia do FSM adquire um papel ainda mais determinante.

Revista Fórum, setembro de 2006

Educar para um outro mundo possível

Para outro mundo possível, outra educação é necessária. O processo de construção de outro mundo possível é um processo eminentemente educativo. Não dá para entender a ação transformadora do Fórum Social Mundial sem compreendê-lo em sua dimensão pedagógica.

Comecei a escrever este texto a partir da leitura das obras de Teivo Teivanen, membro do Conselho Internacional do FSM. Ele tem insistido que não é possível compreender o processo do Fórum como um processo político sem levar em conta a sua dimensão pedagógica. Teivo inspira-se tanto no filósofo e ativista italiano Antonio Gramsci, como no educador Paulo Freire, para os quais as relações de poder são sempre relações pedagógicas. Toda relação de hegemonia é uma relação pedagógica, sustentava Gramsci. Toda relação pedagógica é necessariamente política, insistia Freire.

Entender o FSM como um processo político de mudança implica entendê-lo como um processo pedagógico de aprendizagem da mudança. A grande novidade do Fórum é que ele desbancou a descrença, o fatalismo neoliberal e o pensamento único. O pior não é o mundo que está aí. O pior é pensar que só esse mundo é possível. O pior é esse mundo transformado em fetiche. Como movimento pedagógico, o FSM opõe-se à crescente fetichização e à mercantilização da educação. A fetichização instaurou um mundo de insensibilidade e de naturalização de tudo. Só uma nova conscientização contra a fetichização poderá desbloquear esse travamento da humanidade.

O FSM, por isso, é também um movimento de reeducação planetária. Educar para outro mundo possível é educar para conscientizar, para desalienar, para desfetichizar. O fetichismo transforma as relações humanas em fenômenos estáticos, impossíveis de ser modificados. Fetichizados, somos incapazes de agir, porque o fetiche rompe com a capacidade de fazer. Fetichizados apenas repetimos o já feito, o já dito, o que já existe.

Educar para outro mundo possível é visibilizar, tornar visível o que foi escondido para oprimir, é dar voz aos que não são escutados. A luta feminista, o movimento ecológico, o movimento zapatista, o movimento dos sem-terra e outros tornaram visível o que estava invisibilizado por séculos de opressão. A mercantilização da educação é um dos desafios mais decisivos da história atual, porque ela sobrevaloriza o econômico em detrimento do humano. Só uma educação emancipadora poderá inverter essa lógica, por uma que pense na formação para a consciência crítica, para a desalienação, para a cidadania planetária.

A diversidade é a característica fundamental da humanidade. Por isso não pode haver um modo único de produzir e de reproduzir nossa existência no planeta. O que há de comum é a diversidade humana. Diante da diversidade humana abre-se a possibilidade da diversidade de mundos possíveis. A um pensamento único não podemos opor outro pensamento único.

Educar para outro mundo possível é educar para outros mundos possíveis. Não se pode mudar o mundo sem mudar as pessoas: mudar o mundo e mudar as pessoas são processos interligados. Mudar o mundo depende de todos nós: é preciso que cada um tome consciência e se organize. Educar para outro mundo possível é educar para superar a lógica desumanizadora do capital, que tem no individualismo e no lucro seus fundamentos, é educar para transformar radicalmente o modelo econômico e político atual.

Revista Fórum, outubro de 2006

Nairóbi 2007: balanço e prospectiva

Os preparativos para a sétima edição do FSM estão mobilizando ONGs e movimentos sociais em todos os continentes. Pela primeira vez, a África sediará, em Nairóbi (Quênia), uma edição do Fórum Social Mundial, de 20 a 25 de janeiro de 2007. A escolha desse continente é uma opção estratégica do Conselho Internacional do FSM.

A África é composta por 54 países, divididos em cinco grandes sub-regiões. Dois terços desses países são considerados subdesenvolvidos e 50% deles têm regimes políticos não democráticos. O continente é a principal vítima da acumulação do capital e da atual globalização neoliberal. A África não é pobre. A África é desigual. Ela foi empobrecida pela exploração econômica e pela dominação política.

A diáspora provocada pela escravidão marcou a história desse continente. Por isso, o tema da reparação deverá ser debatido em Nairóbi, ao lado da dívida externa que gerou tanta miséria. O Fórum de Nairóbi deverá unir os afrodescendentes da diáspora (Brasil, EUA, Caribe etc) e também muitos africanos contra o neoliberalismo. A exploração, o colonialismo e o *apartheid* continuam. Novos movimentos e novas alianças deverão surgir, fortalecendo os laços entre os movimentos africanos e os movimentos de outros continentes.

Não se trata de um Fórum em solidariedade à África. O FSM não é composto de "doadores" e "receptores" de solidariedade. Todos os participantes do Fórum de Nairóbi aprenderão muito nesse evento, fortalecendo a unidade da luta africana contra o neoliberalismo.

O desafio que deverá ocupar todo o evento vem de dentro do próprio Fórum, com relação ao seu formato. Basicamente, trata-se de responder a pergunta: como estamos, desde já, construindo esse outro mundo possível? Como nos escreveu, recentemente, Antonio Martins, da ONG Attac Brasil, "ao chegar a sua sétima edição, na África, o FSM defronta-se com uma pergunta crucial: depois de termos suscitado a esperança de um mundo novo possível, sere-

mos capazes de realizar a promessa? Esta pergunta, que os próprios participantes dos Fóruns fazem a si mesmos, cada vez com mais frequência, precisa ser debatida abertamente e com franqueza, no ambiente do próprio FSM, por intelectuais e ativistas de múltiplas origens e sensibilidades".

É um tempo de balanço e de prospectiva. Por isso, a preparação da sétima edição do FSM é muito importante. Precisamos preparar os caminhos para a construção do mundo novo. Nessa construção devemos considerar a autonomia da sociedade, uma nova cultura política, como passar dos sonhos aos direitos reais, como vamos nos relacionar com os governos e partidos progressistas. Trata-se de ver o FSM não apenas como um espaço aberto e auto-organizado, mas também como um novo sujeito político coletivo. Em sua Carta de Princípios ele é definido como "um espaço aberto de encontro para o aprofundamento da reflexão, o debate democrático de ideias, a formulação de propostas, a troca livre de experiências e a articulação para ações eficazes".

A consulta sobre ações, campanhas e lutas, preparatória ao FSM 2007 foi encerrada em agosto e agora estão sendo analisados os dados resultantes que ajudarão a definir os espaços temáticos do evento. A página da consulta (*http://consultation.wsf2007.org/*) permanecerá no ar para permitir a visibilidade, o diálogo e a articulação entre as diversas ações, campanhas e lutas. Será possível ainda cadastrar-se como organização e preencher o formulário. Porém, as novas respostas que surgirem já não influenciarão na arquitetura do evento de 2007.

Revista Fórum, novembro de 2006

6

Um passo adiante

A preparação do FSM de Nairóbi continua envolvendo muitas entidades, ONGs e movimentos sociais, apontando para a superação de seu maior desafio que é o de dar corpo às suas propostas de viabilização do sonho de um outro mundo possível. Essa preparação é de crucial importância e exige um "diálogo aberto, franco e construtivo", como sustenta Francisco Whitaker, um dos idealizadores do Fórum, um diálogo de todos e de todas, fundado no exercício prático de uma nova cultura política de escuta e de entendimento.

Tiramos muitos documentos, plataformas e declarações de princípios. Precisamos continuar construindo mecanismos práticos de consubstanciação dos princípios e das propostas. A emergência do FSM como um ator político novo, um novo sujeito popular histórico, portador dessa nova consciência coletiva, demanda visão estratégica e escala. De alguma forma isso já vem sendo construído. Trata-se, agora, muito mais, de dar organicidade às propostas, trata-se de mostrar como podemos, desde o local onde cada um de nós está vivendo, contribuir, como pessoas, organizações de movimentos, concretamente, na construção deste outro mundo possível. Como vimos em Bamako e Caracas, o apelo por transformar o FSM num sujeito histórico popular, plural e multipolar, foi muito forte. Espera-se que Nairóbi responda a este apelo.

Depois de Bamako e de Caracas os Fóruns estão tendo uma preocupação maior com ações concretas. A convocatória para o Fórum Social Mundial 2007 de Nairóbi pede sugestões não só de temas, mas a indicação de ações, campanhas e lutas: "a proposta é a de que organizemos o VII Fórum em torno dessas ações, campanhas e lutas, aglutinando, nos diferentes espaços do Fórum, as atividades vinculadas a essas ações, campanhas e lutas".

O "Apelo de Bamako" faz menção a um novo sujeito popular histórico. No capítulo de Bamako do FSM 2006 foram retomados alguns princípios do "Manifesto" lançado em Porto Alegre, em 2005. Foram

apresentadas algumas "propostas para a ação imediata". Bamako deu um passo adiante na construção do FSM como um sujeito político, para "passar da consciência coletiva à construção de atores coletivos, populares, plurais e multipolares" no sentido de "identificar temas precisos para formular estratégias".

A resposta de Nairóbi deverá conter não só propostas de longo prazo, mas, também, propostas de ação imediata, centradas nos temas já apontados na nossa Carta de Princípios e na experiência das seis edições anteriores do Fórum. Essa preocupação práxica não se opõe à visão teórica e utópica do FSM. As propostas do FSM visam a dar corpo concreto ao sonho, à utopia que nos une. A utopia deverá ser sempre reafirmada nas práticas concretas.

A nossa utopia não morreu, porque há muita vida em nossos Fóruns e onde há vida haverá sempre o sonho e a utopia. Abdicar dela é abdicar da própria vida. Formas concretas da utopia, como o socialismo autoritário, podem morrer sem levar consigo a fé e a esperança num futuro justo, produtivo e sustentável para todos e todas.

No sentido etimológico, utopia significa "aquilo que não existe em nenhum lugar". A utopia significa exatamente isso: o que "ainda não" existe em nenhum lugar, mas pode existir. Esse sentido aponta para um projeto de futuro. Para nós a utopia é esse "outro mundo possível" que é o nosso lema. Para nós o outro mundo possível não é uma utopia distante. Ela se concretiza em cada ação, desde já; caminha para esse horizonte histórico mais justo, menos feio e radicalmente democrático.

Participe da construção dessa utopia. Entre no *site* do FSM. Faça parte dessa história do possível, do necessário e do urgente. Veja como poderá fazer.

Revista Fórum, dezembro de 2006

7

O V Fórum Mundial de Educação

Os Fóruns Mundiais (de Cultura, Educação, Autoridades Locais etc.), na esteira do Fórum Social Mundial têm traduzido uma outra lógica de poder, uma lógica de ação em rede, coletiva, solidária e pluralista. Muitos debates foram realizados e continuam se realizando, muitas faixas foram penduradas no Gigantinho de Porto Alegre, no Mineirinho de Belo Horizonte, em Cartagena, em Mumbai, em Paris, em Upsala... e em tantos outros lugares. Muitas bandeiras foram erguidas muito alto, em defesa da vida, pela ética na política, pela sustentabilidade, pela solidariedade, por tantos outros sonhos e utopias.

Vou tratar um pouco do Fórum Mundial de Educação (FME) que realiza a sua quinta edição, em Nairóbi, juntamente com a sétima edição do FSM.

O FME nasceu durante a primeira edição do FSM, em janeiro de 2001, para impulsionar no seu interior a luta pelo direito à educação. Em sua primeira edição, em outubro de 2001, o PME elegeu como temática central "Educação no mundo globalizado", e na segunda, em janeiro de 2003, "Educação e transformação". Na edição seguinte, 2004, foi discutida a construção de uma Plataforma Mundial de Educação que será o grande tema em Nairóbi. Em Caracas, na quarta edição, foi discutido o tema da luta por um projeto de educação.

Muitos Fóruns educacionais regionais, nacionais e temáticos foram realizados desde então. Hoje, o FME constitui-se num grande movimento mundial pela cidadania planetária, em defesa do direito universal à educação. Para um "outro mundo possível", uma educação é necessária.

Em seis anos de existência, o FME conquistou um espaço próprio no campo da educação, articulando ONGs e movimentos sociais. Com uma estrutura similar a do FSM, o FME existe como espaço livre e auto-organizado. Seus eventos transformaram-se em espaços institucionais de construção de alianças e de formação de novas redes solidárias.

O neoliberalismo concebe a educação como mercadoria, reduzindo nossas identidades às de meros consumidores, desprezando o espaço público e a dimensão humanista da educação. Opondo-se a esta concepção, o FME defende uma conçepção emancipadora da educação, que respeita e convive com a diferença, promovendo a intertransculturalidade.

O Fórum Mundial de Educação, na mesma perspectiva do Fórum Social Mundial, sustenta-se em dois pilares básicos: a construção de uma alternativa ao projeto neoliberal e o pluralismo de ideias e métodos. É um espaço plural, não confessional, não governamental e não-partidário, autogestionado, verdadeiramente mundial.

A Plataforma Mundial de Educação a ser debatida em Nairóbi deverá avaliar, reconhecer e incorporar as lutas históricas de numerosos educadores e de suas organizações. As experiências de alternativas concretas ao projeto pedagógico neoliberal se constituem em uma referência para a Plataforma. Soluções mágicas para enfrentar os desafios da educação, todos sabemos, não existem. Porém, alguns princípios, defendidos historicamente e consolidados pelos educadores, são conquistas a serem incorporadas na Plataforma.

Nosso maior desafio estará na metodologia participativa e cidadã de sua constituição. Neste processo coletivo é que conseguiremos definir com maior clareza os rumos, as estratégias e a estrutura desse histórico documento de lutas em defesa da educação pública de qualidade.

Que lições podemos tirar desses Fóruns?

A maior delas é que eles mostram como o povo pode fazer história. Os Fóruns colocaram o povo como grande sujeito. Os movimentos sociais não querem ficar na plateia, na arquibancada. A Sociedade Civil Global não quer ficar assumindo o papel de protagonista deste "outro mundo possível", desta "outra educação necessária", fazendo cobranças para que a esperança se torne realidade. Porque o neoliberalismo ainda está vivo, ainda não foi derrotado.

Revista Fórum, janeiro de 2007

Mudar o mundo sem tomar o poder

Um outro mundo é possível sem antes tomar o poder do Estado? Esta é uma pergunta que vem sendo feita nos encontros do Fórum Social Mundial e deverá nos ocupar ainda mais nos próximos anos.

Não se trata de um consenso no Fórum. Mesmo porque alguns entendem o Fórum mais como um espaço livre e auto-organizado dos movimentos sociais, enquanto outros desejam que ele vá além. Que se torne um ator político. Mas todos estamos de acordo no que se refere à necessidade e à possibilidade de construir outros mundos desde já. Não se trata de um ponto distante, um ponto de chegada, mas de um processo que já começou. É o que estamos fazendo agora, aqui, a cada instante, autonomamente, sem precisar tomar antes, de assalto, o poder do Estado.

Nesse sentido, a resposta à pergunta inicial é sim. Se precisamos construir esse outro mundo possível desde já, não podemos esperar primeiro tomar o poder. Para essa discussão contribuiu muito o livro *Como mudar o mundo sem tomar o poder*, de John Holloway, da Universidade de Puebla (México), a partir de uma releitura do conceito de revolução de Marx.

Em 2004, conheci pessoalmente John Holloway e o convidei para discutir suas teses no Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, em janeiro de 2005. Foi esse o tema de um intenso debate que reuniu mais de duas mil pessoas. Holloway iniciou o debate afirmando: "Estamos aqui para dizer 'não', para determinar nossas próprias vidas". Ele atribuiu ao "impulso pela autodeterminação" a base para mudar o mundo sem tomar o poder, trabalhando nas "fissuras" da dominação capitalista.

Isso pode ser feito por todas as pessoas, no seu dia a dia, desde já, e não só pelas pessoas chamadas de "poderosas". Fazer a revolução não é levar a conscientização às pessoas, mas dar voz a nossa própria rebeldia, a rebeldia que está em todas as pessoas "comuns", como dizem os zapatistas. O "impulso" vai contra a representação. Ser representado é

dizer "tome o meu lugar", "fale em meu nome". O Estado é uma forma particular de organização social, uma entre outras. Temos de ter nossa própria forma de autodeterminação.

O sujeito da mudança não é só uma classe ou uma multidão. São sujeitos todos aqueles e aquelas que não querem ser objetos.

O poder é uma capacidade, a capacidade de fazer. Nós somos capazes. "Nós" como sujeito crítico-revolucionário e não "eles": a classe trabalhadora, os outros, o coletivo, os líderes, os heróis.

A questão é como transformar o movimento social em força política, desde já; como ter força política de mudar sem antes tomar o poder, sem esperar pela conquista do poder do Estado. E para essas questões, certamente, a obra de John Holloway abriu um enorme espaço de discussão. Por isso precisamos conhecê-la melhor.

Sem dúvida, esse é um momento especial em que se está resgatando a força emancipadora e pedagógica de Marx, núcleo central de sua obra.

Não podemos mudar o mundo sem o poder de mudá-lo. Mas, para "ter o poder" não precisamos necessariamente tomar o poder do Estado. O Estado constitui-se numa forma de poder que não pode negar-se a si mesma. Atribui-se ao Estado uma autonomia de ação que, de fato, ele não tem. Ele é parte daquilo que deve ser mudado: o capitalismo.

A noção de poder em Holloway não é algo estruturalmente coercitivo e pertencente ao aparato do Estado, mas uma relação social da qual todos tomamos parte. E a conclusão é simples: se o poder é algo que vai muito além do aparato coercitivo do Estado e está diluído em toda a sociedade, então não é algo que possa ser "tomado".

Todas essas discussões não só resgatam o papel da subjetividade na revolução como também recolocam o papel da educação popular na transformação social. Por isso devemos dar importância ao "grito dos excluídos", dos "esfarrapados do mundo" (Paulo Freire), dos oprimidos, e às suas "explosões", seus "eventos", seus "festivais", seus "carnavais". Essas manifestações, tão frequentes nos nossos Fóruns, mostram o quanto a luta é pedagógica, o quanto o movimento social é pedagógico.

O grito é, ao mesmo tempo, recusa, horror e esperança. Ele nos lembra o papel da pedagogia na revolução e na educação para a libertação.

Revista Fórum, fevereiro de 2007

Ecos de Nairóbi

O Fórum Social Mundial de Nairóbi, com seus mais de 50 mil participantes, foi impactante não só para a África, mas para todos os que dele participaram, vindos de todas as partes do mundo. Foi o maior encontro popular do continente.

A organização do FSM de Nairóbi foi precedida por 40 Fóruns regionais e temáticos e encontros preparatórios apenas na África. Eles fazem parte de qualquer avaliação que se possa fazer de seus resultados concretos. Só o fato de ter sido realizado na África, por si só, foi um grande êxito.

Todos aqueles que participaram do Fórum de Nairóbi saíram com mais clareza sobre os rumos a seguir. O FSM é um processo inacabado, em permanente discussão. Não queremos utilizar nossas velhas lógicas para construir algo que é inteiramente novo. E, sabemos muito bem, este é um processo que demanda tempo de maturação. O FSM está em evolução, na medida em que existem ainda muitas ideias diferentes sobre o que ele é.

O fato de ter-se realizado na África, a principal vítima do modelo neoliberal, serviu para expandir a luta contra este modelo naquele continente. Deu visibilidade aos movimentos sociais africanos na luta contra o neoliberalismo; às suas lutas pelo direito à terra, à água, pela soberania alimentar, pelo direito das mulheres; à luta por moradia, pelos direitos trabalhistas, pelos direitos humanos etc. A integração africana deu mais um passo em Nairóbi.

Nos dias que se seguiram ao Fórum, surgiram muitas críticas e avaliações. Criticou-se a pouca participação dos excluídos no evento. Aliás, isso já vem acontecendo em outros Fóruns. Não há dúvida de que nossa capacidade de mobilização dos mais pobres tem de melhorar muito.

Mas o que mais me chamou a atenção foi a reação de uma parte da mídia brasileira, inconformada com o êxito do FSM. O principal editorial do jornal *O Estado de S.Paulo*, de 28 de janeiro de 2007,

falava em "agonia do Fórum Social Mundial". Esse periódico tentou desqualificar o Fórum, falando que o evento contou com dois mil participantes, quando o seu concorrente, a *Folha de S.Paulo*, no mesmo dia falava na participação de 59 mil pessoas. Vale tudo quando se trata de defender a continuidade do mundo que está aí. O Estado informava erroneamente seus leitores de que o Conselho Internacional do FSM havia cancelado o evento em 2008 quando, ao contrário, decidiu mundializá-lo.

Em janeiro de 2008, o evento será realizado com um formato novo, sem uma sede global, ou em três lugares (policêntrico), como ocorreu em 2006. Haverá manifestações em todo o mundo nos mesmos dias em que o Fórum Econômico de Davos se realizar. No ano de 2008, poderemos organizar um dos Fóruns de maior visibilidade social e relevância prática.

O Conselho Internacional está preparando uma estratégia de conectividade entre os diferentes Fóruns, para evitar a pulverização das ações. Foi sugerida a organização de uma "Marcha Global pela Cidadania Planetária" ou uma "Jornada de Mobilização Global".

Em vários seminários de avaliação do Fórum chamados de "FSM sete anos: balanço e futuro", realizados em Nairóbi, vários temas foram sugeridos. Entre eles, a criação do FSM virtual. Para 2009, o Conselho Internacional decidiu criar um guia orientando os possíveis candidatos da sede mundial do Fórum a prepararem o evento. Esse manual ajudará a evitar os erros cometidos em alguns eventos, relacionados principalmente com a infraestrutura, o financiamento e a logística. Em Nairóbi, foi criticada a falta de estrutura para a comunicação, o alto custo da inscrição (sete dólares) e a precariedade da alimentação.

Todos queremos que o FSM seja eficaz, mas a eficácia dele não pode ser medida por critérios quantitativos apenas. O processo é mais enriquecedor do que os seus produtos. Sua metodologia é mais importante do que seus eventos. Por qualquer lado que ele possa ser visto, o FSM é um grande êxito. Ele já está mexendo com milhões de pessoas em todo o mundo. Como nos dizia Chico Whitaker na última reunião do Conselho Internacional do FSM em Nairóbi, defendendo a proposta para 2008, "nós somos muitos e precisamos mostrar que estamos em todos os lugares". Concordo inteiramente com ele.

Revista Fórum, março de 2007

10

Os temas que mobilizaram Nairóbi

Muitos foram os temas tratados nos 1.200 seminários, painéis e outras atividades ocorridas no Fórum Social Mundial de Nairóbi. Todos e todas que participaram do evento aprenderam muito. Saímos mais esperançosos e com mais energia para continuar a luta por um outro mundo possível, ou melhor, pelo direito de construir outros mundos possíveis.

Conhecemos, com mais clareza, a perspectiva africana de **problemas globais** como o endividamento, a pobreza, os conflitos armados, os direitos dos negros. A **Aids** mobilizou o Fórum. Houve grandes manifestações pedindo medicamentos gratuitos para combater a enfermidade que se tornou uma verdadeira pandemia.

O tema da água ganhou enorme destaque em Nairóbi: é um direito social e não pode ser objeto de lucro. Como em tudo, também o tema da água está dividido entre considerá-la como uma *commodity* e considerá-la como um bem público.

Destacou-se também no Fórum africano a importância dada à economia solidária. Organizações como a Rede Intercontinental de Promoção da Economia Social e Solidária (Ripess) e o Fórum Brasileiro de Economia Solidária (Fbes) discutiram, por exemplo, o tema "comércio justo" esteve presente em diversas mesas. Muitas experiências nesse campo foram apresentadas, contando com a presença do economista Paul Singer, da Secretaria Nacional de Economia Solidária (Senaes) do Ministério do Trabalho e Emprego do Brasil.

Foi debatida uma Carta de Princípios da economia solidária que, como diz o texto, "constitui o fundamento de uma globalização humanizadora, de um desenvolvimento sustentável, socialmente justo e voltado para a satisfação racional das necessidades de cada um e de todos os cidadãos da Terra, seguindo um caminho intergeracional de desenvolvimento sustentável na qualidade de sua vida".

A articulação dessas iniciativas da "economia do trabalho" foi um dos avanços mais significativos. Uma maior articulação entre

empreendimentos solidários, ONGs, governos, redes e movimentos foi estabelecida. Uma política pública de economia solidária deverá resultar dessa articulação. O tema deverá ter ainda maior relevância nos próximos Fóruns. Chegou-se também a propor um Fórum Social Mundial temático sobre economia solidária.

Outro tema muito discutido foi o perdão da **dívida externa** dos países pobres, considerada um verdadeiro câncer para os africanos. Numa grande marcha ao redor do Casarani (estádio onde foram realizadas atividades do FSM), muitos empunhavam bandeiras com os seguintes dizeres: *"Debt is poverty! Debt is slavery!"* (A dívida é pobreza! A dívida é escravidão). Ela é apontada como a principal causa da pobreza da região. Foram relembrados os históricos encontros de Havana que, desde 1985, ajudaram a criar uma consciência mundial em torno dessa questão, reforçando a luta de resistência contra o caráter injusto, fraudulento e impagável dos débitos.

Argumentavam os participantes que os países pobres não têm condições de pagá-la, e, ademais, está na base da violação sistemática dos direitos humanos – como o acesso à educação, à saúde, ao saneamento, à informação. Muitos propuseram que, em 2007, se colocasse em marcha uma campanha mundial pelo cancelamento da dívida.

A cidadania digital e o meio ambiente tampouco foram esquecidos. Embora, neste último Fórum, os ambientalistas não tenham tido a presença que tiveram nos eventos realizados no Brasil, a luta pela sustentabilidade está inteiramente imbricada em todas as causas coletivas globais discutidas no FSM. O **aquecimento global** poderia ter tido maior destaque em Nairóbi.

O tema das **transações e instituições financeiras internacionais** está sempre na ordem do dia nos Fóruns, em vários debates. Para lidar com essa questão "não basta uma oficina de três horas", como sustenta Antonio Martins, da Ação pela Tributação das Transações Financeiras em Apoio ao Cidadão (Attac-Brasil).

Revista Fórum, abril de 2007

11

A plataforma do Fórum Mundial de Educação

O Fórum Mundial de Educação teve origem em janeiro de 2001, em Porto Alegre, durante a realização do Fórum Social Mundial. A sua primeira edição, em outubro daquele ano, teve como tema "Educação no mundo globalizado". A segunda, ocorrida na mesma cidade, em janeiro de 2003, discutiu "Educação e transformação". A terceira, realizada em julho de 2004, também em Porto Alegre, debateu "A educação para um outro mundo possível: construindo uma plataforma de lutas". A quarta edição foi realizada em janeiro de 2006 em Caracas com o tema "A integração americana e a luta por um projeto educativo emancipatório". Finalmente, em Nairobi, em janeiro de 2007, a quinta edição do FME discutiu sua "Plataforma Mundial".

O FME construiu um espaço próprio no campo das lutas pela educação, no interior do **Fórum Social Mundial**, associando o pedagógico ao econômico, ao social, ao ambiental e ao cultural, resgatando a memória histórica da luta pela educação, constituindo-se numa rede de pessoas, instituições e organizações articuladas em função de um calendário mundial de ações coletivas planetárias por uma alternativa ao projeto neoliberal.

A Plataforma do FME assenta-se em cinco grande eixos:

1. *lutar pela universalização do direito à educação pública com todas e todos os habitantes do planeta, como direito social e humano de aprender, indissociável de outros direitos, e como dever do Estado, vinculando a luta pela educação à agenda de lutas de todos os movimentos e organismos envolvidos na construção do processo do FME e do FSM;*
2. *difundir uma concepção emancipadora da educação, que respeita e convive com a diferença e a semelhança, popular e democrática, centrada na vida, associada à cultura da justiça, da paz e da sustentabilidade no mundo;*
3. *garantir o acesso à educação e o uso da riqueza socialmente produzida, com prioridade aos oprimidos, silenciados, explorados e marginalizados do mundo;*

4. *promover a desmercantilização e controle social do financiamento da educação;*
5. *exigir dos governos e organismos internacionais o cumprimento da prioridade que dão à educação em suas declarações, mas não em sua prática.*

O FME centrou-se nesses cinco pontos focais, com objetivos precisos de atuação, facilitando a mobilização e a participação cidadã em nível local e mundial.

Para manter o processo do Fórum vivo foi adotada como estratégia a criação de um Grupo de Trabalho para cada um dos pontos da plataforma.

Como método de trabalho busca-se cruzar a plataforma com a agenda de lutas da Via Campesina, da Via Urbana, da Campanha Global pela Educação, do Movimento de Educação de Jovens e de Adultos, do Movimento de Mulheres, do Movimento Ambiental, do *Software* Livre, da Economia Solidária, da Universidade Popular dos Movimentos Sociais, do Movimento pelos Direitos Humanos e outros. Alcançar os objetivos propostos depende de constante mobilização e articulação com os movimentos sociais e populares. Na mesma ocasião foi adotada a terceira semana de novembro de cada ano como período de mobilização mundial pelo direito à educação.

* * *

Há dez anos, em 2 de maio de 1997, **Paulo Freire** nos deixou. Contudo, seu pensamento e sua práxis continuam vivos no coração e na mente de muitos educadores. Gostaria de, na coluna deste mês, prestar uma homenagem a esse grande educador, lembrando o quanto ele foi importante também para o surgimento do FSM, resultado de um intenso envolvimento dos movimentos sociais e populares da América Latina.

Sem as lutas do movimento de educação popular na América Latina, possivelmente não teríamos essa cultura de participação e de organização popular que possibilitaram o surgimento da proposta do FSM. Paulo Freire tem tudo a ver com isso na medida em que ele é parte dessa história. A ele nossa lembrança e nossa gratidão. Paulo Freire vive, dez anos depois.

Revista Fórum, maio de 2007

O formato do Fórum Social Mundial

"A CONQUISTA MAIS IMPORTANTE DO FÓRUM É O PRÓPRIO FÓRUM", AFIRMA O SOCIÓLOGO MICHAEL LÖWY NA *REVISTA FÓRUM* DE MARÇO 2007 (P. 33).

– O que é o FSM?

– Organizações e pessoas se reúnem, trocam ideias, articulam lutas comuns e afirmam a existência de alternativas ao mundo que está aí. Eis o formato do Fórum Social Mundial.

Michael Löwy afirma que o Fórum "foi um dos veículos que permitiu, por exemplo, à Via Campesina se estender como movimento camponês mundial" (*Id., ib.*). Esse formato, contudo, tem sido questionado opondo, de um lado, aqueles que querem transformar os eventos do FSM em instrumento de ação política e, de outro, aqueles que sustentam o formato atual do FSM como espaço livre e auto-organizado.

O formato inicial privilegia a pluralidade de métodos e o distanciamento de governos e de partidos. Os defensores desse formato insistem que uma postura unificadora romperia com o pluralismo do Fórum e provocaria divisões internas. O FSM perderia sua característica principal: ser inclusivo.

Esse caráter inclusivo é visível não só pelo número de pessoas que ele consegue juntar em seus eventos, mas pelos temas que tem pautado: a fome, a guerra, a pobreza, o perdão da dívida, o tema ecológico, o feminismo.

O FSM é uma conquista da sociedade civil global. E foi esse formato que ela inventou para atender às suas necessidades de articulação de suas lutas. Mesmo que o FSM tenha de renovar seu formato, creio que ele deverá continuar como o espaço de articulação das redes e dos movimentos em busca de um outro mundo possível.

Nesse formato ninguém detém o monopólio da luta contra as injustiças sociais e o neoliberalismo. O FSM agregou uma imensa variedade de lutas sem hierarquias.

Para quem participa pela primeira vez de um Fórum poderá ter a impressão de que se trata de uma multiplicidade de atividades dispersas, sem interação. De fato, devemos avançar muito ainda no que se refere à articulação de nossas ações coletivas planetárias, para torná-las uma força política real de transformação. Contudo, todas essas atividades, aparentemente desconexas, estão interconectadas. Essa polifonia de vozes está harmonizada por uma causa comum.

Essa missão do FSM está ligada ao seu maior desafio hoje que é tornar-se realmente mundial, com uma presença em todo o planeta. Em janeiro de 2008 se fará um grande esforço de realizá-lo em centenas de lugares para expandi-lo pelo mundo. Um maior número de eventos acelerará esse necessário processo de expansão e fortalecerá suas causas sociais planetárias.

É preciso envolver muito mais gente no processo do FSM. A realização de múltiplos fóruns, em 2008, cumpre esse objetivo de dar maior visibilidade e formar mais gente em torno da causa da construção de outros mundos possíveis.

Ao Conselho Internacional, como grande facilitador desse processo, caberá fundamentalmente possibilitar a interconexão dessas causas coletivas globais. Esses encontros de articulação global são imprescindíveis. Eles desencadeiam uma grande mobilização. Mas, sem dúvida, eles precisam tornar-se mais eficazes.

Por isso, um Grupo de Trabalho do Conselho Internacional em Nairóbi propôs que se verificasse como está a relação entre o processo do FSM, os movimentos socais, suas campanhas e avalie como o FSM está desempenhando seu papel na construção de espaços de resistência e na criação de alternativas ao neoliberalismo.

Importante assinalar, ainda, a preocupação manifestada em Nairóbi de vivenciar, na prática, os princípios e valores da *Carta de Princípios do FSM* no seu próprio interior. Foi lembrado Gandhi que sustentava que "devemos ser a mudança que pregamos". Até que ponto utilizamos, nós mesmos, o *software* livre e a economia solidária que defendemos? Até que ponto facilitamos a diversidade e o pluralismo, assegurando o acesso dos grupos mais marginalizados da sociedade?

Revista Fórum, junho de 2007

13

De um mundo disperso a um mundo auto-organizado

Todos estamos de acordo quanto ao nosso maior desafio hoje: propor alternativas concretas para viabilizar nossos sonhos.

Contudo, com isso não estamos acusando o FSM de ser um puro falatório, um caos em que predomina a dispersão e o folclore. Em si, ele próprio é um grande êxito na medida em que mexeu com o imaginário social de muitas pessoas. A luta hoje se joga no campo simbólico e neste campo o FSM já ganhou muitas batalhas. O próprio Fórum Econômico de Davos teve de incluir na sua pauta algumas questões sociais tratadas pelo FSM.

Mas sua maior conquista foi despertar nas pessoas a crença de que é possível, urgente e necessário mudar o mundo. As vozes de Porto Alegre chegaram a Davos, mesmo que não consideremos o FSM como um anti-Davos. Não é possível ignorá-lo quando se trata das questões planetárias. As grandes esferas do poder neoliberal só se interessarão pelos graves problemas causados pelo seu modelo econômico por meio de pressão social.

Por outro lado, não podemos entender o avanço dos governos de esquerda da América Latina sem levar em conta o clima de mudança criado pelo Fórum e pela sociedade civil. As transformações da região não dependem só dos governos. A sociedade civil tem sido protagonista, cobrando direitos, questionando governos e partidos, conscientizando e organizando a população.

Por tudo isso, na discussão de um novo formato do FSM, todo cuidado é pouco. O tema deverá ser discutido por um longo período. Institucionalizar o Fórum para torná-lo mais "eficaz" acabaria por fortalecer certos grupos de ONGs e movimentos sociais hoje mais inseridos no seu processo, impedindo a renovação, a pluralidade e a diversidade. Mas será necessária alguma forma de facilitação ou de interligação ou de conectividade concreta que um grupo de trabalho ou comissão do Conselho Internacional leve à frente de forma mais permanente. Uma proposta nesse sentido foi apresentada e recusada

na reunião do CI em Nairóbi e o problema continua de pé: quem fará a conectividade, inclusive entre os Fóruns de janeiro de 2008?

Outra questão importante para tornar o FSM mais plural e que se refere à sua expansão é a do seu financiamento. A realização de um Fórum custa muito caro e seu formato atual privilegia as ONGs e movimentos sociais mais estruturados que conseguem recursos para viagens. Daí a presença, em todos os Fóruns, de maioria com curso superior. A participação popular é ainda muito pequena. Os mais pobres não conseguem sequer pagar a taxa de inscrição. Precisamos tornar visíveis os que foram empobrecidos e invisibilizados.

Ao lado da ideia do autofinanciamento está sendo rediscutida a relação com governos democráticos. Direta ou indiretamente eles apoiaram sempre os Fóruns por meio do financiamento de ONGs e movimentos que participam de suas atividades. O Fórum de Caracas foi praticamente realizado com o apoio do governo venezuelano. O autofinanciamento derivado da cobrança de taxas, vimos em Nairóbi, impossibilita a participação dos mais pobres. Cândido Grzybowski, diretor do Ibase, membro do Conselho Internacional, defende uma campanha de doação de um dia de trabalho anual pela autonomia do FSM. Os recursos dessa doação seriam depositados num fundo de financiamento dos mais pobres. Mas não há consenso em relação a essa proposta. Salete Valesan Camba, do Instituto Paulo Freire, também membro do Conselho Internacional, sustenta que, na prática, o Fórum já é autofinanciado pelo trabalho de todos e de todas que nela participam e que o "dinheiro que circula no mundo e é controlado pelo capital internacional é, de fato, do povo". O que o Fórum pode fazer, se puder, é colocar esse dinheiro do povo a serviço do povo. Como? O FSM precisa pronunciar-se sobre isso.

Finalmente, uma das grandes conquistas do FSM está sendo a sua capacidade de tornar um mundo disperso e invisível num mundo auto-organizado em rede. O princípio do Fórum é colocar em contato forças dispersas com base numa nova cultura política, para empoderar causas sociais globais.

O seu método é o estímulo à autoaglutinação para a busca de alternativas ao neoliberalismo. Para isso é preciso traduzir claramente nossos valores éticos, nossa declaração política, em objetivos políticos concretos. E aqui não conseguimos avançar muito. Falta um sistema de intercomunicação para saber imediatamente, em qualquer parte do mundo, o que cada um faz, como cada um pode participar, para ir construindo esse outro mundo possível desde já.

Revista Fórum, julho de 2007

14

Fórum Social dos Estados Unidos

Foi realizado, em Atlanta (Geórgia), nos Estados Unidos, de 27 de junho a 1º de julho, o primeiro Fórum Social daquele país. Desde 2004 havia sido criado um Comitê Nacional de Planejamento desse evento, integrado por movimentos sociais e ONGs. O primeiro realizado "no coração da besta" – como se dizia em Nairóbi –, foi um êxito tanto em seu processo democrático e popular de organização, como na sua impecável realização.

Atlanta foi escolhida por sua rica história de lutas pelos direitos civis nos Estados Unidos. Foi a partir de Atlanta que Martin Luther King iniciou sua batalha pelos direitos dos afro-americanos. O Fórum Social dos Estados Unidos realizou-se na terra ancestral dos povos indígenas Cherokees e Creeks, que estavam à frente da marcha inicial do Fórum, com a participação de mais de 10 mil pessoas.

Discutiu-se, em mais de mil painéis, a revolução não violenta, a economia solidária, o comércio justo, o tema da moradia, da migração, das religiões progressistas. E não poderia faltar o debate da guerra do Iraque e tudo o que ela representa na cultura da guerra estadunidense que atinge o currículo escolar e o complexo industrial militar e religioso. Esses e outros temas estavam também presentes em 14 tendas temáticas: Nativos americanos, África, Juventude, Democracia, Solidariedade dos povos, Justiça ambiental, Palestina, Sul-Norte, Justiça e paz, Sonhos e pesadelos (exibição de fotos), Direito de migração, Solidariedade econômica, Direito à água e Direitos humanos para os povos pobres.

Pela primeira vez o tema da educação popular foi central nos debates de um Fórum Social, discutindo novos paradigmas para a transformação social. Foram reafirmadas as propostas já defendidas no Fórum Social Mundial de Mumbai, na Índia, em janeiro de 2004, para a democratização das instituições internacionais e a criação de um parlamento mundial. Sessões plenárias no período noturno

faziam a conexão entre os três eixos do Fórum: conscientização, visão e estratégias.

Os furacões Katrina e Rita que atingiram a região, em 2005, despertaram a consciência social, mostrando um país extremamente dividido entre os direitos dos ricos e o abandono dos pobres, provocando indignação e fortalecendo o espírito comunitário e a luta por justiça social. Depois dos furacões que destruíram Nova Orleans, tornaram-se visíveis, não só a perda dos direitos civis, mas também a força histórica do racismo, do genocídio, da escravidão, do militarismo, da exploração, da supremacia racial branca e do sexismo. Os furacões mostraram a outra América, a de mais de 40 milhões de pobres, a América da desigualdade e da degradação dos serviços públicos.

A Assembleia dos Movimentos Populares, chamada de "Assembleia dos Povos", serviu para criar pontes de conexão intertemática entre os temas de gênero, raça, nacionalidade, habilidade, sexualidade, idade, região etc. Essa convergência e integração realiza um dos objetivos principais dos eventos dos Fóruns que é o fortalecimento das redes, o estabelecimento de alianças e a articulação das lutas.

Alguns criticaram a baixa participação da academia. De fato, as vozes acadêmicas foram praticamente ignoradas no Fórum dos Estados Unidos. O Fórum Social dos Estados Unidos, não conseguiu atrair o forte mundo acadêmico, servindo para aprofundar a distância entre o mundo acadêmico de esquerda e os movimentos sociais. Esse é um ponto que precisa ser aprofundado. Muitas razões existem para que os movimentos sociais desconfiem da academia, contudo, precisamos levar em conta o importante potencial crítico das universidades na formação dos jovens.

Observei ainda uma forte presença da visão "multicultural", muito própria dos Estados Unidos. Em vez de aprofundar o debate das divergências, cada grupo, a partir de sua identidade, expõe seu ponto de vista, com liberdade e autenticidade, mas sem pontos de enlace, alianças e construção de uma visão intertranscultural.

O Fórum teve um significado simbólico importante: foi o maior evento organizado por movimentos sociais daquele país.

Revista Fórum, agosto de 2007

15

Facilitação do processo do FSM

A autogestão é a forma pela qual o FSM facilita o seu processo. Autogestão não significa falta de estruturas e responsabilidades. Como um empreendimento autogestionário, o FSM possibilita a mais democrática forma de tomada de decisões, que é a tomada de decisões por consenso. Seu órgão facilitador mais amplo é o Conselho Internacional (CI). A autogestão é baseada na democracia participativa e exige um grande esforço de trabalho coletivo permanente, pois implica um grande envolvimento de todos com a missão do Fórum.

Em Nairóbi, em janeiro de 2007, o Conselho Internacional abriu a discussão do tema da facilitação a partir de uma manifestação do "Grupo Facilitador" brasileiro.

Chamado "Grupo dos Oito", o Comitê Organizador do primeiro FSM (2001), um conjunto de oito entidades (hoje nove, incluindo o Instituto Paulo Freire), continuou o trabalho inicial com o Secretariado Internacional do FSM. Depois do Fórum de Mumbai (2004), na Índia, o Comitê Organizador indiano juntou-se ao Secretariado Internacional.

Em Nairóbi, o Grupo Facilitador brasileiro do Secretariado Internacional não quis mais continuar com essa tarefa sozinho, buscando ampliar a participação internacional. Ele entendia que já havia cumprido o seu papel e que precisava preparar uma transição. O Brasil havia iniciado o processo do Fórum, mas não podia continuar fazendo tudo. Concentrar a facilitação no grupo inicial seria prejudicar a própria expansão do FSM. O CI, contudo, não chegou a uma conclusão e pediu para que o Grupo Brasileiro continuasse com a sua tarefa de facilitação. A discussão está aberta.

É preciso que o Fórum tenha um Plano de Ação estratégico ou um Plano Anual de Objetivos. E isso está sendo difícil de construir coletivamente. Precisa-se delegar essa tarefa a um grupo de trabalho que prepare um documento inicial de discussão. Em 2006, uma

reunião do CI em Parma (Itália) solicitou esse estudo a um grupo *ad hoc*. O grupo apresentou sua proposta em Nairóbi, com claros avanços, mas ainda não conclusivos.

Os eventos são momentos do processo. Muitas coisas acontecem antes e depois dos eventos. Tem de haver um grupo facilitador do CI já que ele é o próprio facilitador do processo do FSM. O processo não é do Fórum, mas dos seus participantes, movimentos e ONGs que o utilizam como espaço aberto de organização de suas agendas locais e planetárias. É a sociedade civil planetária que está construindo outros mundos possíveis e não o Fórum em si mesmo. Mas é preciso que o FSM saiba construir instrumentos, promova estudos e pesquisas e disponibilize, pelo menos em seu *campus* virtual, todos os instrumentos de que a sociedade civil precisa para viabilizar sua missão.

O CI está trabalhando para construir um novo formato, preocupado com o processo. Há muitos Fóruns, mas eles não estão devidamente conectados e também não são tão visíveis quanto o evento principal do FSM. Há no Fórum uma clara dessintonia entre a estratégia política e a sua estrutura. Ela funciona precariamente, mesmo nos seus principais eventos. Hoje a sua própria memória não está sendo devidamente preservada por falta dessa estrutura.

O Fórum é uma resposta à necessidade de superar a dispersão das lutas, uma resposta à necessidade de articular, mundialmente, a diversidade de iniciativas e de forças sociais. Essa é sua missão e a partir dela foi fortalecendo uma nova forma de se fazer política, uma nova cultura que está formando toda uma geração de novos militantes, principalmente os jovens. A partir do FSM, a democracia participativa fortaleceu-se em todo o mundo. A própria noção de democracia ganhou força e significado. O Fórum acabou defendendo a radicalização da democracia e as organizações que dele participam vêm cobrando de governos e partidos mais democracia. Por tudo isso, é importante que o CI chegue rapidamente a definir novo formato e uma estrutura que facilite o processo, mesmo que sejam sempre provisórios.

Ecos de Salvador - Entre os dias 2 e 5 de agosto foi realizado, em Salvador, o II Fórum Social Nordestino, com a participação de cerca de dez mil pessoas, mobilizando ONGs e movimentos sociais que lutam pela promoção e avanço dos direitos econômicos, sociais e ambientais. O tema "Por um outro modelo de desenvolvimento para o Nordeste" teve seu foco voltado, em especial, para a polêmica obra de transposição do rio São Francisco. "Um outro Nordeste é possível", foi o lema que aglutinou 130 oficinas e seminários, quatro conferências, mostras de produtos da Feira Solidária, a Tenda Meio Ambiente e Diversidade Cultural, apresentações culturais, entre outras iniciativas pelo acesso universal aos bens comuns da natureza e da humanidade, por outra economia e desenvolvimento democrático e solidário, e pela igualdade, respeito à diversidade, eliminação de todas as formas de discriminação.

Revista Fórum, setembro de 2007

16

Convergências e alianças

O Fórum dos Estados Unidos, realizado em Atlanta (Geórgia), foi um grande sucesso, como comentamos nesta coluna da revista *Fórum* do mês de agosto. Contudo, há uma crítica que poderíamos fazer a esse Fórum e que é a mesma de tantos outros fóruns: saímos com a sensação de que celebramos mais uma etapa de nossa caminhada por um outro mundo possível, mas não soubemos ainda ser efetivos na construção de novas redes e alianças que fortaleçam essa caminhada no futuro. Nisso os Fóruns estão devendo uma resposata mais propositiva. As convergências e as alianças sonhadas ainda não aconteceram na medida das necessidades dos participantes.

O Fórum tem- se constituído num processo virótico que contamina a todos em favor de uma causa. Sabemos bem qual é a nossa causa, saímos convencidos e engajados nela em cada edição do Fórum, mas ainda nos faltam estratégias concretas para poder ver no horizonte uma sociedade pós-capitalista e solidária. Não sabemos, ainda, traduzir nossas convicções em ação política planetária. Esses são, ainda, os nossos limites. Isso exigirá de nós não só uma conectividade maior entre ONGs, movimentos sociais, sindicatos e academias, mas também numa discussão mais aprofundada do papel dos partidos políticas e dos governos democráticos transformadores. O FSM pode ter um papel novo nessa articulação global, tornando o que hoje está disperso numa força unida transformadora real, mantendo seu caráter aberto, horizontal e não monopolizador.

Nos Estados Unidos, como em outros Fóruns, a Assembleia dos Movimentos Populares tem-se destacado pela sua contribuição à "cidadania planetária", edificando e consolidando redes internacionais da sociedade civil e dos movimentos sociais, avançando para a realização de alternativas efetivas na construção de um outro mundo possível, sem se confundir, necessariamente, com o próprio processo do Fórum. Em alguns momentos, contudo, temos a sensação de que a Assembleia dos Movimentos Populares, chamada, nos Estados Unidos, de "Assembleia dos Povos", pela sua ação global intertemática, por falta de outra instância de construção de convergências e alianças, acaba substituindo o próprio papel do Fórum. A Assembleia dos Movimentos Populares tem-se fortalecido justamente aonde o formato atual do FSM não conseguiu dar uma resposta concreta. Ela realiza um dos objetivos principais que é o fortalecimento das redes, o estabelecimento de alianças e a articulação das lutas.

É tempo de mudar o mundo. Um outro mundo não é apenas possível. Ele está em construção, também nos eventos do Fórum. Isso implica voltar à questão do formato. Se o processo do FSM precisa ser expandido, ele precisa de ferramentas, de métodos, de mobilização. Alguns membros do Conselho Internacional chegaram mesmo a sugerir que adotemos outros *slogans* como: uma "outra democracia é possível", uma "outra economia é possível", uma "outra educação é possível" etc. Em Nairóbi ficou consensuado que, em 2008, o principal *slogan* que uniria nossas lutas em torno de um "Dia de Mobilização e Ação Global", poderia ser "um outro mundo é possível, em construção". O que deixa clara a preocupação do CI com a necessidade do FSM tornar-se um ator político que traduza seus princípios em ações concretas.

Uma das preocupações do Conselho Internacional, ao se eleger uma agenda de lutas, é colocar em perigo o pluralismo do FSM, uma de suas grandes conquistas, frequentemente testado em nossos encontros. Em Nairóbi, por exemplo, grupos de mulheres, homens, gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, transgêneros e heterossexuais de diversas partes do mundo protestaram contra uma expressão fundamentalista presente naquela edição e lançaram um manifesto pelos "direitos sexuais e reprodutivos", rechaçando uma marcha contra o aborto dentro do espaço do FSM e a moralidade sexual fundamentalista. Questões como essa devem ainda ampliar o debate para que o pluralismo não se confunda com a aceitação de tudo. Pluralismo não é ecletismo. Dentro do Fórum há uma forte tendência de rechaçar toda manifestação que vai de encontro à autonomia, à liberdade individual e ao livre exercício da sexualidade.

Esse é apenas um exemplo concreto das discussões no interior do Fórum que apontam para a necessidade de tornar nossos eventos anuais um espaço de construção de alianças globais que traduzam nossos sonhos em processos articulados de mudança. Com a criação do FSM, movimentos dispersos se aglutinaram e criaram muito outros Fóruns. Hoje não há mais um único processo do Fórum. Com a autonomia dos Fóruns, vários processos se organizaram. Antes aglutinou-se a sociedade civil. Agora ele precisa aglutinar os diferentes Fóruns.

Revista Fórum, outubro de 2007

17

A questão do plano estratégico

A discussão sobre o formato do FSM vem sendo pautada desde os primeiros encontros do Fórum. E não poderia ser de outro modo na medida em que o FSM está criando algo novo no cenário político global e não pode, por isso mesmo, reproduzir métodos velhos. Como nossas cabeças pensam de acordo com nossos paradigmas, tão presentes em tudo o que fazemos, precisamos nos colocar a questão de nossos objetivos estratégicos e de como atingi-los. Há algo de "caórdico" nesse processo, isto é, existe uma ordem – traduzida pela nossa missão, que é permanente – e há também um caos criativo no processo do Fórum, representado por essa busca de um formato mais eficaz.

Um exemplo dessa discussão foi dado pela polêmica em torno do artigo de Walden Bello, membro do Conselho Internacional do FSM e diretor do Focus on the Global South (Bangkok), intitulado "O Fórum Social Mundial na encruzilhada". Nesse artigo, ele apresenta um pequeno histórico do FSM, destacando sua função básica de representar um espaço aberto e democrático de auto-organização dos movimentos sociais e ONGs, na esteira das grandes mobilizações antiglobalização dos anos 90 e a constituição de uma nova cultura política frente aos velhos partidos marxistas-leninistas. A encruzilhada de hoje estaria na sua incapacidade de "tomar posição", de superar a sua "neutralidade". Ele cita o Fórum de Caracas como o momento no qual o FSM se viu numa encruzilhada, instigado pelo movimento político bolivariano, e sustenta que Caracas "foi uma estimulante confrontação com a realidade". Para Bello, o FSM deveria criar um contrapoder e "ocupar espaços de poder no nível local, nacional e regional", utilizando-se, para isso, das múltiplas redes envolvidas no seu processo. O FSM não pode ser apenas um fórum de ideias; deve ter uma agenda política de ação global.

Francisco Whitaker, um dos fundadores do Fórum, responde a Walden Bello em outro artigo – "As encruzilhadas nem sempre fecham caminhos" – no qual sustenta que o FSM está seguindo por um "caminho paralelo" ao da resistência concreta ao neoliberalismo. Para ele, o FSM abriu esse "novo caminho", paralelo, "não para substituí-lo mas para dar-lhe apoio". "Estes dois caminhos não têm por que se cruzar. Sendo distintos, podem seguir paralelamente." Em vez de um substituir o outro, Whitaker propõe que os dois se relacionem "intensa e permanentemente". Nesta visão, vejo o perigo da separação entre ação e reflexão. Ele afirma que os organizadores da primeira edição do FSM (2001) viam o Fórum como um espaço de ideias e articulações "a serviço dos que estavam na ação". Seria o mesmo que utilizar um caminho para pensar e outro, paralelo, para agir. Não creio que exista um FSM dos "de dentro" e um FSM dos "de fora". Nem podemos dizer que o Fórum apenas oferece uma "oportunidade" para as ONGs e movimentos sociais, separando o Fórum de seus atores. O fato é que o formato atual do FSM não está permitindo a articulação efetiva de ações globais e permanentes. Para alguns, esse formato se esgotou e começa a desmobilizar seus participantes. Em Nairóbi, programou-se o quarto dia do encontro para a articulação de ações. Foi a primeira vez que se fez isso. A meu ver foi o ponto alto e inovador do Fórum de Nairóbi. Contudo, por diversas razões, como afirmou Whitaker em seu artigo, esse espaço não foi utilizado "plenamente". Será necessário fazer um grande esforço de autocrítica para reforçar essas inovações nos próximos encontros e implementá-las no processo permanente do FSM e não só nos seus eventos. Seria uma forma de superar a atual "neutralidade" apontada por Bello: a articulação política dos movimentos e ONGs vai confrontar-se com a sua fragmentação. O FSM surgiu exatamente pela necessidade de superar isso.

É verdade que os movimentos estão mais articulados hoje do que antes do FSM. Mas ainda não têm encontrado um espaço articulado e articulador para incidir politicamente no mundo que desejam transformar. Nesse contexto não devemos esquecer as ONGs e sindicatos que, com os movimentos, também são parte integrante do FSM e da sociedade civil planetária. O formato atual não permite a constituição de convergências e a construção de alianças, propósito inicial do Fórum. Até para utilizar mais "plenamente" esse espaço – utilizando as palavras de Whitaker –, é preciso insistir na reformatação do FSM.

Falta um plano estratégico de longo prazo. Já avançamos muito. Janeiro de 2008 vai exigir mais de nós para conectar-nos globalmente e dar visibilidade às nossas múltiplas iniciativas. Avançamos muito nestes sete anos na formação de uma consciência planetária de resistência ao neoliberalismo. Mas ele continua muito vivo.

Revista Fórum, novembro de 2007

Preparando o Dia de Mobilização Global

Cândido Grzybowski, José Corrêa Leite e Oded Grajew, em um artigo divulgado pela internet comentando as posições de Walden Bello e Francisco Whitaker sobre a "encruzilhada" do FSM, sustentam a necessidade de uma "retomada vigorosa de movimentos de grande visibilidade". Eles concluem posicionando-se por um modelo organizativo do FSM como "espaço aberto" e como "método de ação política democrática". Construir uma alternativa a esse método, dizem eles, "seria romper com a vasta coalizão e prática das experiências comuns que conformaram o Fórum e voltar à competição entre iniciativas formuladas a partir das diversas experiências particulares".

O dia 26 de janeiro de 2008 foi estabelecido pelo Conselho Internacional do FSM, em Nairóbi, em janeiro de 2007, como um "dia de mobilização e ação global". É provável que a mídia mundial dê mais visibilidade a esse evento planetário do que deu ao Fórum de Nairóbi. Não dependemos dessa visibilidade para agir, mas, certamente, se não formos "vistos", alguma coisa estará errada com nossa estratégia de mudança global. A visão estratégica do FSM deve vir acompanhada de um vigoroso plano de comunicação. É importante realçar que a missão do FSM é o altermundismo. Diferentemente dos movimentos chamados "antiglobalistas", o Fórum veio justamente para aglutinar movimentos dispersos e realizar o sonho de "um outro mundo possível".

O dia de mobilização é o ponto de chegada de uma semana de ação, mostrando toda a pluralidade, diversidade e riqueza de alternativas e propostas contra o neoliberalismo, a guerra, o colonialismo, o racismo e o patriarcado, que geram violência, exploração, exclusão, pobreza, fome, desastres ambientais e a negação dos direitos humanos. Esse dia aglutinará diferentes atividades planejadas por entidades, movimentos e redes que se manifestarão em todo o planeta, articulando suas conexões nacionais e internacionais por meio do *site www.wsf2008.net*. Essa mobilização conjunta terá como eixo de luta o enfrentamento da globalização capitalista.

O cenário da globalização capitalista foi bem descrito por Zygmunt Bauman em seu livro *Globalização: as consequências humanas*, publicado pela editora Zahar em 1999. Ele sustenta que o Estado-nação teve sua base material destruída, sua soberania e independência anuladas, sua classe política apagada, tornando-se um "mero serviço de segurança para as megaempresas" (p. 74). O Estado é fraco se considerarmos os seus serviços para a comunidade e forte no atendimento aos interesses do capital. As empresas e corporações transnacionais é que têm força política. Mas elas precisam do Estado-nação para o acúmulo do capital e o Estado faz o serviço sujo para elas: a repressão. Para o acúmulo, o capital precisa de exploração econômica, que faz diretamente por meio do controle dos salários, e de dominação política, que ele exerce por meio do Estado-nação.

O professor Francisco de Oliveira, ao ser entrevistado pelo jornal *Folha de S.Paulo*, afirmou, há alguns meses, que, com a globalização "os governos nacionais tornaram-se irrelevantes". De fato, eles estão se transformando em prestadores de serviços do poder econômico. O Estado-nação, como "forma do capital" (a expressão é de John Holloway) cumpre o papel repressivo de que precisa o capital e que ele não pode exercer diretamente. Isso não significa que a política não importe mais. Importa. Ela é uma arena de luta entre capital e trabalho. A luta no interior do Estado-nação não deixou de ser relevante com a globalização capitalista, mas ela não prescinde da mobilização popular.

A globalização é o ápice de um processo de internacionalização do capital impulsionado pelas novas tecnologias, principalmente as tecnologias da informação. O capitalismo globalizou-se. Global também deve ser a luta contra ele e por uma outra globalização. Os grandes movimentos altermundistas iniciados nos anos 90 do século passado, como os de Seattle, Melbourne, Praga, Quebec, Genebra, Colônia, Washington, Bologna, Praga, Gênova, Cancún e outros, promoveram grandes manifestações, que foram retomadas pelo FSM 2008, aglutinadas numa aliança mundial contra a globalização neoliberal e por um outro mundo possível. Em 15 de fevereiro de 2003, por exemplo, o FSM promoveu uma grande manifestação mundial contra a invasão do Iraque pelos Estados

Unidos, reunindo milhões de pessoas em diferentes partes do mundo. Espera-se que a manifestação de 26 de janeiro de 2008 tenha o mesmo êxito. Por tudo isso é tão importante a mobilização programada pelo FSM 2008. O desafio é envolver cada vez mais gente no processo de construção altermundista, principalmente os mais empobrecidos. Jornadas de luta deverão se multiplicar daqui para a frente, fortalecendo o papel político do FSM.

Revista Fórum, dezembro de 2007

19

FSM 2009: Belém, Amazônia

Em janeiro de 2009, a capital do estado do Pará, Belém, sediará a nona edição do Fórum Social Mundial. Belém tem 1,5 milhão de habitantes, é uma cidade histórica e de tradição revolucionária. O tema que dominará a maior parte dos debates será, certamente, o aquecimento global e a sustentabilidade planetária. Confrontamo-nos hoje com um modelo predatório de desenvolvimento cujo início remonta a meados do século XVIII.

A Amazônia é tema chave deste megaevento. Patrimônio da humanidade, a região abrange nove países e possui a maior diversidade biológica da Terra. Mas essa imensa pluralidade de modos de vida está sendo destruída pela globalização capitalista. O que se passa hoje na Amazônia é um exemplo do quanto é insustentável o modelo capitalista de produção e de consumo.

Foi esse modelo insustentável que gerou as grandes crises atuais, todas elas interligadas: 1ª – Crise social mundial: pobreza e exclusão, cruel e sem piedade com os membros da mesma espécie; 2ª – Crise da água potável: muitas crianças morrem de doenças causadas pela falta de tratamento do esgoto e da água, cada vez mais escassa; 3ª – Crise de alimentos, agravada com a crise da água; 4ª – Crise do efeito estufa que está acelerando o aquecimento global; 5ª – Crise energética: o petróleo é hoje o sangue do sistema e ele não é uma fonte renovável de energia. Se essas crises não forem superadas não haverá nada para compartilhar no futuro. Muito mais do que uma crise de modelo de desenvolvimento, vivemos hoje uma crise de civilização. Na Rio+10, organizada pela ONU, em 2002, na cidade de Joanesburgo, África do Sul, constatou-se o fracasso das medidas tomadas dez anos antes no Fórum Global Rio-92. No início de 2007, o mundo tomava conhecimento, através do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas das Nações Unidas (IPCC), de que a maior consciência ecológica que se seguiu à Rio-92 não fora suficiente para evitar a catástrofe climática. O aquecimento global já não é um episódio distante. Seus efeitos começam a se fazer sentir em todo o planeta. Agora, já ultrapassamos o limiar apontado, em 1968, pelo Clube de Roma.

Em poucos anos, pela ação dos seres humanos, ficou demonstrado que o aquecimento global é uma realidade. E precisamos aprender a conviver com ele. Não temos mais escolha: ou mudamos o nosso modo de produzir e reproduzir nossa existência no planeta, ou simplesmente morreremos. Ou inventamos um novo modo de viver ou morremos. A temperatura do planeta poderá subir até o final do século entre 2°C e 4°C, com graves consequências para todos os ecossistemas da Terra.

O relatório da ONU mostrou que a taxa de aumento da emissão de gases que provocam o efeito estufa está no setor de energia, que cresceu 145% nos últimos 15 anos, no setor de transporte (120%), no setor industrial (65%), no setor florestal por desmatamento e queimadas (40%). Em princípio, todos podemos contribuir para reduzir a emissão de gases-estufa, mudando nosso estilo de vida, utilizando menos energia (desligar a luz, colocar o ar condicionado não tão frio...), usando transporte coletivo, deslocando-se mais a pé, trabalhando mais em casa (pela internet) etc. Precisamos olhar para dentro de nós mesmos, para nosso estilo de vida, para nossos padrões de consumo insustentáveis: enquanto os veículos contribuem com 14% da emissão dos gases de efeito estufa, os animais contribuem com 18% (o consumo de carne no mundo dobrou nos últimos cinco anos). Agora temos de criar estratégias para sobreviver, primeiro nos preparando para as mudanças e, segundo, diminuindo os efeitos negativos do aquecimento global, por exemplo, rearborizando o planeta e não repetindo o que foi feito no passado.

Os impactos futuros do aquecimento global revelados pelos relatórios do IPCC mostram riscos à saúde pública, sobretudo nos países menos desenvolvidos como o Brasil. Nas sociedades subdesenvolvidas, deverá ocorrer aumento dramático de doenças diarreicas e cardiorrespiratórias. Tais enfermidades deverão aumentar o número de óbitos entre as populações mais vulneráveis. Nas regiões mais pobres, os impactos do aquecimento global deverão ser ainda piores.

Por tudo isso, o FSM de Belém, deverá se constituir numa oportunidade ímpar da sociedade civil global fazer-se ouvir. Também irá permitir o contato pessoal dos habitantes de Belém e região, que inclui indígenas, ribeirinhos, comunidades quilombolas, com numerosos participantes que irão chegar de todas as partes do mundo. Essa é uma das grandes conquistas do FSM. Ele conseguiu criar uma identidade planetária, contra a globalização capitalista, que não existia até então, permitindo nova compreensão da revolução.

Revista Fórum, janeiro de 2008

20

O trabalho de enlace do FSM

O FSM 2009 terá importantes pautas além do tema do aquecimento global. Entre elas, o reexame de seu próprio formato e de suas estratégias de ação. Muitos vêm alertando que o FSM está perdendo sua força de intervenção na construção de um outro mundo possível, considerando-o como um processo em fase de esgotamento. Sua capacidade de facilitar o processo de articulação da sociedade civil global ficou limitada a um espaço de auto-organização, ainda pouco qualificado, mesmo reconhecendo-se a grande vitalidade dos Fóruns regionais e nacionais. Ainda não conseguimos a eficácia necessária para impulsionar o processo de mobilização em nível global. O principal desafio agora é fazer a conexão entre as lutas locais e nacionais com objetivos mundiais, ampliando alianças, fortalecendo lutas, criando alternativas ao neoliberalismo dominante. Um espaço aberto facilita a ação dos grupos mais organizados em detrimento do conjunto de atores sociais.

Para além de ser um espaço livre, o FSM precisa atuar como rede. Articular significa dar visibilidade. O que não tem visibilidade não existe. Não estamos conseguindo dar visibilidade ao que os movimentos sociais e ONGs estão fazendo, dando a impressão de que pouco está sendo feito. O argumento de que não é o FSM que vai construir um outro mundo possível e sim a sociedade civil global é espontaneísta e desmobilizador. Há sim um trabalho de enlace das redes altermundistas que cabe ao Conselho Internacional (CI) e aos Comitês Organizadores dos Fóruns. O FSM não pode ser um movimento disperso. Ele surgiu exatamente para reunir forças contra o neoliberalismo. Trata-se de facilitar a ação global. Sequer conseguimos construir parâmetros de comunicação, imprescindíveis para esse trabalho de enlace. Há muitas pessoas e organizações que gostariam de se associar à causa do FSM, e não conseguem saber aonde devem se dirigir para obter as poucas informações disponíveis. Sem uma comunicação eficiente, dificilmente o FSM poderá tornar-se mundial. Temos muito trabalho pela frente. Somos uma sociedade de redes

e de movimentos. É nesse novo contexto que o protagonismo da sociedade civil global, tão impulsionado pelo FSM, pode se dar. A globalização das tecnologias e da comunicação pode facilitar muito a realização dessa missão. Encontros, fóruns, congressos e seminários não se constituem propriamente numa novidade. O que é novo no FSM é sua capacidade de facilitação do processo de organização e ação da sociedade civil global. A tarefa do CI, como facilitador do processo do FSM, não é, certamente, a de indicar quais são as lutas prioritárias. Já superamos essa fase do debate. Mas, seu papel é estratégico na criação de instrumentos de enlace, de uma inteligência coletiva, ou melhor, de um sujeito coletivo. O processo do FSM continuará difuso, como é hoje, mas mais articulado, se quiser ser mais eficaz. A autoridade do CI, como facilitador, advirá cada vez mais da sua capacidade de "trabalhar por" e não de "pensar por", sustentada por uma visão estratégica do processo.

Em uma rede, o que conta é o coletivo em permanente ação. Organizações desse tipo são "caórdicas", isto é, combinam elementos da ordem e do caos. A ordem é constituída pela missão, que é permanente, e o caos é constituído por estruturas em permanente mudança, adequando-se e adaptando-se aos fins e aos objetivos propostos na missão organizacional.

Há perguntas que não se calam dentro do FSM: Como passar do pensamento crítico para o pensamento afirmativo? Como tornar o Fórum uma força política realmente transformadora? O que precisamos fazer para avançar? O FSM 2009, a ser realizado em Belém, deverá ser crítico e denunciar os efeitos perversos da globalização capitalista, mas terá perdido uma grande oportunidade se não for profundamente afirmativo e organizativo. Cada vez mais sentimos falta de um FSM como ator político, contraposição articulada às políticas neoliberais. Porque o capitalismo não é o destino da humanidade, precisamos mostrar, reafirmar e aprofundar nossas lutas e nossas conquistas.

Dentro do FSM mistura-se o velho e o novo. Todos sabemos que se trata de um processo que demanda tempo, organização e muito trabalho. Mas precisamos ter clareza do caminho a seguir coletivamente. Não se trata de alguns indicarem o caminho para a maioria. Trata-se de chegar lá todos juntos... e em tempo. Por isso é que precisamos continuar nos colocando a questão do caminho a seguir... sempre.

Revista Fórum, fevereiro de 2008

Dia de Mobilização Global

Em janeiro de 2008, o processo do FSM experimentou um formato novo de evento, mais global, mais descentralizado, organizando um dia de mobilização, preparado durante todo o ano de 2007. Foi uma experiência ousada que, depois de avaliada, poderá se tornar uma atividade permanente do Fórum, incorporando essa iniciativa à reformatação do processo do FSM. Em seu processo, ele está experimentando e incorporando novos modelos de organização, novas metodologias, mais apropriadas à causa que defende. No Brasil, houve manifestações em 19 estados, articulando-se com um movimento global que aconteceu em mais de 80 países, onde foram programadas mais de 700 ações. Calcula-se que mais de dez mil pessoas participaram, no Brasil, das atividades promovidas neste dia, mostrando que o FSM não é apenas um espaço de discussão e debate, mas também possibilita ações concretas.

Coletivas de imprensa promovidas pelo FSM aconteceram em muitas partes do mundo: Atlanta (EUA), Zurique (Suíça), Chennai e Mumbai (Índia), Erbil (Iraque), Roma (Itália), Bruxelas (Bélgica), Cidade do México (México), Havana (Cuba), Ramallah (Palestina), Manila (Filipinas), Seul (Coréia), Beirute (Líbano), Barcelona (Espanha) e em várias cidades do Brasil: São Paulo, Rio de Janeiro, Natal, Belém, Fortaleza e Recife. Em Belém (PA), sede do próximo FSM, cerca de seis mil pessoas participaram de uma marcha pela paz, pelos direitos humanos e pela sustentabilidade planetária. O Rio de Janeiro reuniu médicos, poetas, indígenas, associações de moradores, jovens e diversos grupos sociais, levantando a bandeira da luta contra o capitalismo e possibilitando o debate de ideias sobre soluções alternativas, ligadas a temas como ecologia, saúde, direitos humanos e economia. Em São Paulo, um "Sábado-Feira" reuniu mais de uma centena de instituições sociais e grupos culturais compartilhando experiências, ideias e propostas por um outro mundo possível, com rodadas de conversa, palestras, debates, teleconferências, exposições etc.

Esses eventos se caracterizaram por uma grande pluralidade. Tivemos a sensação de estarmos unidos, globalmente, cada um na sua localidade, mostrando o que está sendo produzido pelas lutas locais

para mudar o mundo, contra o machismo, o racismo, a degradação ambiental, no combate à injustiça, à desigualdade, à concentração de renda, à miséria, à violência. Esses eventos mostraram toda a força e o enraizamento do FSM nas comunidades. Atores, teólogos, escritores, jovens, entidades, sindicatos, samba e música regional, muitas tendas de economia solidária, venda de produtos artesanais, alimentos orgânicos e de agricultura familiar, mostras de filmes independentes, apresentações de teatro, circo e dança, recreação infantil... pessoas e organizações mostrando a riqueza e a diversidade das novas formas de fazer política e lutar pelos direitos humanos.

E não foi esquecida a conexão mundial, pois, em tempo real, essas manifestações foram interligadas com outras cidades do Brasil e do mundo, por meio do uso das novas tecnologias, expressando as múltiplas vozes da diversidade mundial. As manifestações ocorrem na mesma data em que, na Suíça, na cidade de Davos, as elites neoliberais promoveram o Fórum Econômico Mundial. Com isso, no dia 26, o Velho Mundo, representado pelos produtores de violência, exploração, exclusão, pobreza e fome, foi confrontado por um outro mundo possível, defendido pelas organizações da sociedade civil global.

O importante é que novos atores foram incorporados e conseguimos fazer, virtualmente, a articulação de iniciativas locais com causas globais. Cidadãos, cidadãs, jovens e adultos que não integram nenhuma entidade da sociedade civil organizada e não podiam participar de atividades do FSM até agora, porque dependiam de deslocamentos, de passagens, estadias etc., puderam participar e se integrar a esse processo de tantos que se empenham em mudar o mundo. Com o Dia de Mobilização Global, o FSM mostrou a grande diversidade de movimentos e também a união existente entre eles. Várias linguagens foram utilizadas para além da palavra: vimos cartazes, fotos, *links*, *blogs*, *sites*, panfletos, gravações de rádio, matérias de televisão, vídeos etc., mostrando que existem muitas formas de lutar. Aos poucos, a articulação prevista na Carta de Princípios está acontecendo, nas bases e por sua iniciativa.

O mundo pode ser um lugar melhor graças ao que realizamos, no cotidiano, no dia a dia, por meio de nossas próprias forças de luta, livremente organizadas, sem hierarquias, sem burocracias. O Dia de Mobilização Global demonstrou a força de intercomunicação do FSM, simples e eficaz, conectando milhares de pessoas e organizações em todo o mundo, movidos por uma causa comum.

Revista Fórum, março de 2008

22

Diretrizes para a organização dos eventos do FSM

Diante da proliferação de eventos associados ao FSM, o Conselho Internacional (CI), reunido em Nairóbi em janeiro de 2007, criou uma comissão para estudar uma proposta de diretrizes gerais que deveriam orientar os Comitês Organizadores locais na promoção destes eventos, sem bloquear a sua criatividade, mas, ao mesmo tempo, preservando a espinha dorsal do processo do FSM. O CI não deseja, com isso, homologar ou controlar esses eventos. O CI e esses eventos são unidos pela mesma Carta de Princípios (CP) e o Conselho não os monitora e nem os supervisiona, mas tem a função de promovê-los sem distorcer a Carta de Princípios.

O FSM não é uma etiqueta que pode ser colada a qualquer evento. Este deve ser regido pela CP, garantindo o espaço aberto, mas dentro de certos limites, com critérios de participação e compromissos que precisam ser observados na organização dos eventos do FSM. Com base nesses critérios, o físico indiano Vinod Raina, coordenador do Movimento Ásia-Pacífico sobre Dívida e Desenvolvimento e membro do CI, fez algumas sugestões para contribuir no debate deste tema. Comento algumas delas.

A CP restringe a participação em seus eventos apenas às pessoas e organizações que "se opõem ao neoliberalismo e ao domínio do mundo pelo capital e por qualquer forma de capitalismo", vedando-se representações partidárias e organizações militares. Parlamentares e governantes só podem participar "em caráter pessoal". Portanto, os eventos não estão abertos para organizações que apoiam o pensamento neoconservador e ideias imperialistas, nem a quem pregue o fundamentalismo religioso ou defenda a resistência de forma violenta ao processo de desumanização.

Os organizadores devem assegurar igualdade de acesso a todos e a todas que aderirem à CP. Para isso, devem facilitar a participação dos movimentos e organizações de base de caráter popular que não possuem recursos, sem qualquer pagamento e, se necessário, com a ajuda de um

fundo comum de solidariedade. A escolha do local do evento não deve ser guiada por critérios comerciais capitalistas. Deve-se considerar a dimensão política e cultural que não reproduza os estilos de vida do mercado, mas que promovam e facilitem a vivência de princípios e valores da solidariedade e da sustentabilidade. Os eventos devem dar exemplo no uso sustentável da energia, do transporte, dos materiais usados, da água, na calefação, na limpeza, na higiene etc., traduzindo os princípios da austeridade voluntária, da simplicidade e de um estilo de vida ético e sustentável. Os promotores dos eventos devem apoiar empresas e instituições que se aproximam e comungam dos mesmos ideais de igualdade e de solidariedade, barrando o apoio de instituições ligadas a políticos corruptos ou a criminosos.

A autossustentação dos eventos, por meio de inscrições individuais ou de grupos, é a mais desejável. Contudo, o patrocínio de instituições públicas e privadas deve também ser procurado, desde que não fira os princípios estabelecidos na CP, buscando facilitar a participação das organizações e movimentos mais necessitados. O apoio dos fundos de fundações ou de empresas privadas não pode exigir contrapartidas como a venda de produtos ou serviços nos locais do evento, o que reproduziria o paradigma mercadológico neoliberal. Da mesma forma, os fundos de governos e empresas do setor público não podem submeter os eventos do FSM às suas orientações político-ideológicas.

Na formação do Comitê Organizador local, deve-se atender ao pré-requisito da diversidade, da ampla participação e da conectividade horizontal com os movimentos sociais. Deve-se efetivar um processo de mobilização e de consulta que promova a inclusão de todas as forças antineoliberais sustentadas por princípios agregadores. Na formação de comissões valem os mesmos critérios referentes à composição e diversidade, de forma a assegurar o vínculo com organizações de base, consulta sobre os temas e eixos da programação, prática da democracia interna, relações igualitárias, respeito etc.

Enfim, para organizar um evento necessita-se não só das condições sociais, políticas e financeiras, mas também da vinculação estreita com o processo do Fórum, especialmente por meio da comunicação direta com seus escritórios, o que possibilita a troca de informações, a ajuda mútua entre o evento local ou regional e o Grupo de Enlace do CI.

Revista Fórum, abril de 2008

23

O método de ação política do FSM

Como ficou claro no Dia de Mobilização Global, 26 de janeiro deste ano, o FSM está se transformando em um grande movimento de educação popular, necessária para mudar a ordem das coisas. Não há mudança sem transformação de consciência, sem organização e sem ação. E a educação é um elemento essencial do processo de transformação. É assim que o FSM está criando as necessárias condições para as imprescindíveis ações globais de confronto com o capitalismo neoliberal, não como um partido de delegados e representantes, mas como um processo histórico-social, onde todos participam com o mesmo peso político.

Não sendo uma organização ou um movimento, mas um espaço original, aberto e auto-organizado, o FSM está sendo apropriado de diversas maneiras, em muitas partes do mundo. Isso é bom, mas resta saber se todos esses eventos programados pelo FSM em nível local, nacional ou regional, mantêm coerência com a sua Carta de Princípios.

Diante desta expansão, o FSM está estabelecendo algumas diretrizes que devem orientar os organizadores de tais eventos. Não se trata de fazer uma discussão abstrata do formato desses eventos, mas ir aprendendo ao fazer cada um deles, edição após edição, seja em nível local, regional ou global. O seu formato está se modificando de acordo com as aprendizagens dos que estão fazendo o Fórum, a partir de suas bases, e não dos que apenas estão pensando o Fórum. Como disse Chico Whitaker, no texto escrito no dia 9 de janeiro de 2008 (disponível no *site* do FSM), em resposta ao artigo de Jai Sen, diretor do *Indian Institute for Critical Action: Centre in Movement*, "muitas coisas estamos vendo agora mais claramente, absolutamente não definidas em nossas mentes no início do processo. Eram, de fato, apenas intuições. Nós aprendemos e estamos aprendendo até agora, Fórum após Fórum".

O enraizamento do FSM no âmbito local foi demonstrado pela enorme quantidade de atividades desenvolvidas no Dia de

Mobilização Global. Uma verdadeira rede planetária de cidadania foi criada graças a essa nova metodologia, radicalmente democrática, e reproduzida em todos os níveis de suas ações, sejam eles globais ou locais, garantindo a pluralidade de visões, de perspectivas e de diferentes análises. E como o FSM não é um movimento com uma plataforma geral, as suas propostas concretas são aquelas que seus participantes e os movimentos e organizações que dele participam estabelecem e apoiam. O Fórum tem uma atuação política concreta a partir do método novo que o constituiu.

Cândido Grzybowski, um dos criadores do Fórum, vem afirmando que o FSM está passando por uma "nova etapa sem deixar de ser um espaço aberto" (Le Monde Diplomatique, Brasil, fevereiro de 2008, p.28). O que é mais promissor no FSM é justamente o seu modo de proporcionar articulações e coalizões, estratégias, plataformas e planos de ação, se multiplicando com o seu desenvolvimento, "através de diálogos e controvérsias", aprofundando temáticas e conhecimentos. Conclui Cândido Grzybowski que "os grandes eventos do FSM, que continuam muito importantes por seu impacto político e para a recarga coletiva de baterias, poderão dar visibilidade maior aos consensos e dissensos, aos acúmulos e aos déficits, estimulando o poder instituinte e constituinte da cidadania diante do Estado e das economias". O método de ação política do FSM continua se construindo no processo, aperfeiçoando as condições para a construção de um outro mundo possível. Mas pode ainda evoluir no que se refere à preparação e realização dos seus eventos, na medida em que estabelece "princípios organizativos" para as edições dos Fóruns.

Nesse processo poderia ainda incorporar outras lições aprendidas e ainda pouco aproveitadas. Refiro-me, por exemplo, às questões organizativas e que podem aperfeiçoar o formato da programação dos eventos. Cito dois exemplos: o Mural de Propostas, importante iniciativa da edição de 2005 do FSM, realizada em Porto Alegre, e o dia de Planejamento de Ações realizado na edição de Nairóbi, em 2007. O Dia Mundial de Mobilização Global, iniciado em 26 de janeiro de 2008, deverá ser mantido, independentemente da realização da edição central do FSM. Seria uma forma de incorporar ao formato atual mais um elemento mobilizador. Novos elementos são acrescentados à metodologia, transformando o FSM num processo permanente de sua própria recriação, de baixo para cima.

Revista Fórum, maio de 2008

24

A educação no FSM

Nos Estados Unidos, os movimentos sociais e populares ligados ao FSM utilizaram, no Dia de Mobilização Global (26 de janeiro de 2008), o lema "Muitas lutas, um movimento". Este lema não se refere apenas às lutas específicas do FSM, mas a todas as lutas que, de forma autônoma, se agregaram ao Fórum Social Mundial. Pode-se discordar daqueles que caracterizam o Fórum apenas como um movimento ou um movimento de movimentos. O FSM é, acima de tudo, um espaço aberto em rede. Mas não há como negar que, pelo seu método de autoaglutinação, ele acabou provocando movimentos e processos transformadores.

Entre esses movimentos e processos está o Fórum Mundial de Educação (FME). No primeiro semestre de 2007 dois Fóruns Mundiais de Educação mobilizaram milhares de pessoas; um, na Baixada Fluminense (Nova Iguaçu) e outro no coração do Rio Grande do Sul (Santa Maria). Esses eventos do FSM são utilizados pelos participantes para formar novas alianças, articulando lutas comuns. A sexta edição do FME será realizada em Belém, no final de janeiro de 2009, na mesma época em que se realizará a sétima edição do Fórum Social Mundial.

O Fórum Mundial de Educação, na mesma perspectiva do FSM, busca, de forma pluralista, construir alternativas ao projeto neoliberal de educação. Nesse processo, não prescinde da contribuição de todas as tendências e vertentes progressistas do campo educacional, praticando intensamente o diálogo/conflito, a escuta atenta e a denúncia/anúncio, bases de uma nova cultura política de entendimento, radicalmente democrático.

Fruto desse trabalho, novas práticas e experiências já são visíveis, no Brasil, em iniciativas de diferentes partidos políticos democrático-populares, que estão criando novas relações, formas de gestão, espaços de negociação e estimulam a reapropriação das cidades e do campo por seus cidadãos. A Plataforma Mundial do FME aprovada em Nairóbi, em janeiro de 2007, está se transformando, aos poucos, em um elemento inspirador de novas políticas públicas.

O FME, com sete anos de existência, conquistou um espaço próprio, defendendo uma educação integral e intersetorial. A

integralidade, como princípio orientador da educação, vem sendo defendida desde a antiguidade. Toda a educação precisa ser integral. Não se trata apenas de estar na escola em horário integral, mas de ter a possibilidade de desenvolver todas as potencialidades humanas que envolvem o corpo, a mente, a sociabilidade, a arte, a cultura, a dança, a música, o esporte, o lazer etc. Por intersetorialidade entende-se a articulação das várias secretarias ou ministérios, integrando saberes e experiências de planejamento e de ação de cada setor, para convergir numa educação integral.

Treze municípios da Baixada Fluminense uniram-se para realizar a terceira edição do FME sobre o tema Educação Cidadã para uma Cidade Educadora. A educação cidadã é uma educação que valoriza a diversidade. A diversidade já foi considerada como uma anomalia e hoje é reconhecida como uma grande riqueza da humanidade e um fator diferenciador para a educação. Ela exige da escola respostas integradoras e capazes de atender às necessidades específicas de cada um.

O Fórum Mundial de Educação Temático realizado em em Santa Maria (RS), de 28 a 31 de maio de 2008, teve por tema geral "Educação, economia solidária e ética planetária". É o primeiro Fórum centrado na economia solidária. Na América Latina, a economia solidária sempre esteve associada à educação popular e representa algo novo e esperançoso para uma nova ordem econômica mundial. Ela envolve pessoas comprometidas com um mundo mais solidário, ético e sustentável e por isso está estreitamente ligada à educação transformadora e à democracia econômica. Em Santa Maria, no final de maio, esse tema foi desdobrado, debatendo-se sua relação com a cidadania planetária, a diversidade cultural, o trabalho, a ética e o desenvolvimento sustentável.

A economia solidária, como uma forma cooperativa e não competitiva de produzir e reproduzir nossa existência no planeta, tem um componente educativo extraordinário. A educação para a cooperação e para a autogestão é necessária para formar as pessoas envolvidas em empreendimentos solidários. Como um significativo espaço de aprendizagem, o FME apresenta-se hoje como um lugar de construção de novas alianças, livre e auto-organizado, sem preconceitos, aberto aos que sonham com um outro mundo possível. É a partir desse novo paradigma inclusivo, desse novo quadro de referência, que o FME pretende influenciar as políticas públicas e já está influenciando, principalmente na defesa de uma visão mais intersetorial da educação.

Revista Fórum, junho de 2008

25

Amazônia 2009: conservação e desenvolvimento

O Fórum Social Mundial retorna ao Brasil (Belém) depois de realizar sua edição de 2005, em Porto Alegre, com um tema muito atual: a Amazônia. Os dados divulgados pelo Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) das Nações Unidas, no final de 2007, sobre o aquecimento global, demonstraram o tamanho do desafio que será debatido nessa oitava edição do FSM. O relatório do IPCC sustenta que a Revolução Industrial, iniciada em meados do século XVIII, é um fator determinante para o aumento da concentração de CO_2 na atmosfera, que provoca o efeito estufa e a elevação da temperatura do planeta.

Essa tendência deverá continuar por vários séculos, mesmo que a humanidade controle a emissão de CO_2 e se estabilize a concentração de gases de efeito estufa. O IPCC afirma, textualmente, que "o aumento do nível do mar e o aquecimento são inevitáveis". O risco é global, mas as soluções são locais. A questão do clima não está separada do crescimento econômico e esta remete à relação entre as nações e às demandas por cooperação, equidade e transparência.

Em janeiro de 2009, os olhos do mundo estarão voltados para Belém, esperando uma resposta não só para a ameaça de um dos mais importantes patrimônios da humanidade – a Amazônia – mas também para a questão do aquecimento global. Por isso, a preparação para este encontro se torna ainda mais necessária.

Em 31 de março de 2008, o Instituto Paulo Freire e o jornal *Le Monde Diplomatique* promoveram um encontro, na Casa da Cidadania Planetária (São Paulo), com o "eco-socio-economista" Ignacy Sachs, para discutir o tema do Fórum de Belém. Tem-se difundido, pela mídia, uma ideia por vezes caricatural da Amazônia. É falso o dilema que opõe conservação ao desenvolvimento. Os presentes neste encontro sustentaram que a Amazônia não deve ser encarada como um problema, mas como uma solução que pode nos ajudar a superar o modelo de desenvolvimento dominante, baseado em

atividades predatórias como a monocultura agrícola. "A Amazônia pode ser economicamente sustentável e socialmente includente", sustentou Ignacy Sachs. O FSM de Belém constitui uma excelente oportunidade não só para dar uma resposta à questão da Amazônia, mas para apontar rumos para a sustentabilidade planetária.

A proposta de Ignacy Sachs é a do "desmatamento zero", mas ele rejeita a ideia de uma floresta amazônica intocada. Precisamos garantir oportunidades de trabalho decente para os amazônidas de hoje e de amanhã. Estima-se que em 2050 serão 50 milhões. É possível e necessário que essa população viva bem, com atividades produtivas sustentáveis. A floresta pode continuar em pé e, ao mesmo tempo, beneficiar as comunidades que vivem nela, por meio do uso sustentável da terra, com base tanto no conhecimento tradicional dos povos da floresta quanto no conhecimento científico e tecnológico. É uma causa simpática: todos querem "salvar" a Amazônia. É preciso aproveitar essa onda de simpatia para fazer dela um laboratório do desenvolvimento com sustentabilidade.

Quem está destruindo a região não são os amazônidas. A devastação da Amazônia é produzida pela ganância de um modelo de desenvolvimento cuja demanda de produtos (madeira, carne, soja, minérios etc.) exige a destruição da mata. Os poderes públicos têm sido incapazes de reduzir o ritmo desta devastação. Para salvar a Amazônia é preciso mudar o sistema de produção e o consumo. A sociedade civil pode ter um papel importante se promover uma campanha de boicote a produtos provenientes do desmatamento e conscientizar as pessoas a adotarem um estilo de vida sustentável. São as nações mais desenvolvidas que tentam reproduzir, na Amazônia, seus padrões de consumo insustentáveis sem colocar em questão esse sistema.

A resposta que o Brasil der à questão da Amazônia definirá que tipo de país queremos. Por isso essa questão é tão importante: um projeto de desenvolvimento sustentável para a região pressupõe um projeto de desenvolvimento sustentável para o país. E por ser essa questão importante para a sobrevivência do planeta também, o Brasil pode ter um papel destacado na definição do mundo que queremos.

A Amazônia está oferecendo uma chance sem precedentes para o Brasil se inserir de forma protagônica em defesa de uma nova ordem planetária. Não podemos perder essa oportunidade, que vai depender muito da preparação para esse evento.

Revista Fórum, julho de 2008

26

Preparação para o FSM da Amazônia

A seis meses da nona edição do FSM, Belém já está revivendo o "espírito de Porto Alegre" e demonstrando a vitalidade de um processo iniciado em 2001. A Amazônia está atraindo a atenção de muita gente, em tempos de mudanças climáticas e de aquecimento global.

Todos reconhecemos o papel estratégico que a região tem para o futuro da humanidade. A Amazônia é tida como uma das últimas áreas do planeta ainda relativamente preservadas. Há que se reconhecer, contudo, que não existe uma só Amazônia. Ela não é uma região única, tem diversas realidades. Uma política que pode ser adequada para uma parte da região amazônica não necessariamente é adequada para outra. A diversidade é um dos pontos cruciais do debate.

Em Belém, não será discutido apenas o futuro da Amazônia. O FSM servirá também como pano de fundo para discutir o futuro do planeta. Não será apenas um espaço de discussão, mas um espaço estratégico de construção de alianças, fortalecendo plataformas de ação, como as do Fórum Mundial de Educação, formulando alternativas e apontando caminhos.

Desde já, a região amazônica está se preparando para protagonizar o FSM 2009, formando Comitês Locais, promovendo várias reuniões preparatórias e os chamados "Encontros sem fronteiras", com o objetivo de discutir os problemas das comunidades fronteiriças e elaborar alternativas comuns. Dentre essas reuniões preparatórias, podemos destacar: 1) Grande Savana – Brasil/Venezuela (Pacaraima, Santa Elena de Uairén); 2) Alto Solimões – Brasil/Colômbia/Peru (Benjamim Constant, Letícia, Ramón Castilla); 3) Madeira – Brasil/Bolívia, no Acre; 4) Selva Central – Brasil/Peru, no Acre; 5) Macapá, a ser realizada na capital do estado do Amapá, e com delegações do Brasil, Guiana Francesa, Suriname e República Cooperativa da Guiana. Os resultados desses encontros serão apresentados durante o Fórum, na Casa Pan-Amazônica, espaço de referência das lutas locais.

Estão sendo estimuladas também as caravanas fluviais e terrestres a

partir de vários pontos da Amazônia, sem contar a grande mobilização dos bairros de Belém na preparação deste importante acontecimento para a região, que deverá proporcionar uma participação efetiva dos amazônidas. A voz deles fará a diferença nesse Fórum e se fará ouvir em testemunhos, conferências, mesas-redondas, celebrações e mostras culturais centradas no eixo 500 anos de resistência afro-indígena e popular.

Uma consulta prévia e dirigida a todas as organizações, redes e movimentos participantes, como parte desta preparação, foi lançada para conhecer os objetivos de suas ações, campanhas e lutas, contribuindo para a organização e garantindo a mais ampla participação do maior número possível de entidades e pessoas no processo de construção do Fórum.

A nona edição do FSM ocorrerá tanto nas dependências da Universidade Federal do Pará, quanto na Universidade Federal Rural do Amazonas, localizadas em uma única avenida de Belém, a Avenida Perimetral. A região amazônica é composta por nove países: Brasil, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Peru, Suriname, Venezuela, além da Guiana Francesa. A França, com o seu território de "ultramar", também faz parte da Amazônia. O FSM Amazônia, abrangendo 6 dias – de 27 de janeiro a 1 de fevereiro de 2009 – constituir-se-á num espaço privilegiado de discussão das questões envolvendo hoje o tema do aquecimento global e das mudanças climáticas. O dia 28 de janeiro será inteiramente dedicado à Pan-Amazônia, quando os povos e movimentos sociais da região dialogarão entre si e com os participantes de outros lugares. Este FSM poderá criar em todo o mundo uma ampla tomada de consciência das causas da crise ambiental e do modelo de desenvolvimento econômico causador da devastação do planeta.

Na última semana de janeiro de 2008, o mundo estará de olho na Amazônia. Os dados divulgados no final do ano passado e início deste pelo IPCC (Painel Intergovernamental sobre as Mudanças Climáticas) aumentaram a relevância da temática deste Fórum. Como espaço aberto, o FSM não adotará uma posição centralizada e única, mas, certamente, como um ator político de caráter novo, seus participantes mostrarão caminhos a seguir para uma vida mais sustentável, não só dos amazônidas, mas de todos e do planeta onde vivemos. Sem apontar alternativas, acompanhadas de medidas concretas, todos sairemos perdendo. Essa é responsabilidade de todos e de todas que irão participar do FSM 2009 Amazônia.

Revista Fórum, agosto de 2008

27

O FSM e o movimento altermundista

O conhecido lema do FSM – "um outro mundo é possível" – representa uma bandeira muito mais positiva e esperançosa que os necrófilos lemas que agitavam os movimentos progressistas do século passado: "socialismo ou morte" e "socialismo ou barbárie". O lema se sustenta na tese de Antonio Gramsci sobre a necessidade revolucionária do "pessimismo da inteligência e do otimismo da vontade". Alguns são ainda céticos em relação às possibilidades do Fórum alcançar seus objetivos porque, segundo afirmam, seu formato e seu método de organização autogestionada seriam pouco eficazes.

É verdade, como um processo em construção, o FSM ainda não resolveu todas as suas questões internas, mas uma coisa é certa: sua missão está muito bem definida no seu próprio lema. Ele busca uma outra globalização, um outro mundo, como possibilidade concreta e não como determinação. O Fórum está desbancando o pensamento fatalista neoliberal.

O FSM não está, com isso, monopolizando todas as forças progressistas alternativas da sociedade. Ao contrário, ele se inscreve no contexto de um amplo movimento global altermundista, mas não tem nenhuma pretensão de ser o único canal de manifestação deste movimento. O movimento altermundista encontrou no Fórum o seu mais estruturado espaço de organização. Em torno dele orbitam muitos atores sociais, projetos e ações transformadoras, nas mais diversas áreas, fruto de seu caráter dialógico e inclusivo.

Seus participantes não se entendem como mais um movimento entre outros movimentos e nem como um movimento de movimentos. Teivo Teivanen, membro do Conselho Internacional do Fórum, considera o espaço e processo do FSM como um organismo "em movimento", em construção e reconstrução, para responder aos desafios do presente e tornar o mundo mais democrático do que é hoje. Contudo, para isso, sustenta ele, o projeto "político" do FSM precisa estar mais claro. Em outras palavras, ele precisa aprofundar

a sua politicidade. Neste momento, precisará deixar mais claras suas estratégias. A defesa do FSM como "espaço aberto" não pode permitir sua "despolitização", onde tudo cabe, o que levaria, certamente, a frustrar os movimentos mais transformadores que o integram, tais como a Via Campesina, a Via Urbana e a Central dos Movimentos Populares. O Fórum nasceu dos movimentos "antiglobalização" dos anos 1990 e não conseguiu manter o ritmo de suas mobilizações, mesmo tendo se destacado na promoção do movimento contra a guerra em 2003. Creio que a manutenção, nos próximos anos, do Dia de Ação Global, como o que foi realizado dia 26 de janeiro de 2008, irá fortalecer o FSM como organismo "em movimento", como sustenta Teivo Teivanen.

Afirma-se que existe a possibilidade de um outro mundo possível, mas não se responde à pergunta: como alcançá-lo? Afirma-se que existem alternativas ao neoliberalismo, mas não se aponta claramente quais são essas alternativas. Isso faz parte do processo. O que fica claro é que esse outro mundo possível deve ser radicalmente democrático. Esse outro mundo possível será, necessariamente, plural. Não se trata de um único mundo possível, mas "outros mundos possíveis". O outro mundo possível supõe a existência de alternativas a ele próprio. Existem "alternativas à alternativa", como sustenta Boaventura Souza Santos.

Como todo espaço social, o FSM é também um espaço de disputa ideológica, por mais que não tenha sido concebido como um espaço de disputa política. E isso é salutar. Não se disputa poder pessoal. Há debates e disputa de ideias e concepções, em consequência do respeito à pluralidade. Tanto as ONGs quanto os movimentos sociais se internacionalizaram. O próprio Fórum é um exemplo deste novo internacionalismo que está se constituindo. As tensões produzidas por essas disputas de projetos são muito produtivas e fazem avançar o projeto do FSM.

É nesse contexto que se avança e se consolida o Fórum como espaço altermundista. Sua missão não é a de consolidar uma plataforma própria de lutas, mas a de empoderar as lutas de todos os movimentos que dele participam. Ele não foi criado para substituir os movimentos altermundiais, mas para ampliar, intertematicamente, o seu espaço de ação política.

Revista Fórum, setembro de 2008

28

Universidade Popular dos Movimentos Sociais

Foi o sociólogo da Universidade de Coimbra, Boaventura Souza Santos, que propôs pela primeira vez a criação da Universidade Popular dos Movimentos Sociais (UPMS), durante a realização da terceira edição do FSM, no final de janeiro de 2003. O objetivo da ideia lançada em Porto Alegre era "proporcionar a autoeducação dos ativistas e dirigentes dos movimentos sociais, bem como dos cientistas sociais, dos investigadores e artistas empenhados na transformação social progressista", como ele afirma em seu livro *O Fórum Social Mundial* (p.136).

A criação da universidade já havia sido comentada no Fórum Social Europeu, realizado em Florença, em 2002, com a finalidade de recuperar e sistematizar os conhecimentos acumulados pelos movimentos sociais no Fórum Social Mundial. A ideia de Boaventura foi recebida com entusiasmo e a proposta da Universidade Popular foi sendo debatida e enriquecida com a participação de diversas organizações. Argumentava-se que a prática do FSM é mais rica do que a reflexão sobre ela e que seria preciso avançar na produção de conhecimento contra-hegemônico.

Muitas experiências e iniciativas, já consolidadas, contribuíram para o aperfeiçoamento da proposta inicial. Um dos primeiros trabalhos da UPMS foi fazer um mapeamento atualizado de processos que se aproximavam da sua proposta, para não partir do zero. Esse mapeamento permitiu a constituição da UPMS como rede de conhecimentos transformadores em múltiplos espaços e lugares, físicos e virtuais, tanto nas práticas presenciais quanto nas práticas não presenciais. Esse mapeamento incluiu não só experiências de movimentos, mas de redes, organizações não governamentais, sindicatos e universidades.

A UPMS é a emergência de algo novo e necessário dentro do FSM e está ligada sobretudo à própria memória e à sistematização do Fórum. As teorias sociais vêm-se produzindo principalmente nas universidades, muitas vezes distantes do espaço de lutas pela transformação social. Cientistas sociais e intelectuais isolados das novas práticas dos movimentos sociais não têm contribuído de forma significativa para o

avanço dessas lutas e de seus atores. Seus conceitos e teorias se adaptam pouco às novas realidades e é preciso romper com a tradição elitista e academicista da investigação social. É necessário que o FSM produza sua própria teoria, revalorizando o conhecimento dos seus atores, atrizes e organizações. E para isso a UPMS pode dar uma grande contribuição.

Uma das debilidades do formato do FSM está na dificuldade de se chegar a grandes sínteses e sistematizações. Ele se converteu em um poderoso instrumento de conhecimento novo, mas, ao mesmo tempo, não tem possibilitado a sistematização desse conhecimento. A UPMS, como um espaço entre outros, pode contribuir nesse sentido e ajudar o movimento altermundista. Além dessa contribuição teórica, ela, como espaço de intercâmbio e de aprofundamento dos temas e desafios atuais, pode ajudar também a fortalecer novas alianças e parcerias entre os próprios movimentos que participam da construção do FSM.

Ninguém tem uma receita teórica universalmente válida para todos. A alternativa à teoria geral é buscar a inteligibilidade recíproca por meio de uma "ecologia de saberes", por meio de uma "tradução cultural", como afirma Boaventura. A proposta da UPMS destina-se a contribuir na aprendizagem de ativistas e líderes comunitários dos movimentos sociais e organizações que lutam no interior do FSM, fornecendo-lhes quadros analíticos e teóricos que lhes permitam aprofundar a compreensão reflexiva da sua prática de modo a melhorar a sua eficácia e coerência. Por outro lado, a Universidade pretende, também, promover a aprendizagem de cientistas sociais, intelectuais e artistas interessados no estudo dos novos processos de transformação social, dando-lhes possibilidade de um diálogo direto com seus protagonistas e, assim, identificar e na medida do possível eliminar a discrepância entre os quadros teóricos e analíticos em que foram treinados e as necessidades e aspirações concretas das novas práticas transformadoras.

O FSM já avançou muito, mas se nota ainda, a necessidade de uma maior inteligibilidade recíproca proporcionada por metodologias adequadas e sistemáticas que os poucos dias das realizações das suas edições não permitem. A carência desse encontro de saberes e experiências entre movimentos e organizações é ainda maior do que a carência de intraconhecimento. Há necessidade de produção de metodologias que permitam detectar o que há de comum e de diferente entre os vários temas, movimentos e práticas para identificar os pontos e modos de articulação, sem perda de identidade e de autonomia de nenhum deles. A UPMS pretende, justamente, contribuir nesse processo.

Revista Fórum, outubro de 2008

29

Grandes objetivos temáticos do FSM Amazônia 2009

A preparação do FSM Amazônia 2009 continua, agora na reta final, com reuniões de comissões e grupos de trabalho, pré-fóruns, caravanas, encontros transfronteiriços, organização de comitês de mobilização nos estados e discussão, pelas ONGs e movimentos sociais, das atividades autogestionadas a serem inscritas. Ficou definido que cada organização poderá inscrever, no máximo, quatro turnos de atividades. O GT de Cultura estabeleceu como objetivo que as atividades culturais deveriam se constituir no elemento articulador das ações do Fórum.

Essa travessia, que nos levará até Belém, em janeiro de 2009, tem um caráter eminentemente pedagógico. Ela se constitui num imenso processo de aprendizagem para todos e todas que participam dessa preparação. Uma dessas aprendizagens é a sistematização dos grandes objetivos temáticos do FSM. Eis os objetivos temáticos que a Secretaria de Mobilização Social registrou como orientação na preparação das atividades autogestionadas:

1. pela construção de um mundo de paz, justiça, ética e respeito pelas espiritualidades diversas e livre de armas;
2. pela libertação do mundo do domínio do capital, das multinacionais, da dominação imperialista patriarcal, colonial e neocolonial e de sistemas desiguais de comércio, com cancelamento da dívida dos países empobrecidos;
3. pelo acesso universal e sustentável aos bens comuns da humanidade e da natureza, pela preservação do planeta e de seus recursos, especialmente da água, das florestas e das fontes renováveis de energia;
4. pela democratização e descolonização do conhecimento, da cultura e da comunicação; pela criação de um sistema compartilhado de conhecimento e saberes, com o desmantelamento dos direitos de propriedade intelectual;
5. pela dignidade, diversidade, garantia da igualdade de gênero,

raça, etnia, geração, orientação sexual e eliminação de todas as formas de discriminação e castas;

6. pela garantia (ao longo da vida de todas as pessoas) dos direitos econômicos, sociais, humanos, culturais e ambientais, especialmente os direitos à alimentação (com garantia de segurança e soberania alimentar), saúde, educação, habitação emprego, trabalho digno e comunicação;
7. pela construção de uma ordem mundial baseada na soberania, na autodeterminação e nos direitos dos povos, inclusive das minorias e dos migrantes;
8. pela construção de uma economia democratizada, emancipatória, sustentável e solidária, com comércio ético e justo, centrada em todos os povos;
9. pela construção e ampliação de estruturas e instituições políticas e econômicas (locais, nacionais e globais) realmente democráticas, com a participação da população nas decisões e controle dos assuntos e recursos públicos;
10. pela defesa da natureza (Amazônia e outros ecossistemas) como fonte de vida para o planeta Terra e aos povos originários do mundo (indígenas, afrodescendentes, tribais, ribeirinhos) que reclamam seus territórios, línguas, culturas, identidades, justiça ambiental, espiritualidade e bom viver.

Alguns poderiam afirmar que esses objetivos não são novos, que estamos nos repetindo. A essas objeções eu gostaria de lembrar o que o filósofo e ativista italiano Antonio Gramsci dizia: "Em cada época precisamos retomar objetivos do passado que não foram ainda alcançados". Esse é um processo pedagógico, ponderava Gramsci, pois as relações de poder são sempre relações pedagógicas. Entender o FSM como um processo político de mudança, implica entender o FSM como um processo pedagógico, um processo pedagógico de aprendizagem da mudança.

Uma outra marca desses objetivos é o seu caráter emancipador e propositivo, realçando que se trata de algo alternativo e participativo, não apenas contestatório. Trata-se, sobretudo, de reafirmar direitos ainda não conquistados ou parcialmente conquistados. Por isso, vamos continuar reafirmando nossos objetivos estratégicos e envolver cada vez mais gente nesse processo.

Revista Fórum, novembro de 2008

30

Economia solidária no FSM Amazônia 2009

Os debates sobre economia solidária foram muito frequentados em todas as edições do FSM, desde 2001. Agora, várias organizações ligadas à economia solidária, como o Fórum Brasileiro de Economia Solidária (Fbes) e a Rede Intercontinental de Promoção da Economia Social e Solidária (Ripess), estão preparando atividades autogestionadas para Belém.

A economia solidária se constitui numa práxis pedagógica em si mesma. Ela não trata apenas de serviços e produtos. É, antes de mais nada, a adoção de um conceito, o conceito de bem viver. Por isso, ela precisa tanto da educação quanto a educação precisa dela. O princípio da cooperação e da solidariedade é altamente formativo e representa uma grande oportunidade de renovação de nossos currículos e para a re-humanização da própria educação. A cooperação voluntária é um dos maiores avanços da humanidade. Sem ela não há humanização.

A presença da economia solidária no FSM é também a garantia de uma retomada de antigos sonhos e utopias. A cooperação não é um tema tão recente. De fato, o filósofo Platão, em sua obra mais conhecida, *A República*, exaltava os valores da vida comunitária (a "família societária"), o que, mais tarde, inspirou outros filósofos como Thomas Morus, que defendeu uma sociedade ideal em sua obra *Utopia*, e, também Tommaso Campanella que, em seu livro *Cidade do Sol*, defendia a construção de uma vida social baseada na cooperação e na solidariedade.

Com base nesses ideais de solidariedade e cooperação, diversos modelos e escolas de pensamento surgiram ao longo da história: o solidarismo cristão, o socialismo utópico, o pensamento libertário, o comunitarismo, o cooperativismo etc. Hoje, com o crescimento de cooperativas e dos empreendimentos solidários, estão sendo revalorizados e repensados os ideais humanistas desses autores e de outros, como Martin Buber, que defendia uma "vida em diálogo", e Emmanuel Mounier, que defendia o "personalismo". Não temos

medo de afirmar que um modo de vida baseado na cooperação, orientado pela ajuda mútua, por uma lógica da reciprocidade e da igualdade, representa hoje, num mundo de crise civilizatória, uma grande esperança na linha do que o FSM chama de "outro mundo possível".

O desenvolvimento humano é resultado de um trabalho em comum, na evolução da teia da vida. Tudo o que somos, todas as grandes descobertas da humanidade devem-se ao trabalho de simbiose, de cooperação entre as pessoas. Não podemos pensar nenhum avanço da humanidade sem ela. Para um indivíduo se desenvolver, ele necessita da colaboração do outro. Todo ser humano precisa da alteridade e de solidariedade.

Uma série de tópicos certamente deverá ser discutida em Belém nas atividades relacionadas com a economia solidária. No cenário mundial atual, destacam-se o processo e o modelo de globalização e de seu contrário, a alterglobalização, que prefiro chamar de "planetarização". Penso mais na mãe Terra do que num globo terrestre, com seus paralelos e meridianos. Neste cenário não podemos deixar de destacar também a importância das tecnologias do conhecimento que produzem a conexão planetária e uma sociedade de redes e de movimentos. O cenário mundial atual não inspira muito otimismo com suas múltiplas crises. Ele está marcado pelas migrações e pelo choque de civilizações onde emerge a necessidade de reconhecer as diferenças e valorizá-las.

A economia solidária não é uma compensação à crise capitalista. Ela é o embrião de uma nova sociedade e uma alternativa real ao capitalismo, o qual é, por natureza, incapaz de atender a todos e a todas com justiça. Ela oferece às pessoas um trabalho decente, não alienado, com igualdade e sem discriminação, baseado na planificação participativa. Por isso, creio que os temas relacionados com essa outra economia deverão marcar o FSM Amazônia 2009.

Revista Fórum, dezembro de 2008

31

A presença indígena no FSM

No final deste mês, Belém receberá milhares de pessoas para discutir a Amazônia, tema motivado pelos repetidos alertas que foram dados, nos últimos anos, em relação ao aquecimento global e à crise climática. Trata-se de discutir um modelo de desenvolvimento que seja capaz de respeitar o meio ambiente. A discussão foi reforçada pela recente crise financeira provocada pelos países centrais, que coloca em xeque o modelo econômico neoliberal e a supremacia dos mercados. Belém oferece a oportunidade de mostrar ao mundo que a crise não se resolverá apenas com uma pequena mudança de rumos, com um ajuste no sistema, mas sim por meio de outro modelo econômico que promova o bem viver com justiça e equidade.

Nesse contexto, a cosmovisão indígena pode nos ajudar muito, já que os indígenas concebem a natureza como parte da cultura, ao contrário da separação sustentada pela cultura eurocêntrica. A presença indígena sempre foi muito grande nos Fóruns. Em 2005, em Porto Alegre, ouvi um testemunho que mostra o quanto desprezamos a sua cultura e a sua visão de mundo. Um índio do Amazonas relatou que missionários cristãos obrigavam crianças indígenas a esquecer a sua língua materna e impingiam castigos quando não aprendessem o português, a língua do colonizador. Quando uma criança não conseguia pedir comida na língua portuguesa não recebia comida. Era uma forma violenta de impor a língua e a cultura do dominador.

Lembrei-me, então, do professor Ernani Maria Fiori, que foi o primeiro leitor dos manuscritos do livro *Pedagogia do oprimido*, de Paulo Freire. Contra a pedagogia do colonizador praticada por aqueles missionários (felizmente não eram todos), Paulo Freire opunha a pedagogia do oprimido. Ernani capta muito bem o sentido dessa pedagogia no prefácio que escreveu para esse livro, com um sugestivo título: "Aprenda a dizer sua palavra". Em vez de proibir a fala e impor uma cultura do silêncio, a pedagogia do oprimido ensina a dizer a sua palavra na sua língua.

Segundo o IBGE, em 2005, 734.127 pessoas se declararam indígenas no Brasil; 15% se encontram no estado do Amazonas, a unidade da Federação com maior população indígena; 85% dessa população mora

em áreas rurais, a quase totalidade em terras indígenas, onde existe um alto índice de analfabetismo. Essa população no Brasil representa apenas 1% do total, mas é a que mais vem crescendo. Nas últimas décadas ela triplicou. Esse crescimento vem sendo acompanhado por uma maior presença na vida política brasileira, embora ela ainda seja mínima.

As terras indígenas já demarcadas representam hoje 14% do território brasileiro. A demarcação é um dever constitucional além de ser uma das primeiras reivindicações dos índios. No caso da Amazônia, ela é crucial e pode decidir seu futuro já que está em questão a necessidade de preservar a região e, ao mesmo tempo, promover seu desenvolvimento com sustentabilidade. Noventa e oito por cento das terras indígenas do Brasil estão na Amazônia, o que correspondem a 20% da extensão da região, constituindo grandes espaços de preservação da biodiversidade. Os índios são os que mais defendem a floresta amazônica.

Felizmente, hoje, na América Latina, os povos indígenas já conquistaram voz e vez em vários países e sua presença política já se faz sentir. Isso vem ultrapassando nossas fronteiras com a criação, por exemplo, do Comitê Intertribal, uma organização indígena criada em 1991 e presidida por Marcos Terena, articulador indígena junto à ONU, formada por líderes de 23 povos originários do Brasil. Esse comitê organiza, desde 1996, os Jogos dos Povos Indígenas, recuperando atividades esportivas e culturais que já estavam sendo esquecidas pelos próprios indígenas.

A principal demanda em relação à educação é a interculturalidade, o diálogo entre o chamado saber ocidental e o saber tradicional, milenar, dos povos e nações indígenas. A diversidade cultural indígena na Amazônia é enorme: 210 etnias e cerca de 170 línguas nativas. No Brasil, são 230 sociedades étnicas que falam 180 línguas. Existem indígenas urbanos e povos sem qualquer contato com o homem branco. A educação não deve "aculturar" os indígenas, mas fornecer instrumentos para que possam elaborar seu próprio projeto de futuro. Isso significa fazer justiça cognitiva, respeitando e valorizando essas culturas e oferecendo todos os instrumentos do saber técnico-científico e tecnológico acumulado pela humanidade, que é um direito humano fundamental.

É certo que predomina ainda, entre nós, a visão folclórica do índio, mostrando o quanto a nossa cultura está prenhe de discriminação. Alguns estão mais interessados em tirar fotografias com os índios, vendo-os como algo exótico, em vez de se aproximar para conversar e aprender com eles. O FSM Amazônia, nesse sentido, deverá contribuir muito para a formação de uma nova consciência indígena.

Revista Fórum, janeiro de 2009

32

Presença da mulher no FSM

Durante a realização do *Fórum Global*, na Rio-92, uma das tendas mais concorridas foi a *Planeta Fêmea*. A participação das mulheres foi decisiva na preparação da ECO-92, destacando-se, no Brasil, o protagonismo da Rede Mulher. Elas participaram ativamente da discussão e elaboração do *Tratado da Educação Ambiental e para as Sociedades Sustentáveis e a Responsabilidade Global*.

Com essa organização, não é de se estranhar que, anos depois, a participação da mulher no Fórum Social Mundial seja tão importante. Participam do Conselho Internacional do FSM diversas organizações de mulheres, entre elas: *Articulación Feminista Merco Sur*, Marcha Mundial das Mulheres, *Red Latinoamericana y Caribeña de Mujeres Negras*, *Red Mujer y Hábitat*, *Red Mundial de Mujeres por los Derechos Reproductivos*, *Red Latinoamericana Mujeres Transformando la Economia*, *Red de Educación Popular entre Mujeres*.

Nos Fóruns, as mulheres têm discutido um conjunto de temas que não se limitam ao feminismo. Entre esses temas, discutidos em diferentes espaços, como o "Fórum de Mulheres", podemos destacar: Agenda 21, Gênero e desenvolvimento; Direitos sexuais; Saúde, sexualidade e direitos reprodutivos; Políticas públicas de gênero e de raça; Violências contra a mulher; Turismo sexual, tráfico e exploração de mulheres e meninas; Mulheres, vulnerabilidade – DSTs e Aids; Gênero e empoderamento; Direitos humanos e inclusão; Mulher e mídia.

A programação das mulheres no FSM sempre foi muito densa, incluindo o debate das alternativas feministas para um outro mundo possível, uma outra economia possível, economia e gênero, educação e gênero etc. ao lado da questão do racismo, da dominação, do sexismo e da pobreza, em que, principalmente mulheres negras, vêm tendo um destaque particular. A Marcha Mundial das Mulheres desenvolve ações globais com movimentos de mulheres de diferentes partes do mundo para combater a pobreza e a violência sexista e romper com

valores e condições materiais que sustentam o machismo, a opressão e a exclusão na nossa sociedade.

A participação das mulheres nos debates da economia solidária tem chamado muito a atenção. Elas têm falado desta outra economia possível e em processo, uma economia da vida quotidiana, da qual elas têm muita experiência e reflexão. No Fórum Brasileiro de Economia Solidária as "mulheres produtoras" têm-se destacado, colocando o tema da relação entre economia e feminismo e debatendo a situação do trabalho das mulheres na economia solidária e na produção do bem viver.

Tanto na preparação dos Fóruns quanto na sua realização as mulheres estão sempre em maioria, elas são maioria nas marchas, nas discussões, nas plenárias. Elas também são responsáveis pela presença cada vez maior de crianças nos eventos dos Fóruns.

Isso nos faz lembrar uma fala de Leonardo Boff, num dos encontros do FSM, no qual ele nos disse da necessidade de resgatar o princípio feminino. Disse Boff que somos reféns de categorias dualistas como razão-emoção, humano-divino, homem-mulher. Usamos a razão para conquistar e perdemos de vista nossa capacidade de sentir o outro, de sermos sensíveis à dimensão espiritual, perdemos nossa capacidade de ternura, de benevolência, de compaixão. Não podemos falar de sagrado sem falar do princípio feminino, de nossa capacidade de enternecimento, de sensibilidade que existe em igual proporção em homens e mulheres, mas que é negado ao homem por causa de sua cultura machista.

Em 2008, o debate em torno da *Lei Maria da Penha*, reconhecendo como esfera do direito público a agressão dentro de casa, expôs um debate ainda pouco visível: a condição serviçal de muitas mulheres, sobretudo as que trabalham no campo. Mesmo sabendo que as mulheres camponesas acumularam grandes saberes sobre plantas e alimentos, desde a criação da agricultura, elas foram sistematicamente invisibilizadas pelo patriarcado dominante. Contra essa situação o Movimento dos Sem-Terra (MST), um dos iniciadores do FSM, definiu em seu Decálogo de 1999, entre outros direitos, que "a concessão de uso da terra nos assentamentos deve ser em nome da mulher e do homem" e que "em todas as atividades do MST, deve haver paridade: 50% de mulheres e 50% de homens". Essa conquista de direito de existir, em pé de igualdade, interrompe uma trajetória de masculinização das classes trabalhadoras, enraizada no patriarcalismo dominante no campo.

A participação das mulheres, em espaços como os do FSM, vem dando resultados concretos. Mas, apesar desse protagonismo, o caminho a percorrer ainda é longo. Existe ainda, na sociedade brasileira, uma grande maioria de mulheres do campo e da cidade, que assumem dupla ou tripla jornada de trabalho, tendo que dedicar-se ao cuidado dos filhos e das atividades domésticas, socialmente desvalorizadas.

Em seu último encontro, o FSM Amazônia, em relação a esse tema, afirmou a necessidade de ampliar as discussões, os estudos e as pesquisas com mulheres e sobre o tema da mulher, construindo espaços autônomos de mulheres nos quais elas possam expressar-se e debater sobre assuntos que lhes dizem respeito, levando-as a se empoderar cada vez mais, superando a discriminação e garantindo a igualdade nas relações sociais de poder. Estamos avançando.

Revista Fórum, fevereiro de 2009

33

Governos e partidos no FSM

A nona edição do FSM, realizada em Belém, de 27 de janeiro a 1º de fevereiro de 2009, deverá ser considerada histórica no processo do Fórum Social Mundial, não só pelos seus números, como também pela qualidade de seus debates e convergências.

O balanço divulgado logo após o Fórum aponta 133 mil participantes inscritos, de 142 países diferentes. No Acampamento da Juventude credenciaram-se 15 mil pessoas. Três mil crianças foram recebidas na tenda Curumim-Erê. Entre os expositores de tendas, a feira institucional, a feira de economia solidária, restaurantes e lanchonetes, foram contabilizados 5.200 pessoas. Mil artistas participaram de 200 eventos culturais. Aproximadamente 4.500 profissionais da comunicação da imprensa oficial, das mídias alternativas e *freelancers* foram credenciados, contabilizando 800 veículos de 30 países. Inscreveram-se 5.808 entidades e organizações, assim distribuídas: 489 da África, 119 da América Central, 155 da América do Norte, 4.193 da América do Sul, 334 da Ásia, 491 da Europa e 27 da Oceania. Foram inscritas 2.310 atividades autogestionadas. Adicionando-se as pessoas envolvidas em diferentes atividades de suporte, alimentação, transporte, voluntários, tradutores, equipes técnicas etc., pode-se afirmar que cerca de 150 mil pessoas participaram deste Fórum.

O FSM Amazônia deu um salto de qualidade. Uma atividade autogestionada, organizada pela CUT, pelo Instituto Paulo Freire e pelo Ibase, reuniu, pela primeira vez no FSM, cinco presidentes: Evo Morales, Hugo Chávez, Rafael Correia, Fernando Lugo e Lula. Ao contrário de suas afirmações anteriores, tanto Lula quanto Chávez, que haviam defendido a participação direta do FSM na defesa de certas bandeiras políticas, sob o risco de tornar-se uma "feira de ideologias" (Lula), em Belém, eles e todos os presidentes presentes defenderam o atual formato. A argumentação deles é a de que o Fórum já havia produzido frutos na medida em que muitas das propostas defendidas ali já faziam parte do programa de governo de seus países.

Os presidentes consideraram-se, eles mesmos, resultado de um processo no qual o Fórum tem sido protagonista. É a forma de incidir na política, própria do FSM, como um espaço plural de discussão, sem forçar uma unidade ideológica, sem posições unificadoras a partir de cima. Ao pensamento único, o Fórum não está opondo um outro pensamento único. O FSM mostrou ser capaz de provocar transformações reais, participando das lutas políticas reais, sem entrar em disputas político-partidárias. Com a participação de cinco presidentes em Belém, o FSM deu uma contribuição à necessária integração latino-americana, sonho dos "libertadores da América", como Simón Bolívar, uma integração de povos, culturas e de comunidades e não apenas de mercados. A presença dos presidentes foi especialmente simbólica ao reconhecer a importância política do FSM e das lutas dos movimentos sociais, destacadas por todos eles.

O atual formato do FSM renovou-se e se fortaleceu em Belém. É possível e desejável que o Fórum tenha posições políticas comuns, um calendário de lutas, mas sem romper com nossa Carta de Princípios e, sobretudo, sem sermos instrumentalizados por partidos políticos ou governos.

Mas o debate sobre o formato não foi esquecido. Boaventura Souza Santos ("O ano do futuro". In: *Público*, Belém, 30 de janeiro de 2009, p. A2), defendeu a necessidade de "gerar um grande consenso". Segundo ele, para o Fórum ter um peso político ele "deveria tomar uma posição que seria assumida por todos os movimentos e organizações que participam no FSM, dando assim origem a agendas parciais mais consistentes de políticas nacionais-globais". A preocupação daqueles que defendem o FSM como um espaço livre e auto-organizado é a de que o consenso possa destruir a pluralidade, um dos seus pilares.

O FSM 2009 consagrou a importância da participação de governos e partidos como convidados, sem que o Fórum perdesse sua característica de organização da sociedade civil. Como afirmou Emir Sader, "a presença de cinco presidentes em Belém expressa o estágio atual da luta antineoliberal no continente" (In: *Público*, Belém, 25 de janeiro de 2009, p. E3), articulando a luta social com a luta política. Parece-me que, em Belém, foi superada a tensão entre os que defendem o Fórum apenas como espaço autogestionado e os

que preferem que o FSM, em si mesmo, seja considerado um ator político. São concepções convergentes, avançando na construção de alternativas.

A "Assembleia das Assembleias" realizada no último dia do Fórum, mostrou esse salto de qualidade política. Uma agenda comum de mobilizações para 2009 foi aprovada. Entre as ações globais defendidas na ocasião, podemos destacar: um ato pelo direito das mulheres, dia 8 de março; uma semana de protestos contra a guerra e o capitalismo, entre 28 de março e 6 de abril; um ato, no dia 12 de outubro, em defesa do meio ambiente e dos indígenas. Também foram apresentadas propostas e alternativas concretas de luta antineoliberal, de acordo com o item 4 da nossa Carta de Princípios.

Revista Fórum, março de 2009

34

Crise econômica e meio ambiente

Quando o Conselho Internacional (CI) decidiu realizar a nona edição do FSM em Belém, o mundo estava ainda sob o impacto dos dados divulgados pelo Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), que apontavam o inevitável aquecimento global e a necessidade de um desenvolvimento sustentável. A Amazônia seria o melhor cenário para discutir a crise climática. No segundo semestre de 2008, a crise financeira, logo transformada em enorme crise econômica global, colocou mais lenha na fogueira da discussão sobre o modelo de desenvolvimento. Ficara ainda mais claro, como vinha defendendo o Fórum desde 2001, que não se tratava apenas de uma crise ambiental, mas de uma profunda crise do sistema, e, para além dele, de uma crise civilizatória.

A crise econômica, que surgiu nos países centrais do neoliberalismo, em 2008, deu razão ao FSM. Alertas haviam sido dados muito antes da existência do próprio Fórum em relação às consequências do modelo de desenvolvimento vigente: riscos ao meio ambiente, à paz, aumento da miséria e da fome. O quadro forneceu mais argumentos à crítica que o Fórum já vinha fazendo ao modelo de desenvolvimento neoliberal.

Em Davos, neste ano, houve muito pessimismo: só se falou de "irresponsabilidade", de "protecionismo", da necessidade de mais "transparência" e de "refundação do capitalismo". Como sempre, "o fórum das elites econômicas e políticas" de Davos, expressão utilizada pelo jornal *The Washington Post* no dia 26 de janeiro de 2009, preocupou-se apenas com seus interesses particulares. Ao contrário do Fórum de Belém, terminou sem nenhuma proposta alternativa à crise econômica. A conclusão foi assim resumida pelo principal colunista do Financial Times, Martin Wolf: "Todos sabemos que nada sabemos".

Alguns esperavam que Davos, que sempre defendeu o dogma de que não havia outro mundo possível que não fosse o mundo neoliberal, voltasse atrás diante do fracasso de suas teses e fizesse a sua necessária autocrítica. Ao contrário, não apresentou nenhuma resposta

à crise e nem reconheceu, como era de se esperar, que estava errado.

Em relação ao FSM, o pessimismo ficou por conta de alguns poucos, como o deputado Fernando Gabeira, que na *Folha de S. Paulo* (30 de janeiro de 2009) se perguntava: "Se houver outro mundo, ou, mais modestamente, um mundo melhor, dependerá mesmo de fóruns como esses?" Se ele tivesse participado do Fórum de Belém não teria essa dúvida. Em 2001, os céticos já haviam profetizado o fim do movimento altermundista. Chamaram o FSM de movimento retrógrado. Quem esteve em Belém constatou a extraordinária vitalidade, atualidade e capacidade do FSM de se reinventar e de responder aos desafios do presente. O impacto do Fórum aumentou. Quem agora está em crise é o Fórum de Davos e seus dogmas econômicos que caíram por terra.

A crise econômica deu mais relevância ao tema do desenvolvimento sustentável. Ele ganhou novo interesse e grande atualidade. Nesse contexto, não é de se estranhar que tivesse tido, nessa edição, a repercussão que teve. De certa forma, esse tema resume o debate das crises atuais. Há dois anos, quando iniciamos a preparação deste Fórum, pensávamos que essa edição seria dominada pela crise climática. A crise energética e a financeira deram um outro conteúdo ao tema da Amazônia. De certa forma, nele convergiram todas as grandes crises atuais: a crise social, cujo resultado é a pobreza e a exclusão; a crise de alimentos, agravada com a crise da água; a crise do efeito estufa, acelerada pelo aquecimento global.

Entre as alternativas de desenvolvimento sustentável ganhou mais espaço, nesse Fórum, a economia solidária, com suas numerosas iniciativas coletivas, projetos e empreendimentos. Ela pode ser uma das formas de superação da crise econômica. Por princípio, ela se apoia no desenvolvimento sustentável e no respeito aos direitos das pessoas. A economia solidária incorporou a sustentabilidade socioambiental como dimensão de uma nova cultura do desenvolvimento chamada, na tradição indígena, de "bem viver".

A crise que vivemos hoje não é apenas econômica. É a crise do nosso próprio modo de produzir e reproduzir nossa existência no planeta. Os movimentos sociais e ONGs, a sociedade civil global, no espaço do Fórum, vão ter muito trabalho para construir esse outro mundo possível. Hoje, os poderosos, os senhores da guerra, que ridicularizaram ontem, arrogantemente, os militantes do FSM, não o fazem mais com a mesma desenvoltura. O Fórum estava certo, mas não basta estar certo para mudar o mundo. É preciso muito mais.

Revista Fórum, abril de 2009

35

Comunicação e mídia livre

Os debates em torno de um novo modelo de comunicação democrática, sobretudo no Brasil, nunca foram tão intensos como no Fórum Social Mundial 2009, com eventos como a realização do I Fórum Mundial de Mídia Livre, o anúncio da Conferência Nacional de Comunicação e o lançamento do edital Prêmio Pontos de Mídia Livre, apenas para citar algumas iniciativas. Foi na ambiência do Fórum, desde sua primeira edição realizada em Porto Alegre, em 2001, que o conceito de comunicação compartilhada vem sendo construído e amadurecido por grupos, redes, coletivos, movimentos sociais, instituições e veículos, introduzido, inicialmente, pela Ciranda Internacional de Informação Independente.

Para essas redes e grupos, trata-se da possibilidade de participar de uma cobertura livre e/ou jornalística de eventos de interesse social, por meio da troca de esforços e conteúdos entre meios e pessoas envolvidas com a comunicação não corporativa e/ou de mercado. Em sua essência, traz como característica a resistência à lógica neoliberal de gestão controlada da mídia, ao contrapor a troca solidária às práticas competitivas e ao abordar temas sócio-político-econômico-culturais sem o viés mercantilista da grande mídia. A informação não é mercadoria.

As discussões no Fórum vêm contribuindo para que se faça da comunicação um direito humano. Foi nesse contexto que nasceu o I Fórum Mundial de Mídia Livre, realizado entre 26 e 27 de janeiro de 2009, centrado em três temas: "Como ampliar o midialivrismo", "A mídia e a crise" e "Seminário de comunicação compartilhada". Dele saiu a recomendação de que o Fórum de Mídia Livre – articulação nacional lançada entre 14 e 15 de junho de 2008 no Rio de Janeiro, que organizou a edição internacional – assumisse a responsabilidade e "o esforço por trabalhar pela construção de uma articulação latino-americana e internacional com a participação de veículos e organizações em torno de uma proposta de uma mídia livre".

Embora o conceito de mídia livre esteja em construção, uma das preocupações não é "enquadrar, alinhar, rotular, unificar" a atuação dos(as) ativistas, coletivos, redes, ONGs, veículos alternativos, comunitários, universitários, mas estimular, ampliar e construir espaços para uma atuação de comunicação democrática que passe necessariamente pelos debates das políticas públicas do setor – verbas publicitárias, formação de comunicadores(as), novas tecnologias/espectro, produção, veiculação e distribuição da informação, concessões de rádio e TV, entre tantos outros.

A grande mídia está comprometida com grande capital. O poder econômico está associado ao poder midiático que domina a sociedade e controla o poder político. Como afirmou, num dos debates Ignácio Ramonet, ex-diretor do *Le Monde Diplomatique* na França (*www.ipsterraviva.net*, 30 de janeiro de 2009), "a aliança com os meios financeiros e a adoção dos seus métodos por parte da mídia são a causa da decadência da imprensa". O Fórum vem apontando que a mídia comercial também foi cúmplice da crise. Ela vinha glorificando as vantagens do neoliberalismo, do livre mercado, defendendo o desmonte do Estado e a liberdade comercial. Agora, a crise deverá desmascarar essa mídia.

Ainda no contexto do FSM foi lançado, pelo Ministério da Cultura o edital Prêmio Pontos de Mídia Livre que visa incentivar projetos de comunicação compartilhada, realizados por Pontos de Cultura. Esta primeira versão tem como objetivo mapear a rede de comunicação livre no Brasil.

Além do "midialivrismo", os debates convergiram para a necessidade de realizar, no Brasil, uma Conferência Nacional de Comunicação. Muitos grupos que atuam na perspectiva da democratização dos meios vêm pressionando o governo federal pela realização da Conferência, cujo anúncio foi feito pelo ministro Luiz Dulci, durante o FSM, e estabelecida em decreto do governo federal dia 17 de abril de 2009. Sob o tema Comunicação: meios para a construção de direitos e de cidadania na era digital, a 1ª Confecom acontecerá de 14 a 17 de dezembro de 2009.

As Conferências Nacionais lançadas pelo governo Lula se constituíram em espaços privilegiados de participação popular e de formulação de políticas públicas em diferentes áreas. Elas oferecem aos cidadãos(ãs) condições de formular e monitorar as políticas públicas. Estendê-las a todos os campos se constitui hoje num verdadeiro direito de cidadania.

Informação é poder. Não há sociedade democrática sem meios de comunicação democráticos. Democratizar a informação é democratizar o poder. O debate será acirrado e não se limitará à Conferência Nacional. A sociedade organizada, por meio de seus movimentos sociais e populares, precisa se mobilizar. Será que o público sabe que as emissoras de TV e rádio, veículos de comunicação de maior alcance, são uma concessão pública, outorgada pelo Estado? Por que elas ocultam esse fato? Um trabalho de educação e conscientização é necessário, e a Conferência pode contribuir nesse sentido. Como cenário apontado já no começo do ano, 2009 certamente marcará a história da comunicação brasileira. E a luta não será fácil.

Revista Fórum, maio de 2009

36

Amazônia sustentável

O Fórum Social Mundial, como espaço de diferentes iniciativas, integra diferentes Fóruns, que realizam seus encontros também nos eventos do FSM. Em Belém eles debateram diversos temas, tais como a mercantilização da educação, a justiça ambiental, a segurança alimentar, o trabalho escravo, os direitos humanos, a cultura da paz, a soberania popular, o modelo energético, o desmatamento etc. Mas nenhum deles teve tanto destaque como a questão amazônica. O Fórum Pan-Amazônico ocupou todo o dia 28 de janeiro discutindo a região, considerada inseparável do resto do mundo.

De certa forma, a Amazônia é responsável pelo equilíbrio do próprio planeta. Neste Fórum ficou claro que o crescimento econômico não pode prescindir da defesa do meio ambiente. Concepções diferentes e até antagônicas de projetos e planos para a região estavam na pauta, como o acesso, uso e controle dos recursos naturais que são hoje objeto de disputas acirradas. O FSM de Belém mostrou a centralidade da questão ambiental na definição dos modelos de desenvolvimento e da organização social, não só para o Brasil, mas para o mundo.

Ficou evidente que as elites brasileiras não precisaram de dinheiro para se apropriar da terra na Amazônia, fazendo-o por meio de artifícios legais, expulsando os indígenas, impondo um modelo econômico predatório e concentrador de renda. Por isso o capitalismo brasileiro é tão cruel. Nesse contexto foi dito que o principal problema local continua sendo a grilagem, que desembocou no modelo de desenvolvimento atual, que tem o desmatamento e as queimadas como suas consequências. Mas a Amazônia tem outros desafios, como o trabalho escravo, a exploração da mulher e a pobreza. O aumento das atividades econômicas na região não se traduziu em benefícios duradouros para a população dali.

Os amazônidas estão lutando por um desenvolvimento justo e não predatório da região. Segundo a "Carta Compromisso" do Fórum Amazônia Sustentável, lançado em novembro de 2007, também em Belém, "a Amazônia representa uma oportunidade única para que se alcance um modelo de desenvolvimento inovador e sustentável, com os devidos cuidados no uso dos recursos naturais, sem desperdícios e em benefício de todos, garantindo condições dignas de vida para suas populações, a valorização do seu patrimônio cultural e a conservação do patrimônio biológico".

O desafio é mudar a rota do desenvolvimento e caminhar em direção à sustentabilidade. E para que a sustentabilidade aponte a um outro mundo possível é necessário que consideremos não só o ecológico, mas também o social. A sustentabilidade ecológica diz respeito ao meio ambiente, à demografia, recursos naturais e ecossistemas. Ela se refere à base física do processo de desenvolvimento e à capacidade da natureza de suportar a ação humana, com vistas à sua reprodução, e aos limites das taxas de crescimento populacional. Já a sustentabilidade social refere-se à cultura, à política, à manutenção da diversidade e das identidades. Ela está diretamente relacionada com a qualidade de vida das pessoas, da justiça distributiva e com o processo de construção da cidadania e da participação das pessoas no processo de desenvolvimento.

Marx dizia que o capitalismo não esgota apenas o trabalhador. Ele esgota também o planeta. O modelo capitalista é que está em questão. É ele que está esgotando tanto as pessoas quanto o planeta. A questão ambiental depende da consciência ecológica e esta, da educação. Por isso, precisamos educar para a sustentabilidade, que é, também, educar para o uso de fontes renováveis de energia, para economizar energia e rever nosso modo de vida, portanto, educar para o consumo sustentável. Mas seria falso se insistíssemos apenas na mudança de comportamento dos indivíduos, deixando em paz o sistema. A mudança das pessoas e do sistema é um processo único.

A educação deve formar cidadãos para a participação. Mas, para educar para e pela cidadania, ela precisa ensinar, também, como funciona o sistema financeiro, os bancos, as empresas, como funciona um paraíso fiscal, quem ganha e quem perde nas relações comerciais internacionais, como se usam os recursos naturais, como funcionam as organizações internacionais etc. Para alcançarmos a sustentabilidade precisamos ir além da necessária educação ambiental. Nesse sentido, a escola cidadã não é só aquela

que dá exemplo de cidadania e de sustentabilidade, mas aquela que ensina, pelos seus conteúdos, pelo seu currículo escolar, como funciona o mundo social, político e econômico. O desafio é mudar o sistema de vida na Terra, o sistema capitalista.

Enfim, a definição que dermos à Amazônia servirá como diretriz para o tipo de Brasil que queremos, para que tipo de mundo queremos. Por isso é tão importante a sustentabilidade da Amazônia. A região está oferecendo uma chance sem precedentes para o mundo e, particularmente, para o Brasil. Ele pode inserir-se de forma protagônica numa nova ordem planetária.

Revista Fórum, junho de 2009

37

Espaço de incubação de iniciativas

Francisco Whitaker, um dos fundadores do FSM, tem dito que este é um "espaço incubador de novas iniciativas". Indígenas, mulheres, negros, quilombolas, ecologistas e outros se juntam, criam redes e alianças e já sentem resultados concretos. Veja o que aconteceu com a Área de Livre Comércio das Américas (ALCA): a resistência partiu do FSM. O mesmo se diga da luta contra a guerra, a luta pela água como bem público, a Plataforma de lutas do Fórum Mundial de Educação. Esse espaço incubador se manifestou em Belém por meio de sete Fóruns simultâneos ao FSM: Fórum Mundial de Juízes, Fórum Mundial de Educação, Fórum de Autoridades Locais da América Latina, Fórum da Amazônia, Fórum Teologia e Libertação, Fórum Ciência e Democracia e Fórum Mídia Livre.

Todas essas energias não ficam isoladas. Em Belém criou-se a *Praça de convergência* onde foram apresentadas as conclusões de cada atividade, de cada grupo e de cada Fórum. O que se discutia foi sendo socializado nessa "praça" que era também um espaço de celebração, de encontro, facilitando alianças e parcerias, construindo alternativas concretas.

O último dia foi reservado para as alianças estratégicas. Assembleias temáticas se reuniram para, depois, realizar um grande ato: uma *Assembleia de Assembleias* em torno dos dez principais objetivos do FSM Amazônia. Foi o lugar onde se pôde ver o que se está produzindo em termos desse outro mundo possível, construído desde já, em processo. Foram visibilizadas as nossas alternativas. Não temos apenas ideias. Temos experiências alternativas concretas e práticas que já estão sendo colocadas em ação. Como disse Francisco Whitaker, "já saímos do mero discurso e da discussão de intelectuais, militantes e ambientalistas. Somos cada vez mais numerosos e estamos cada vez mais organizados e conscientizados" (In: *Público*, Belém, 28 de janeiro de 2009, p. E2).

Essa necessidade de estar organizado e em articulação, foi particularmente mostrado pela economia solidária. A Rede

Intercontinental para Promoção Social e Solidária (Ripess), em Belém, propôs maior aproximação com ONGs e movimentos sociais, movimentos sindicais, grupos de mulheres, e outros, voltados para a soberania alimentar: "nossa meta é poder estabelecer plataformas comuns ao desenvolvimento. Por isso, o FSM é o momento mais adequado para garantirmos essa aproximação", afirmou Arturo da Palma Torres, um dos integrantes dessa Rede (*apud*, Christina Hayne, "Economia solidária é assunto do Fórum", In: *Público*, Belém, 27 de janeiro de 2009, p. E4).

Entre outros Fóruns e Jornadas quero destacar aqui a *Jornada Internacional de Educação Ambiental*. Na verdade, uma Jornada preparatória à II Jornada que será realizada em 2012, celebrando os 20 anos de sua existência. A primeira foi realizada no contexto do *Fórum Global*, realizado no Rio de Janeiro, em julho de 1992. Os participantes desta Jornada comprometeram-se a "viabilizar uma melhor socialização quanto aos conceitos que fundamentam a educação ambiental", "garantir uma maior abrangência da educação ambiental nos três níveis de organização da sociedade (poder público, iniciativa privada e terceiro setor)" e "ampliar, articular e integrar as organizações da sociedade civil com o propósito de fortalecer transformações significativas".

O *Tratado de educação ambiental* inaugurou um tempo novo com o conceito de "sociedades sustentáveis", mais amplo do que o conceito de desenvolvimento sustentável. Ele mostrou que a educação ambiental não pode reduzir-se ao plantio de árvores, a passeios ecológicos, à proteção das baleias. Hoje, mais do que os rios e as florestas, é o meio ambiente urbano que é o mais insustentável. É a nossa casa. Precisamos melhorar primeiro o ambiente em que vivemos. Para isso é preciso investir num modo de vida sustentável que começa por um consumo ético e responsável. Precisamos construir "sociedades sustentáveis".

E não poderíamos deixar de destacar ainda a participação dos jovens no FSM. A cara do FSM é jovem. A maioria das atividades culturais são animadas por eles. Rapidamente eles se enturmam, fazem amizades, comunicam-se, trocam ideias e fazem planos. O FSM representa uma grande oportunidade de conhecer jovens de outros países e de outras culturas. Muitos jovens dizem que vão ao Fórum para "radicalizá-lo" e descobrem logo, ao experimentar a participação ativa nele, que se trata de algo muito mais complexo do que "desviá-lo" para um certo caminho.

Os jovens organizaram muitas atividades, aprenderam a discutir, articular e negociar, formando-se e amadurecendo politicamente. Fortaleceram suas lutas e vários projetos coletivos acabaram nascendo a partir dessas atividades. Muitos participantes do FSM vêm com seus filhos e o Fórum organiza atividades para eles. As crianças escrevem cartas para seus novos colegas e se conhecem, estabelecendo novas amizades, novas relações. Crianças de diferentes continentes e línguas, crianças falando com outras crianças, contando sua história, onde vivem, o que fazem, quem são seus pais... diversidade enorme de temas. Nos jovens está o futuro do FSM.

Revista Fórum, junho de 2009

Agenda dos Fóruns

A realização do Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, inspirou a multiplicação de diversos eventos de âmbito local, regional e temático, no mesmo espírito. Eis os eventos que foram destacados, desde julho de 2006.

Fórum Social Caribe
Martinica
5 a 9 de julho de 2006
www.fsc2006-martinique.com
forosocialcaribe@habitants.org

Forum Social Midwest
Milwaukee, Wisconsin, EUA
6 a 9 de julho de 2006
www.mwsocialforum.org
info@mwsocialforum.org

II Fórum Social da Tríplice Fronteira
Ciudad del Este, Paraguai
21 a 23 de julho de 2006
proforumsocial@quanta.com.py

Fórum Social Uganda
31 de julho a 3 de agosto de 2006

II Fórum Social Paraná Médio
Argentina
8 a 10 de setembro de 2006
www.paranamedio.org.ar
osocialparanamedio@yahoo.com.ar

II Foro Social Juvenil
Paraná, Entre Ríos, Argentina
4 a 16 de setembro de 2006
http://eco21.com.ar/forosocialjuvenil
forosocialjuvenil@eco21.com.ar

Primeiro Fórum Social Regional
Saguenay-Lac-Saint-Jean
Séminaire Marie-Reine du Clergé,
Métabetchouane, Quebec, Canadá
22 a 24 de setembro de 2006
www.forumsocial02.org
forumsocial02@gmail.com

Fórum Social Fronteiriço
Ciudad Juarez, México
13 a 15 de outubro de 2006
www.forosocialfronterizo.blogspot.com
cisoorg@prodigy.net

II Fórum Social Português
Almada, Portugal
13 a 15 de outubro de 2006
www.forumsocialportugues.org

Fórum Social Moçambicano
Maputo, Moçambique
6 a 10 de novembro de 2006

Fórum Social Índia
Delhi, Índia.
9 a 13 de novembro de 2006

Fórum Social Porto Rico
Rio Piedras, Porto Rico
17 a 19 de novembro de 2006

Fórum Social Chile
Santiago de Chile
25 e 26 de novembro de 2006

Fórum Social Argélia
14 e 15 de dezembro de 2006

IV Fórum Social Potiguar
Natal, Rio Grande do Norte
14 a 17 de dezembro

V Fórum Mundial de Educação
Nairóbi, Quênia
20 a 25 de janeiro de 2007

VII Fórum Social Mundial
Data: 20 a 25 de janeiro de 2007
Local: Nairóbi, Quênia

V Fórum de Autoridades Locais
Nairóbi, Quênia
24 de janeiro de 2007

Fórum Social EUA
Atlanta, Geórgia, Estados Unidos
27 de junho a 1 de julho de 2007

Fórum Social Quebec
Quebec, Canadá - junho de 2007

II Fórum Social Nordestino
Salvador, Bahia
2 a 5 de agosto de 2007
www.forumsocialnordestino.org.br
secretaria2fsne@yahoo.com.br

Fórum Social Quebec
Quebec, Canadá
23 a 26 de agosto de 2007
www.forumsocialquebec.org/2007

Fórum Mundial de Educação Temático - Alto Tietê, São Paulo
3 a 16 de setembro de 2007
www.forummundialeducacao.org

Fórum Social das Américas
Guatemala
7 a 12 de outubro de 2008
www.forosocialamericas.org

II Fórum Social Mundial: Sabedorias Ancestrais
Cochabamba, Bolívia
de 12 a 15 de outubro de 2007
www.fsmsabiduriasancestrales.com

Fórum Social Alemanha
Cottbus, Alemanha
18 a 21 de outubro de 2007
www.sozialforum2007.de/

Fórum Social da Juventude do Mercosul
Florianópolis, Santa Catarina
1 a 4 de novembro de 2007
www.forumsocialdajuventude.com.br

Dia de Mobilização e Ação Global
26 de janeiro de 2008
www.wsf2008.net

Fórum Social do Mercosul
26 a 30 de janeiro de 2008
Curitiba, Paraná
www.forumsocialdomercosul.org

Fórum Mundial de Educação da Baixada Fluminense
Nova Iguaçu, Rio de Janeiro
27 a 30 de março de 2008
www.forummundialeducacao.org

Fórum Social de Saguenay-Lac-St-Jean
Quebec, Canadá
2 a 4 de maio de 2008
www.forumsocial02.org

Fórum Mundial de Educação Santa Maria - Educação, economia solidária e ética planetária
Santa Maria, Rio Grande do Sul
28 a 31 de maio de 2008
www.forummundialeducacao.org

III Fórum Social da Tríplice Fronteira
Foz do Iguaçu, Paraná
5 a 7 de junho de 2008
comitelocaltriplicefronteira@hotmail.com

Fórum Social Regional de London
Ontário, Canadá
12 a 15 de junho
www.rsflondon.ca

Cúpula africana contra o G8 (Fórum dos Povos)
Koulikoro, República do Mali
6 a 9 de julho
www.forumdespeuples.org
forumdespeuples@gmail.com

Fórum Mesoamericano
Nicarágua
14 a 16 de julho
http://foro-mesoamericano.org/inicio.htm

Grito dos Excluídos
Brasil - 7 de setembro de 2008

III Fórum Social Mundial das Migrações
Madri, Espanha
11 a 13 de setembro de 2008

Fórum Social Europeu
Malmo, Suécia
17 a 21 de setembro de 2008

III Fórum Social Américas
Guatemala
7 a 12 de outubro de 2008

Fórum dos povos da Ásia – Europa
Beijing, China
15 a 17de outubro de 2008

Assembleia dos Movimentos Sociais da Amazônia
Belém, Pará
28 a 30 de novembro de 2008

Cúpula de Líderes do Fórum de Cooperação Econômica Asiática-Pacífico
Lima, Peru
28 a 30 de novembro
www.apec.org

III Fórum Mundial de Teologia e Libertação
Belém, Pará
21 a 25 de janeiro de 2009
www.wftl.org

VI Fórum Mundial de Educação
Belém, Pará
26 de janeiro a 1º de fevereiro de 2009
www. forummundialeducacao.org

Fórum Mundial Mídia Livre
Belém, Pará
26 a 27 de janeiro de 2009
fml.wikispaces.com

IX Fórum Social Mundial
Belém, Pará
27 de janeiro a 1º de fevereiro de 2009
www.fsm2009amazonia.org.br

X Fórum Internacional Software Livre
Porto Alegre, Rio Grande do Sul
24 a 27 de junho de 2009
www.fisl.org.br

II Fórum Mídia Livre
Vitória, Espírito Santo
agosto 2009
forumdemidialivre.blogspot.com/

I Fórum Social e I Feira Mundial de Economia Solidária
Santa Maria, Rio Grande do Sul
22 a 24 de janeiro de 2010
Canoas, Rio Grande do Sul
25 a 29 de janeiro de 2010
www.fsmecosol.org.br

Fórum Social Mundial, 10 anos
Grande Porto Alegre, R. G. do Sul
25 a 29 de janeiro de 2010
www.fsm10.org

Fórum Social Mundial Temático
Salvador, Bahia
29 a 31 de janeiro de 2010
www.fsmtbahia.com.br

II Fórum Social Local do Atlântico
Kpomassé, Benin
28 a 31 de janeiro de 2010
http://fsla.outrenet.com/

Fórum Social Mundial Madri 2010
Madri, Espanha
28 a 31 de janeiro de 2010
www.fsmmadrid.org

Fórum Social Tóquio
Tóquio, Japão
24 de janeiro de 2010
http://tokyo.socialforum.jp

Fórum Social Osaka
Osaka, Japão
21 e 22 de março de 2010
http://osaka.socialforum.jp/

Fórum Social Europeu
Istambul, Turquia
1 a 4 de julho de 2010
www.sosyalforum.org

Fórum Mundial de Educação Temático sobre Educação, Pesquisa e Cultura de Paz
Santiago de Compostela, Espanha
9 a 13 de dezembro de 2010
www.forummundialeducacao.org

Carta de princípios do Fórum Social Mundial[1]

O Comitê de entidades brasileiras que idealizou e organizou o primeiro Fórum Social Mundial, realizado em Porto Alegre de 25 a 30 de janeiro de 2001, considera necessário e legítimo, após avaliar os resultados desse Fórum e as expectativas que criou, estabelecer uma *Carta de Princípios* que oriente a continuidade dessa iniciativa. Os Princípios contidos na Carta, a ser respeitada por tod@s que queiram participar desse processo e organizar novas edições do Fórum Social Mundial, consolidam as decisões que presidiram a realização do Fórum de Porto Alegre e asseguraram seu êxito, e ampliam seu alcance, definindo orientações que decorrem da lógica dessas decisões.

1. O Fórum Social Mundial é um espaço aberto de encontro para o aprofundamento da reflexão, o debate democrático de ideias, a formulação de propostas, a troca livre de experiências e a articulação para ações eficazes, de entidades e movimentos da sociedade civil que se opõem ao neoliberalismo e ao domínio do mundo pelo capital e por qualquer forma de imperialismo, e estão empenhadas na construção de uma sociedade planetária orientada a uma relação fecunda entre os seres humanos e destes com a Terra.
2. O Fórum Social Mundial de Porto Alegre foi um evento localizado no tempo e no espaço. A partir de agora, na certeza proclamada em Porto Alegre de que "um outro mundo é possível", ele se torna um processo permanente de busca e construção de alternativas, que não se reduz aos eventos em que se apoie.
3. O Fórum Social Mundial é um processo de caráter mundial.

1. Aprovada e adotada em São Paulo, em 9 de abril de 2001, pelas entidades que constituem o Comitê de Organização do Fórum Social Mundial, aprovada com modificações pelo Conselho Internacional do Fórum Social Mundial em dia 10 de junho de 2001

Todos os encontros que se realizem como parte desse processo têm dimensão internacional.

4. As alternativas propostas no Fórum Social Mundial contrapõem-se a um processo de globalização comandado pelas grandes corporações multinacionais e pelos governos e instituições internacionais a serviço de seus interesses, com a cumplicidade de governos nacionais. Elas visam fazer prevalecer, como uma nova etapa da história do mundo, uma globalização solidária que respeite os direitos humanos universais, bem como os de tod@s @s cidadãos e cidadãs em todas as nações e o meio ambiente, apoiada em sistemas e instituições internacionais democráticos a serviço da justiça social, da igualdade e da soberania dos povos.
5. O Fórum Social Mundial reúne e articula somente entidades e movimentos da sociedade civil de todos os países do mundo, mas não pretende ser uma instância representativa da sociedade civil mundial.
6. Os encontros do Fórum Social Mundial não têm caráter deliberativo enquanto Fórum Social Mundial. Ninguém estará, portanto autorizado a exprimir, em nome do Fórum, em qualquer de suas edições, posições que pretenderiam ser de tod@s @s seus/suas participantes. @s participantes não devem ser chamad@s a tomar decisões, por voto ou aclamação, enquanto conjunto de participantes do Fórum, sobre declarações ou propostas de ação que @s engajem a tod@s ou à sua maioria e que se proponham a ser tomadas de posição do Fórum enquanto Fórum. Ele não se constitui portanto em instância de poder, a ser disputado pelos participantes de seus encontros, nem pretende se constituir em única alternativa de articulação e ação das entidades e movimentos que dele participem.
7. Deve ser, no entanto, assegurada, a entidades ou conjuntos de entidades que participem dos encontros do Fórum, a liberdade de deliberar, durante os mesmos, sobre declarações e ações que decidam desenvolver, isoladamente ou de forma articulada com outros participantes. O Fórum Social Mundial se compromete a difundir amplamente essas decisões, pelos meios ao seu alcance, sem direcionamentos, hierarquizações, censuras e restrições, mas como deliberações das entidades ou conjuntos de entidades que as tenham assumido.

8. O Fórum Social Mundial é um espaço plural e diversificado, não confessional, não governamental e não partidário, que articula de forma descentralizada, em rede, entidades e movimentos engajados em ações concretas, do nível local ao internacional, pela construção de um outro mundo.
9. O Fórum Social Mundial será sempre um espaço aberto ao pluralismo e à diversidade de engajamentos e atuações das entidades e movimentos que dele decidam participar, bem como à diversidade de gênero, etnias, culturas, gerações e capacidades físicas, desde que respeitem esta *Carta de Princípios*. Não deverão participar do Fórum representações partidárias nem organizações militares. Poderão ser convidados a participar, em caráter pessoal, governantes e parlamentares que assumam os compromissos desta Carta.
10. O Fórum Social Mundial se opõe a toda visão totalitária e reducionista da economia, do desenvolvimento e da história e ao uso da violência como meio de controle social pelo Estado. Propugna pelo respeito aos Direitos Humanos, pela prática de uma democracia verdadeira, participativa, por relações igualitárias, solidárias e pacíficas entre pessoas, etnias, gêneros e povos, condenando todas as formas de dominação assim como a sujeição de um ser humano pelo outro.
11. O Fórum Social Mundial, como espaço de debates, é um movimento de ideias que estimula a reflexão, e a disseminação transparente dos resultados dessa reflexão, sobre os mecanismos e instrumentos da dominação do capital, sobre os meios e ações de resistência e superação dessa dominação, sobre as alternativas propostas para resolver os problemas de exclusão e desigualdade social que o processo de globalização capitalista, com suas dimensões racistas, sexistas e destruidoras do meio ambiente está criando, internacionalmente e no interior dos países.
12. O Fórum Social Mundial, como espaço de troca de experiências, estimula o conhecimento e o reconhecimento mútuo das entidades e movimentos que dele participam, valorizando seu intercâmbio, especialmente o que a sociedade está construindo para centrar a atividade econômica e a ação política no atendimento das necessidades do ser humano e no respeito à natureza, no presente e para as futuras gerações.
13. O Fórum Social Mundial, como espaço de articulação, procura

fortalecer e criar novas articulações nacionais e internacionais entre entidades e movimentos da sociedade, que aumentem, tanto na esfera da vida pública como da vida privada, a capacidade de resistência social não violenta ao processo de desumanização que o mundo está vivendo e à violência usada pelo Estado, e reforcem as iniciativas humanizadoras em curso pela ação desses movimentos e entidades.

14. O Fórum Social Mundial é um processo que estimula as entidades e movimentos que dele participam a situar suas ações, do nível local ao nacional e buscando uma participação ativa nas instâncias internacionais, como questões de cidadania planetária, introduzindo na agenda global as práticas transformadoras que estejam experimentando na construção de um mundo novo solidário.

Referências bibliográficas

AMIN, Samir e François Houtart, orgs., 2003. *Mundialização das resistências: o estado das lutas 2003*. São Paulo: Cortez.

BAUMAN, Zygmunt, 1999. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

BECK, Ulrich, 1999. *O que é globalização? Equívocos do globalismo: respostas à globalização*. São Paulo: Paz e Terra.

CACEÑA, Ana Esther, org. 2005. *Hegemonias e emancipações no século XXI*. Buenos Aires: CLACSO.

CASSEN, Bernard, 2003. *Tout a commencé à Porto Alegre*. Paris: Mille et une nuits.

CATTANI, Antonio David, org., 2001. *Fórum Social Mundial: a construção de um mundo melhor*. Porto Alegre: UFRGS/Vozes.

COEP, 2008. *Das ruas às redes: 15 anos de mobilização social na luta contra a fome e a pobreza*. Rio de Janeiro: COEP.

GADOTTI, Moacir, 2007. *Educar para um outro mundo possível: o Fórum Social Mundial como espaço de aprendizagem de uma nova cultura política e como processo transformador da sociedade civil planetária*. São Paulo: Publisher Brasil.

GRAJEW, Oded, 2009. «Fórum Social Mundial, 10 anos». In: jornal *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 29 de novembro de 2009, p. 3.

GRZYBOWSKI, Cândido, 2003. "Por que pensar o Fórum Social Mundial?". In: *Democracia Viva*, nº 14. Rio de Janeiro: Ibase, Janeiro de 2003, pp. 3-14.

HOLLOWAY, John, 2003. *Mudar o mundo sem tomar o poder: o significado da revolução hoje*. Tradução de Emir Sader. São Paulo, Viramundo.

HOUTART, François e François Polet (orgs.), 2002. *O outro Davos: mundialização de resistências e de lutas*. São Paulo: Cortez.

LANDER, Edgardo, 2006. "Hacia el Foro Social Mundial Caracas 2006". In *Revista do Observatório Social de América Latina*. Buenos Aires, Argentina, ano VI, no. 18, setembro-dezembro de 2006, pp.15-27.

LEITE, José Corrêa, 2003. *Fórum Social Mundial: a história de uma invenção política*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

LEÓN, Irene, 2006. "O futuro do Fórum Social Mundial". In: *Democracia Viva*, nº 31. Rio de Janeiro: Ibase, abr 2006, / jun 2006, pp. 10-14.

LOUREIRO, Isabel, José Corrêa Leite e Maria Elisa Cevasco, orgs.,2002. *O espírito de Porto Alegre*. São Paulo: Paz e Terra.

MARTINS, Antonio, 2009. «Na era da maturidade?» In: Revista *Fórum*, novembro de 2009, pp. 8-11.

MÉSZÁROS, István, 2005. *A educação para além do Capital*. São Paulo: Boitempo.

MINA, Gianni, 2003. *Um outro mundo é possível*. São Paulo: Record.

MONEREO, Manuel e Miguel Riera (orgs.), 2001. *Outro mundo es possible*. Barcelona: El Viejo Topo.

MONEREO, Manuel e outros (orgs.), 2002. *Hacia el partido de oposición: Foro Social Mundial Porto Alegre*. Madrid: El Viejo Topo.

PATOMÄKI, Heikki e Teivo Teivainen, 2004. *A possible world: democratic transformation of global institutions*. London: Zed Books.

PATOMÄKI, Heikki e Teivo Teivainen, 208. *Democracia global*. Lima: Universidad Nacional Mayor de San Marcos.

SANTOS, Boaventura Souza, 2005. *Fórum Social Mundial: manual de uso*. São Paulo: Cortez.

SEN, Jai & Peter Waterman, eds., 2009. *World Social Forum: challenging empires*. Montreal: Black Rose Books.

STÉDILE, João Pedro, 2009. "Oito comentários sobre o Fórum". In: Revista *Caros Amigos* (número especial sobre o FSM), ano XII, nº 46, abril 2009, p. 9.

TEIVAINEN, Teivo, 2003. *Pedagogía del poder mundial: relaciones internacionales y lecciones de desarrollo en América Latina*. Lima: CEDEP.

VÁRIOS, 2003. *Fórum Social Mundial 2003*. Rio de Janeiro, IBASE, 3 volumes (I: Conferências; II: Painéis; II: Atividades autogeridas).

VÁRIOS, 2003a. *III Fórum Social Mundial*. São Paulo: Carta Maior.

WHITAKER, Francisco, 2005. *O desafio do Fórum Social Mundial: um modo de ver*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Loyola.

WHITAKER, Francisco, 2009. "Um novo bem comum da humanidade". In: Revista *Caros Amigos* (número especial sobre o FSM), ano XII, nº 46, abril 2009, pp. 28-29.